



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DANÇA

CARLOS AUGUSTO DE ANDRADE

DANÇANDO COM DEMÔNIOS:
CARTAS AOS COLONIZADOS E COLONIZADORES CORPOS
DANÇANTES BRASILEIROS

Salvador
2024

CARLOS AUGUSTO DE ANDRADE

DANÇANDO COM DEMÔNIOS:

CARTAS AOS COLONIZADOS E COLONIZADORES CORPOS

DANÇANTES BRASILEIROS

Dissertação apresentada como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Dança, ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Bittencourt Machado.

Salvador
2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Andrade, Carlos Augusto de.

Dançando com demônios: cartas aos colonizados e colonizadores corpos dançantes brasileiros /
Carlos Augusto de Andrade. - 2024.

104 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bittencourt Machado.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2024.

1. Dança. 2. Dança - Filosofia. 3. Imagem corporal na arte. 4. Descolonização na arte. 5. Percepção
I. Machado, Adriana Bittencourt. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3

TERMO DE APROVAÇÃO

CARLOS AUGUSTO DE ANDRADE

DANÇANDO COM DEMÔNIOS: CARTAS AOS COLONIZADOS E COLONIZADORES CORPOS DANÇANTES BRASILEIROS.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Dança, pelo Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 21 de junho de 2024.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Adriana Bittencourt – Orientadora
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP
Universidade Federal da Bahia (Escola de Dança – PPGDança)



Documento assinado digitalmente
ADRIANA BITTENCOURT MACHADO
Data: 15/07/2024 15:45:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Márcia Virgínia Mignac da Silva
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP
Universidade Federal da Bahia (Escola de Dança – PPGDança)



Documento assinado digitalmente
MARCIA VIRGINIA MIGNAC DA SILVA
Data: 22/07/2024 12:41:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Kenia e Silva Dias
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP
Universidade de Brasília – UnB



Documento assinado digitalmente
KENIA E SILVA DIAS
Data: 25/07/2024 14:49:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elegbara. Ologunedè.

Aos ancestres: Vó Cida, Pai Tomé, Maria Padilha, Exu Veludo.

AGRADECIMENTOS

Aos vivos Orixás em minha vida, e todas entidades que compartilham/ram desta caminhada:
Dona Maria Baiana, Cigana Maria Rosa, as 7 Saias, Maria Mulambo, Maria Navalha, Exu do Lodo, Exu Tiriri, Zé Malandro, os Tranca Ruas, Cabocla Jurema.

Aos amigos Musas que *pelo e por* amor nos correlacionamos:

Mariá Marins, a que resgata, acolhe e expande.

Fernando Azevedo, a que pela magia e feitiço orienta.

Tiê Francisco Maria, a partilhadora das areias do tempo.

Eder Parladore, a das palavras como existência.

Jessica Nascimento, a emanadora de Asè.

Chico, Jalala, a das conexões interdimensionais.

Mônica Augusto, a das lavas em ebulições astrais.

As encruzilhadas, por: Diego Gonçalves, ser de sagitário, “você, metade gente, metade cavalo/ Durante o fim do ano cruza o planetário/ Cavalga elegância, cabeça em pé de guerra mansa/ Nas mãos arco e flecha, meu coração”¹, aterrado pela leveza do passado que enfim passa, pois temos o agora, da melhor forma. Construtor de pontes com Yaya Cavendish, Tabelaço, Mayana Magalhães, Bia Barreto, Clara Romariz e Ifadamilare Ojeyimika.

Adriana Bittencourt Machado, Pápumpumparapampam, “é muita coisa”, “Amadoo!”, “agora é a vez do Kall, né?!”, pelas “sinapses quebradas” nos fizemos plenos entre a cruz e a espada. Ambas librianas, pela manutenção do equilíbrio, na intensidade irrefreável se reconhecem pela loucura que habitam, entregam-se incondicionais as paixões que delas se apoderam.

Aline van der Linden, pelos bordados afetos de generosidade.

Renato Baldin, pelos prazeres e delícias.

Aninha Miranda, pelo estímulo e abertura de caminhos.

Ivan Bernardelli, pelas partilhas dançantes.

Felipe Stucchi, pela brincante e poética companhia.

Carolina Nóbrega, pela inteligência inspiradora.

Sérgio Tadeu Meirelles, pela natureza estrutural.

Kenia Dias, da Resposta ao Capataz para Dançando com Demônios.

Márcia Mignac, pela magia ritornelo de encruzilhadas.

¹CAVALCANTI, Péricles. Ser de Sagitário. Intérprete: Adriana Partimpim. In: **ADRIANA Partimpim**. Produzido por: Adriana Calcanhoto. Dé Pameira. Sacha Amback. [S.I.]. Ariola Records. BMG Brasil, 2004. 1 CD. Faixa 8.

Companheiros de Penápolis: Luyza Ulloffo, Vítor Passafaro, Carem Passafaro, Vilma Caputo, Camila Caputo, Vanda Parladore e Geso Júnior.

Companheiros de Aguai: Tão, Marília Torres, Luis Teodoro, Totó e Érika Calixto.

Companheiros de Salvador: Maicon, Dona Edinete, Mari Beija-Flor, Mar, Pad Mateo, Saulo Catão, Ana Luisa, André Araújo, Velluma Azevedo & Família, Carol Carvalho & Família.

Aos ciclos com Raquel Parras & Família. Ivana Carvalho Marins & Catarina. Ludmila Pimentel.

A Escola de Dança & Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA: corpo docente, técnicos, funcionários terceirizados, aos encontros com Natalia Rocha, Gardênia Coletto, Bruno de Jesus, Yasmim Buendia, Carolina, João Paulo L., Yuriê, Thais Rosa, Camila Nantes, Analu, Gabriela Ferrari, Julio Françaço, Pollyana Monteiro e seu companheiro Paulo Michelotto.

Ao Grupo de Pesquisa Laboratório Coadaptativo LabZat: Giltanei Amorim, Aldren Lincoln, Ireno Junior, Iara Costa, Luzia Amélia e Israel Souza.

Universidade Federal da Bahia e funcionários. Restaurante Universitário (Beijos Val), as Bibliotecas, BUZUFBA, PROFICI, PROAE.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

A cidade de Salvador, em particular aos bairros: Stella Maris, Barbalho, Barra, Amaralina, Federação, Garcia, Engenho Velho da Federação, Nazaré, Rio Vermelho e Carlos Gomes.

As praias.

Ao Goethe-Institut Brasilien | Salvador.

Ao Museu de Arte Moderna da Bahia.

A Feira de São Joaquim.

Ao Samba de São Lázaro.

A Concha Acústica.

Casa de Umbanda: União e Caridade.

Acarajé, inhame, pão de milho, molho lambão e cravinho.

A você, madrecita, inspiração para este trabalho: leitora ávida que adora escrita rebuscada, educação atrelada a submissão da faxina e redenção kardecista. Essas violências geracionais, maldições, por nós as enterro.

RESUMO

Este trabalho perscruta *modos de percepção* de tempos e corpos violentados pela colonização – sinonímia a possessão –, deste território a ser chamado Brasil. Perspectivado pela Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha desdobrando-a como procedimental a demonização dos corpos brasileiros, e se permanente aos corpos dançantes da atualidade. Exterioriza o problema: O conceito de Inversão Demonizante seria distinguível na Carta de Pero Vaz de Caminha para investigarmos imagens colonizadoras do tempo e dos corpos arraigados aos dançantes brasileiros da contemporaneidade? De intuito observar, analisar criticamente e imaginar por aproximações as violências colonizadoras, primeiramente, a colonização do tempo espiralar (MARTINS, 2021) pelo tempo cronológico axioma para “passado que não passa”, que culminaria ao brasileiro a proposição de colonizado e colonizador. Em segundo, a colonização do corpo pela imagem (MACHADO, 2012), corpo † cruz e sua *inversão* (CLARK, 2006) demonizante. Doravante revisão bibliográfica, utilizando método pós-positivista (FERNANDES, 2013) de pesquisa, esquadriharemos possibilidades relacionais a possessão, seja pelo pactuar (BENTO, 2022) com sua sistemática violenta, seja pelo dialogar com os demônios engendrados, para um desenlaçar reflexivo aos corpos que dançam, ao conjecturá-los **como** tempo (CARDOSO, 2013), ao *fazer-dizer* (SETENTA, 2008) de si, em reconhecimento de sua historicidade brasileira.

Palavras-chave: Dança; Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha; Colonização – Possessão; Inversão demonizante; Modos de Percepção.

ABSTRACT

This work examines ways of perceiving times and bodies violated by colonization – synonymous with possession - of this territory to be called Brazil. From the perspective of Pero Vaz de Caminha's Carta de Achamento, it unfolds the demonization of Brazilian bodies as a procedural process, and is permanent in today's dancing bodies. It externalizes the problem: Would the concept of Demonizing Inversion be distinguishable in Pero Vaz de Caminha's Letter to investigate colonizing images of time and bodies rooted in contemporary Brazilian dancers? Firstly, the colonization of spiral time (MARTINS, 2021) by the chronological time axiom for the "past that does not pass", which would culminate in the Brazilian proposition of colonized and colonizer. Secondly, the colonization of the body by the image (MACHADO, 2012), body † cross and its demonizing inversion (CLARK, 2006). In the following bibliographical review, using a post-positivist research method (FERNANDES, 2013), we will explore the relational possibilities of possession, either by agreeing (BENTO, 2022) with its violent system, or by dialoguing with the demons engendered, for a reflexive unraveling of the bodies that dance, by conjecturing them as time (CARDOSO, 2013), by making-saying (SETENTA, 2008) of themselves, in recognition of their Brazilian historicity.

Keywords: Dance; Pero Vaz de Caminha's Letter of Discovery; Colonization – Possession; Demonizing Inversion; Modes of Perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação 3D, Tempo Cronológico colonizando Tempo Espiralar.....	25
Figura 2 – Representação 3D. Tempo Espiralar.....	26
Figura 3 – Representação 3D, Tempo Espiralar estirado pelo Tempo Cronológico.....	27
Figura 4 – Saturno devorando a un hijo, Francisco de Goya.....	28
Figura 5 – Angelus Novus, Paul Klee.....	33
Figura 6 – Tríptico: Perão 600 anos de Invasão.....	62

ÍNDICE

(INTRODUÇÃO) CARTA A VOCÊ.....	10
(CAPÍTULO 1) CARTA 1: OUTROS TEMPOS.....	18
CHRONOS POSSUI SPIRALIS (TEMPO ESPIRALAR).....	24
INDIVÍDUO VIOLENTADO HISTORICAMENTE.....	31
ANEDOTA BRASILIS: BRODERAGEM CONUBIAL.....	34
(CAPÍTULO 2) CARTA 2: OUTROS CORPOS.....	42
KALLIGRAFAR.....	46
EISEGESE OU BOTANDO REPARO.....	53
CORPO.....	55
CRUZ.....	56
CARTA ABERTA A PERO VAZ DE CAMINHA.....	60
(CAPÍTULO 3) CARTA 3: DANÇANDO COM DEMÔNIOS.....	71
1.....	72
2.....	73
3.....	73
4.....	74
5.....	74
6.....	76
7.....	82
8.....	83
9.....	86
10.....	90
(CONCLUSÃO) EM PROCESSO DE.....	92
REFERÊNCIAS.....	97

CARTA A VOCÊ

(introduza seu local), 21 de junho de 2024.

Rapapé!²

Entabulemos Introduzir. Bem aceite a Introdução.

“My name is Kall, I'll be your host tonight/ I'd like to put you in a trance”³

Enroupo catsuit de vinil, reservei luva de látex, lubrificante a base de água e óleo de coco, dilatadores e nitrito de isoamila. Nossa palavra de segurança será ABNT (abuso não transponível), zona de amparo a normalidade rogada.

Quais seriam os fetiches da colonização, seus modos de violentar à obtenção do gozo?

Absolva-me!

Não tangenciarei o tema “Introdução”, nos deixemos ser introduzidos pelo objeto introdutório. Empecemos pela apresentação, seguido de metodologia, e desenvolvimento:

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação se caracteriza por pesquisar *modos de percepção* dos tempos e dos corpos resultantes da colonização, tendo como objetivo central a Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha, documento que testemunhara marco invasivo dos portugueses no território a ser chamado Brasil em 1500. A colonização e sua ação de colonizar, por violências, terá sua significação flexionada no sentido de possessão, ou seja, a posse, domínio, nos campos do tempo e dos corpos, especulando desdobramentos aos processos e configurações artísticas em dança.

Processo de (re)imersão na historicidade brasileira para nos (re)conhecermos brasileiros, perspectiva macroestrutural que surge pelo singularizado desejo de interpretar violências domésticas experienciadas. Interrogar as relações familiares partindo de análises esculpidas pela progressão histórica brasileira, integrando a parte ao todo, que fora compreendida ao deslocar ângulo observacional (mudara-me para a capital do estado a fim de estudar teatro), escrutínio de movença do particular ao coletivo. Pistas arguidas ao considerar a função laboral que minha mãe exercera (trabalhadora doméstica) ressoar no âmbito familiar como sistematização educacional, relacionando este cenário a colonização brasileira e suas violentas intersecções fundantes de nossa história.

Progenitor negro filho de nordestinos, genetriz branca neta de “bugre pega no laço”, irmã parda e branco eu, vosso interlocutor. Projeto eugenista à miscigenação concluído com sucesso? Camadas de

²Rapapé *s.m.* **1.** Ato de arrastar o pé ao cumprimentar **2.** Cumprimento rasgado, exagerado **3.** Bajulação, adulação, lisonja. *In:* NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1975. p, 1187.

³Adaptação da música Erotica. MADONNA. PETTIBONE, Shep. SHINKIM, Anthony. Erotica. Intérprete: Madonna. *In:* **EROTICA.** Produzido por: Madonna, Shep Pettibone, André Betts. [S.I.] Maverick/Sine: 1992. 1 CD. Faixa 1.

exigente elaboração, que a nós conferirá entroncamentos para vasculhar privilégios da racialidade que pertença. Desiludamos de matricular e assentar causas. Pontilharemos imagens que por ação engajante transladaremos transitoriamente, uníssonos as sensações dos fótons refletidos na tela adentrando retina, tão convidativo quanto um toque afável na pele.

Uma primeira asserção a você, legente, é que permitamos as sensações por crivos diversos que transbordem a compreensão comumente denominada de racional (assingeladamente), pois ao escrever morando em cidade litorânea, o mar e seus infinitos humores tornou-se fonte poética dando forma ao conteúdo desta dissertação, acorrendo sonoridades as escolhas zelosas das palavras, compondo intimidades e parcerias contigo, ensejo gentilmente, vosso apreciar.

Na maré de sizígia, partimos do tempo espiralar (Martins, 2021b) desenhando-o possuída pela colonização que o tempo cronológico exerce, estirando e deformando o ritornelo, acarretando traumas e fraturas a engendrar nos corpos brasileiros uma repetição ininterrupta do passado, a fim de esquecerem-se colonizados (possuídos) sobrepujados como colonizadores (possessores), refletidos pela própria colonização. Acareamos a coexistência destas duas condições, ou seja, ser brasileiro é ser colonizado e colonizador.

A colonização dispersa-se nos diferentes elementos ao ser refratada pela Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha, cunhada por predicado prismático que desaparecera após feitura, sendo traduzida para os brasileiros somente no início do século XX. Seria, a epístola, um dispositivo que permanecera pela ausência? Imagem que se correlacionara aos corpos por ambiência (Bittencourt, 2012), pois é estrutura e estruturante da fratura temporal, o passado que não passa?

A esta imagem, arguimos constructo corpo † cruz que se elaborara pelo episódico cravar da cruz na missa ocorrida em primeiro de maio de mil e quinhentos, a cruz por sua comunicabilidade relacional: corpo de Cristo sacrificado para redenção dos pecados, e os corpos pecaminosos sacrificiais à redenção. Imagem cristianizadora (colonizadora/possessora), que desenovelará processualmente, quando necessária, sua *inversão* (Clark, 2006). Inverter a cruz, metaforizada pela inversão da luz dado os fenômenos físicos na retina ocular (responsável pela formação das imagens), enrevesaria a divindade por seu binário oposto, malignidade, atribuindo a cultura e, portanto, aos corpos dos autóctones das terras invadidas o recurso da demonização, justificando as violências coloniais: catequização e subsequente escravização. O recurso demonizador dos corpos interessa-nos por sua simplificação imagética, o demônio, contudo, arraigado em arcabouços históricos complexos, comunicadores de medos, preconceitos, exclusões. Atualizado pelo designer da permanência, tanto nas produções audiovisuais, jogos de videogame, literatura como também bode expiatório a justificar políticas genocidas.

Incidimos a colonização ao esboçar *outros tempos & outros corpos* para imaginarmos considerações aos corpos dançantes em seus processos e configurações artísticas, nos aspectos:

- Pactuar, cientes ou não da possessão, optando pela manutenção e reposição de sua condição colonizadora a perpetuar violências. Pactuar é ser devorado pelo demônio;

- Vista a inexequibilidade do despossuir – assimilada a possessão como integrante ao que somos, brasileiros – alvitramos o *diálogo* como sistema. Dialogar com o demônio possessor organizaria pistas a captura e *inversão* da própria imagem possessor.

Reengenharias para uma provocação poética aos corpos dançantes, que se fazem corpos modificando seus designers quando dançam em seu *fazer-dizer* (Setenta, 2008) *de si como tempo* (Rocha, 2013) na historicidade brasileira fraturada e traumatizada.

Aos corpos brasileiros que dançam, desejamos dialogicidade para dançarem com seus demônios.

METODOLOGIA⁴

s.f. **1** LÓG ramo da lógica que se ocupa dos métodos das diferentes ciências **1.1** parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre **2.** *p.ext.* corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método.

método⁵ *s.m.* **1.** procedimento, técnica ou meio de se fazer alguma coisa, esp. de acordo com um plano **2.** processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação, etc. **3.** ordem, lógica ou sistema que regula uma determinada atividade **4.** modo de agir; meio, recurso **10.** FIL conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem-na à verdade.

Verbetes auxiliares à instrumentalização do tópico, pois esta pesquisa se instaura na instabilidade, como areia molhada que sobre a pressão de nossos pés esfacela-se e reagrupa-se de modos outros. Rearranjar-se a cada parágrafo, despencando nas fraturas para densitometria histórica, nas quais as tangíveis impossibilidades e agruras não obliteraram sonhar/imaginar/devanear, e os campos probabilísticos da liberdade criativa. Portanto, um dos fundantes guias a metodizar a pesquisa fora a afirmação “por onde dará pé”, ou seja, uma análise contínua as interposições: capacidades do pesquisador, tempo da pesquisa, regulação de desejos, instituição educacional.

Estipulado o problema da pesquisa: O conceito de Inversão Demonizante seria distinguível na Carta de Pero Vaz de Caminha para investigarmos imagens colonizadoras do tempo e dos corpos arraigados

⁴In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.1911

⁵In: DICIONÁRIO, 2001. p. 1910 *Ibid loc. cit.*

aos dançantes brasileiros da contemporaneidade? Grafado fora tantas vezes de modos tão diversos, exalando uma insuficiência crônica, assim como o antepor da metodologia que no componente curricular frequentado para aprendizado da mesma, manifestara-se a proporcionar pusilanimidade, como uma película exigida a nos vestir – presente de Medeia –, que não decifrada estrangula faustosamente. À vista disso, tateando o desconhecido ou mal compreendido método, foi na escrita, no fazer, no apurar, dialogando com os autores, enviando áudios aos amigos, debatendo com parceiros... A parceria é fundamental quando o olhar é acolhedor para ler, ouvir, indicar, questionar, para bosquejarmos sistematização organizacional do projeto. “O que você quis dizer com isto?” redarguia-me consorte acadêmico, ao explicar retrucava-me: “Não é isto que estou entendendo da sua escrita”, estimulando refundir do escriturado para consonância comunicacional. Este empenho agrura à escrita de fenômenos interconectivos da dança na dança, Ciane Fernandes (2013)⁶ nos interpõem,

A questão da escrita da dança não é algo novo, e muitos têm sido os caminhos e opções literalmente traçados, desde notações (sistemas genéricos e pessoais) a mediações interartísticas, escritas poéticas e, finalmente, a performance como escrita. Estas reverberações dançadas confirmam a natureza simbólica da dança (LANGER, 1980), para além de uma espontaneidade autêntica e intraduzível. Cada vez mais, a dança vem se afirmando como espaço intervalar e dinâmico entre experiências e representações, multiplicando-se em seus mais diversos modos de operar, intrinsecamente contraditório e, por isso mesmo criativo [...]. A diferenciação formal entre “dança” e “escrita” encontra-se cada vez mais tênue, não apenas pelo aumento de tendências midiáticas e intersemióticas da dança contemporânea, com a contaminação da arte da performance e das novas tecnologias, mas também por diversas tendências que propõem e provam o vínculo intersticial (BHABHA, 2005) entre experiência prática e reflexão teórica em várias áreas do conhecimento humano, a exemplo da filosofia e das ciências cognitivas (Fernandes, 2013, p. 19).

Em seu artigo, Fernandes (2013) alude metodologia que reverberara a fazedura desta pesquisa, nomeando método a congregar cientificidade acadêmica, a metodologia pós-positivista,

Ao invés de provar a verdade (positivista), o pesquisador pós-positivista encontra relações intrínsecas coerentes e conexões qualitativas significativas num contexto multifacetado, através de métodos mais participativos, interpessoais e subjetivos (como a observação limitada, a observação participante, a análise de documentos e a entrevista), advindos do campo social (usados em etnografias, historiografia etc.).

[...]

Na pesquisa pós-positivista, uma variedade de possibilidades de escrita incluem a autobiografia, o conto, a justaposição da obra de arte, diários, poesias etc., tornando a pesquisa compatível com a dança (Fernandes, 2013, p. 22 e 23).

A Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha, documento que historiciza e multiplica nexos, conecta fomento, da forma ao conteúdo, binarismo explicitador de manufatura colonizada, mas quando cientes deste mecanismo o extrapolamos parodicamente, o repossuímos gerando desconexos.

⁶FERNANDES, Ciane. **Em Busca Da Escrita Com Dança**: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 18–36, 2014. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v2i2.9752. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/9752>. Acesso em: 9 maio. 2024.

Dividido os capítulos em cartas, que a linguagem (patente colonizadora), rebusca-se numa aproximação e apropriação do colonizador, inclusive fraturando a própria escrita pela liberdade transgressiva que ela apresenta. Somos contemporaneamente Pero Vaz de Caminha. Duvidas? Utilizando lexemas incomuns, manuseando o dicionário em seus significados e sinônimos, simbioticamente. As ideias serão espiraladas por locuções poéticas, enfatizando sonoridades fonéticas para viagens imagéticas, corroendo esqueleto cronológico, vaporosa osteoporose, em que o difuso/confuso compõem arguir.

Propomos um jogo irônico. Uma parceria brincante aliançada a você, leitor, com canções, conceitos, histórias e puzzles, com as notas de rodapé dialogando em complementariedade. Sobrenademos nas palavras, ora calmas e afagáveis, ora turbulentas e afogáveis, mas juntos numa peleja diligente ao brocardo em sermos brasileiros, colonizados e colonizadores.

DESENVOLVIMENTO

Acepilharemos os conteúdos das cartas.

Carta 1: Outros Tempos

Chronos possui Spiralis: Brasil, o passado que não passa instaurador de fraturas e traumas, ideia motriz a ser esquadrihada.

Conjecturamos colonização/possessão temporal partindo da micro para macro-historicidade a desenhar proporção matemática $(1986/2019)=(1953/1986)$, anos distintos de resultado proximal, correlacionando a composição espelhar da dobra espiralar do tempo (Martins, 2021b). Neste panorama circunstancia-se a colonização/possessão do tempo por sua flecha processual causadora de traumas (esquecimento) e fraturas (repetição) (Agamben, 2009; Benjamin, [1986?]). Este *passado que não passa* caracterizaria o *ser* brasileiro pelo esquecimento de colonizado e ratificação de colonizador replicante das violências colonizadoras. Perspectivando etimologia do *ser* brasileiro (Cabral, Mügge 2022), adrede a Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha (Costa, 2006; Souza 1965) e a função laboral que exercera antes de ser escrivão de Pedro Álvares Cabral (Gambetta, 1978; Vieira, 2018; Weigert 2021), mobilizada esta instrução a fim de prognosticar olhar colonizador do cronista.

Carta 2: Outro Corpos

Instigamos um mirar de nossos corpos, dilucidado por dinâmica de escrituração do mesmo, prévia operatória de aproximação a Carta de Achamento e nesta embrenhar, observando-a como fonte de uma imagem corporal proficua ao cristianismo, nos embasa o conceito de *Imagens como*

acontecimentos (Bittencourt, 2012), que assente a percepção relacional que se desdobra na carta pela imagem corpo † cruz, mecanismo colonial cristão (conversão/catequização), suplante aos corpos autóctones. Quando estes corpos demovem ambiência desta imagem colonizadora, os vinculam as bruxas medievais e seu pactuar, a demonizante *inversão* (Clark, 2006). Culmina por interpelações de possíveis continuidades desta imagem em nossos hodiernos corpos.

Carta 3: Dançando com Demônios

Este capítulo é mimético a forma que Walter Benjamin [1986?] escrevera “Sobre o conceito da história”, segmentando silogismos, blocando concernências, partes a formar pretenso todo. Enumerados a entreter por exequíveis modos de leitura: cronográfica (seguindo prossecução) e/ou ocasional (escolha aleatória). Composto de interstícios entre a experiencialidade histórica do autor, embricada a pesquisa gestada, ou seja, como a fratura do tempo conserva a possessão e sua inversão demonizante. Coriscos pululantes flexionando irresoluções e exequibilidades variadas:

- difração (Haraway, 2020) como alternativa a refração ocular do colonizador;
- pactuar e ou dialogar com o demônio possessor;
- explanar rascunho dialógico a ser empregado em processos e configurações artísticas em dança;
- assomar encalistrado aos corpos que dançam, perguntas propositivas em seu ser/fazer coreográfico que dialoguem por *outros tempos* e *outros corpos*, provocados pelos *modos de percepção* que desenhamos nas cartas anteriores.

Anelo que este introduzir tenha sido mavioso. Que nesta nossa viagem, equânimes as marés das descobertas para invasão de nós mesmos, efluamos entre 1500/2024 gozando diversos tempos em por diversos corpos. Convite aos prazeres.

Boa viagem.

Ternamente,
Carlos Augusto de Andrade a.k.a Kall Andrade.



Colagem: Carlos Augusto de Andrade.

CONTÉM IRONIA

No sistema colonial, a ênfase na escritura prolonga essa ilusória dicotomia entre o oral e o escrito, este, sim, tornado instrumento das práticas de dominação e das desiguais relações de poder e das estratégias de exclusão dos povos que privilegiam as performances corporais como formas de criação, fixação e expansão de conhecimentos.

Leda Maria Martins (2021b, p.33).⁷

⁷MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**, poéticas do corpo-tela. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021b. (Encruzilhada).

Salvador, 31⁸ de fevereiro do ano 2023 DC.

Alocutário elucubrador, saudações!

Instante, entre um piscar e outro d'olhos, escrevera esta carta em uma narrativa conjunta ao teu contrair do músculo orbicular na parte palpebral. Ver e não ver desmembrado em quadros particularizados pela velocidade, se materializam como um todo nesta mimese pele papel. Chamaremos este espaço de desejo transladando para o imaginar a fantasmagoria da sombra que o brilho da estrela nos intercorre, datilografo retraduzido pela interface do software. Sejamos palavras em um corpo carta: memorizaremos.

Não somente uma feitura entre emissor e receptor, mas uma urdidura constituinte de historicidades em que somos concomitantes, faixa de Möbius⁹ no espetar do sonho, ouviremos ciclo ao desadormecer “Corra, Lola, Corra”¹⁰ afrouxar dos olhos com o esvanecimento do onírico e a singularidade do imaginado presente: “Eu quero simplesmente te dar um presente/A rosa dos tempos desabrocha/Desabrocha, desabrocha novamente”¹¹.

Esmiuçar esta trama de modo estremado, como as tripas dilaceradas e enroladas por Láquesis – irmã de Cloto e Átropos, tríade do destino: as Moiras¹² – destino que deglute a si mesmo pelo originário tubo digestório conexão boca/ânus que ao agir no devorar e excretar, corporificamos a nós mesmos, intento em elucubrar o transato.

Dois mil e dezenove, duas e cinquenta e cinco da manhã, sexta-feira “Dia do Índio”¹³, intuitivamente realizo um marco temporal para a re¹⁴ (latino prefixo para repetição) descoberta:

⁸O propósito em apontar uma data que não consta no calendário gregoriano (utilizado pela maioria dos ocidentais e promulgado pelo Papa Gregório XIII em 24 de fevereiro de 1582) é exercício de forma para o conteúdo ao elaborarmos outros tempos nesta escrita.

⁹Faixa de Möbius: superfície bidimensional, de um único bordo e de um único lado, gerado pela junção das extremidades de uma fita retangular após girar uma delas 180 graus; banda de Möbius. *In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 868.

¹⁰LOLA Rennt. Direção: Tom Tykwer. Produção: Andy Ptersen e Anand Tucker. Roteirista: Tom Tykwer. Intérpretes: Franka Potente; Moritz Bleibtreu; Herbert Knaup; Heino Ferch; Sebastian Schippers; Lars Rudolp e outros. Berlim: X Films Creative Pool GmbH, 1998. Comprimento: 2173 m (79 min.), son., color., 35 mm.

¹¹WISNIK, J. M. Presente. Intérpretes: José Miguel Wisnik e Elza Soares. *In: Zé Miguel Wisnik. PÉROLA aos poucos*. Produzido por: Alê Siqueira [S.I.]: Maianga, 2003. 1 CD. Faixa 12.

¹²As Moiras, três irmãs divindades da mitologia grega, responsáveis pelo destino (fio da vida) dos homens e deuses (Cloto: a que fia, Láquesis: a que puxa e enrola o fio e Átropos: a que corta o fio). ETIM gr. *moira,as* 'parte destinada a cada um; sorte, destino. *In: DICIONÁRIO*, 2009, p. 1306. *Ibid.*

¹³Atualmente Dia dos Povos Originários conforme lei. BRASIL. Lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022. Institui o Dia dos Povos Indígenas e revoga o Decreto-Lei de nº 5.540 de 2 de junho de 1943. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, edição extra, n 128-B, p. 6. 8 jul. 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14402.htm. Acesso em: 31 out. 2023.

¹⁴Leda Maria Martins (2021b, p. 205) suplementa-nos significação ao prefixo re: “O prefixo re nos remete à necessidade de uma volta, de um fazer-se de novo, de uma retrospectão, de uma retroação, mas também nos aponta para uma repetição a vir, produzir-se à frente, como uma memória do futuro. No prefixo re, de remorrer, anelam-se o retornar, tornar-se e volver no passado, assim como o reatar, reinstaurar, reativar o porvir.”

(re)inserção no presente do passado pelas (re)conhecenças históricas, políticas, culturais do ano em que nasci, mil novecentos e oitenta e seis, uma busca no sítio do Google[®] e nas (re)verberações futuras desta gnose em meu corpo por equivalências da matéria memória. Quais algoritmos de ácido desoxirribonucleico¹⁵ (re)petem-se no estruturar do brasileiro Carlos Augusto de Andrade? Informações catadiópticos¹⁶ se manifestam no Display de Cristal Líquido, insurgem propriedades historicizantes do hoje/ontem a ilustrar saliente enraizamento correlacional. Como se as capilaridades temporais axiomática pelos olhos se tornassem ao desenredar esmiuçamos assimetrias, analogias, fissuras dos polímeros condensados de Mnemósine¹⁷.

$$\frac{1986}{2019} \frac{1953}{1986}$$

$$=(1986/2019)*(1953/1986)=(0,9836552749)*(0,9833836858)=0,9673105498 \approx 1$$

Razão de trinta e três. Mil novecentos e oitenta e seis está para dois mil e dezenove assim como mil novecentos e cinquenta e três está para mil novecentos e oitenta e seis, equacionado enigma alvitado no encorpar dos caules subterrâneos ricos em reservas nutritivas de historicidade¹⁸, especulemos a proporção matemática em seu invulgar resultado: aproximadamente um (1) – aponta a leitura das frações como suficientemente próximas, emerge pista na observância destes anos (termos) assinalados como um tempo que se reitera (ciclicidade?). Entranho a este galgar o pincelar para convergência epistêmica logrando imagem (atinente ao ocidente) de embrionária mítica *Chronos possui Spiralis (Tempo Espiral): Brasil, o passado que não passa instaurador de fraturas e traumas*.

Pestaneias... Nos encontramos sentados em roda. Leda Maria Martins (2021b) ao centro nos obsequia em *oralitura*¹⁹, seu corpo *locus de logos* vibracional palavra falada entalha conhecimento

¹⁵Ácido desoxirribonucleico: ácido nucleico rico em desoxirribose e fósforo [sigla: *ADN (DNA, em ing.)*] In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 33.

¹⁶Catadióptico: diz-se de ou cada um dos instrumentos de óptica em que se associam os fenômenos de reflexão e refração da luz [É muito us. na sinalização das vias públicas e nos veículos.] In: DICIONÁRIO, 2009, p. 421. *Ibid.*

¹⁷Segundo Alexandre Rubenich Silva (2014, p. 72): Tamanha é a sua importância para a civilização Grega, que a Memória chegará, enfim, a ser sacralizada. A divindade que a representa nomeia-se Mnemosyne. Ela é uma deusa titã, irmã de Cronos e de Oceanos. Esposa de Zeus, Mnemosyne foi possuída por este durante nove noites consecutivas, dando origem às nove Musas, cujo coro ela conduz. In: SILVA, Alexandre Rubenich. Mnemosyne e Lethe: a interpretação heideggeriana da verdade. **Revista Archai**, [S. eu.], n. 13, pág. 71 a 84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8485>. Acesso em: 31 out. 2023.

¹⁸Elencamos um fato histórico corroborativo a nutrir especulação matemática. No ano de 1986, ocorre primeira eleição pós período ditatorial (abertura democrática). BRASIL. Lei nº 7.493, de 17 de junho de 1986. Estabelece normas para a realização de eleições em 1986 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1. Brasília, DF, 18 jun. 1986. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7493-17-junho-1986-367994-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 nov. 2023. Em 2018 a utilização do voto, instrumento democrático, para eleger presidente de política aos moldes da ditadura militar (2019-2022), indicamos a leitura do artigo de SILVA, Ilse Gomes. Brasil pós-eleições 2018: o neofascismo entra em cena. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 25, n. 47, p. 171–185, 2023. DOI: 10.23925/ls.v25i47.61454. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/61454>. Acesso em: 1 nov. 2023.

ancestre²⁰ na atualidade. Nos conta sobre a cosmovisão²¹, conjunto de sentidos que estruturam o saber, do Tempo Espiral, que atua no presente, passado e futuro concentrados curvando-se em si num espelhamento.

Seria a proporção apresentada anteriormente como um exemplo da representação no encontro irradiador entre uma espiral e outra?

Ritornelo reflexivo, movimento que se dá no corpo e pelo corpo – corporeidade²² – devido a força vital dos antepassados. Ouçamos pelo tremor do fantasiar, dancemos arciforme seus verbos.

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidade, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas.
[...] A pessoa é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um *em ser* e um sistema no qual incide a ontologia ancestral. Essa complexidade ontológica, na qual o tempo gira para a frente e para trás, constituindo o presente [...] (Martins, 2021b, p.63).

Assomas que na curva anterior, nesta mesma roda, Martins (2021b) nos embalara sobre ocidental tempo cronológico, asseverado pela inserção do antes e resultante depois, agora Chronos Sofia “sabedoria do tempo”, metodização temporal em seta instituída pela prossecução numérica a castrametar progresso, num regime de sucessividade retilínea, ordem. Ordem e progresso, (re)conheces?

“Águas passadas que não movem moinhos”, não “chorar pelo leite derramado”, “depois da tempestade a bonança”, são expressões populares brasileiras legitimadoras do tempo flecha em que o horizonte é seu desígnio, conota o passado restrito a permanência, apinhado a fossilizar/acumular, ou seja, ao que não retorna pois não mais vigora e granjeia esquecimento pelo refastelo sistemático no

¹⁹Oralitura: conceito desenvolvido por Leda Maria Martins. [...] aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como littera. “letra”, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litora, “rasura” da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. [...] Nos congados, a palavra, como hálito, condensa o legado ancestral, seu poder inaugural, e o movimento prospectivo da transcrição, encenado no ato da transmissão. O evento narrado dramatiza o sujeito num percurso curvilíneo, presença crivada de ausência, memória resvalada de esquecimento, tranças aneladas na própria enunciação do narrado. Assim, na oralitura dos reinados negros, a memória, insinuante, se enviesa nas falas, se esvazia e se preenche de sentido, como um lugar numinoso, pletora de significantes [...] (Martins, 2021a, p. 25 e 26). *In*: MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2.ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a.

²⁰Ancestre: familiar de quem se descende; antepassado. *In*: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 128.

²¹Cosmovisão: maneira subjetiva de ver e entender o mundo, esp. as relações humanas e os papéis dos indivíduos e o seu próprio na sociedade, assim como as respostas a questões filosóficas básicas, como a finalidade da existência humana, a existência da vida após a morte etc.; visão de mundo. *In*: DICIONÁRIO, 2009, p. 561. *Ibid.*

²²Corporeidade: qualidade, propriedade do que é corpóreo, corporalidade. *In*: DICIONÁRIO, 2009, p. 554. *Ibid.*

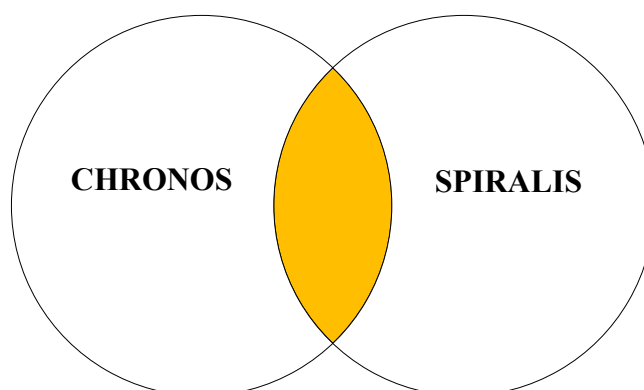
Lethe²³ cantando “Apesar de tudo, existe/ Uma fonte de água pura/Quem beber daquela água/Não terá mais amargura²⁴”: apagamento.

Convido ao exercício de curvo pensar, um delírio à margem no revir da hipótese:

CHRONOS POSSUI SPIRALIS (TEMPO ESPIRALAR)

com o intuito de subverter o incunábulo de mítica grega manejando tradução interseccional (\cap)²⁵ à brasileira.

- Dado, os Conjuntos A e B, sendo A=Chronos e B=Spiralis: $\text{Chronos} \cap \text{Spiralis}$;



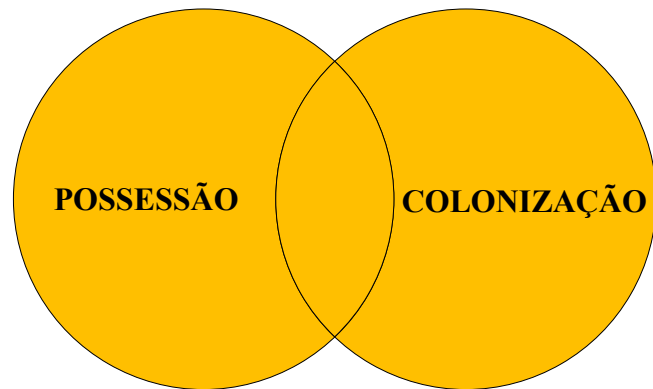
- \cap alegoria *phallus erectus*;
- \cap *phallus erectus* apresto de possessão;
- Possessão como sinônimo lexical para colonização, logo
- Possessão = Conjunto A \cup Colonização = Conjunto B²⁶

²³[...] *Lethe*, Esquecimento, é associada à *Mnemosyne*, de modo que forma com ela um par de forças religiosas, complementares, ainda que ambivalentes. A fim de realizar a descida na região infernal do reino do Hades, o consultante era levado, então, para diante de duas fontes chamadas *Lethe* e *Mnemosyne*: “Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da Noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo” (VERNANT, 1990, p. 144). [...] Ora, é justamente Platão que nos traz no Livro X de sua *República* a narrativa mítica em torno das águas da planície do *Lethe*, de sorte a considerar o esquecimento como um erro demasiado perigoso, porquanto faz com que as almas percam a lembrança das “verdades eternas”, de maneira que acabam por se afastar da visão das *ideas*, iluminadas que são pela luz solar do Bem (Silva, 2014, p. 73). In: SILVA, Alexandre Rubenich. *Mnemosyne e Lethe: a interpretação heideggeriana da verdade*. **Revista Archai**, [S. eu.], n. 13, pág. 71 a 84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8485>. Acesso em: 31 out. 2023.

²⁴VIOLA, Paulinho da. *Dança da Solidão*. Intérprete: Paulinho da Viola. In: Paulinho da Viola. **A dança da solidão**. Produzido por: Milton Miranda. [S.I.]: Odeon, 1972. 1 LP. Lado B. Faixa 1.

²⁵ \cap Símbolo de representação matemática para intersecção aos elementos que se repetem no conjunto A e B.

²⁶Nesta colocação, utilizamos os sentidos denotativos primeiramente de Colonização: ato ou efeito de colonizar. Em sequência, Colonizar: **1**. Transformar em colônia, possessão ou protetora **4**. Dominar como a uma colônia ou possessão. In: DICIONÁRIO Barsa da língua portuguesa. São Paulo: Barsa Planeta, 2008, p. 238. Para alocar tais sentidos do campo lexical para o matemático com utilização do símbolo \cup (união dos conjuntos A e B para formação de um novo conjunto AB).



- Ilusão: Chronos coloniza Spiralis.

Ressaíamos imageticamente este procedimento: Conjecturada representação gráfica do tempo espiralar (Spiralis), figura 1.

FIGURA 1 – Representação 3D, Tempo Espiralar.



Designer: Diego Gonçalves (2023).

O colonizar de Chronos perfaria, pela violência, o entesar das curvas – estiramento – objetivando metamorfoseá-lo em seta, consoante a sua natureza serializada. Tal qual segurarmos a espiral de um caderno por suas extremidades o distendo pela força exercida, alteraríamos a elaboração dos arcos os comprimindo, formadura de nó, concordante a figura 2.

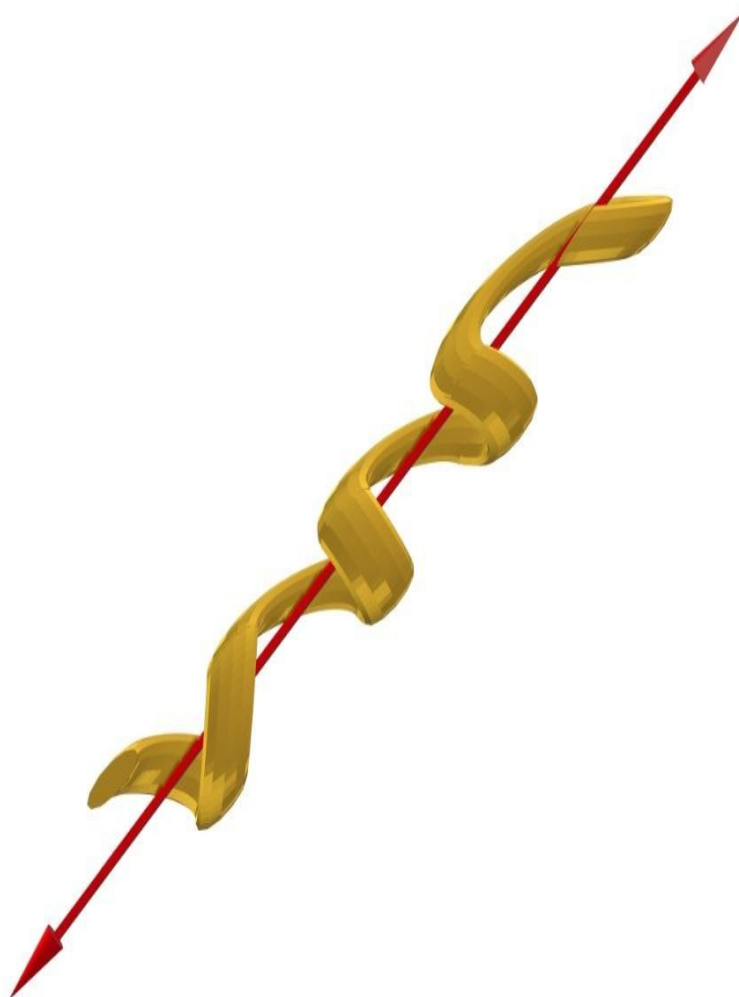
FIGURA 2 – Representação 3D, Tempo Cronológico colonizando Tempo Espiral.



Designer: Diego Gonçalves (2023).

Progressividade ininterrupta desta força – violência colonizadora – colapsaria o nó, dimanando a fratura de fadiga/trauma como corporatura do tempo, figura 3.

FIGURA 3 – Representação 3D, Tempo Espiralado estirado pelo Tempo Cronológico.



Designer: Diego Gonçalves Cordeiro (2023).

Destarte, *o passado que não passa* se exprimiria como sintoma do tempo fraturado, fissura suspensiva do gozo espiralar afora, sincronicamente não se integralizaria como linearidade, pois seu encadeamento é atalhado pela trama de rupturas, como um LP riscado. Remeter a Saturno (tradução romana de Chronos), que devora seus filhos para que não seja destronado (tal qual seu pai, Urano), um tempo não outro, só a si mesmo.

FIGURA 4 – Saturno devorando a un hijo, Francisco de Goya.²⁷



Fonte: História-arte.com (2018) Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/saturno-devorando-hijo>.

²⁷Saturno, titã filho de Urano e Gaia. Esta cansada dos abusos do companheiro, confabula com seu filho Saturno o destronar do pai, que corta o pênis do progenitor com uma foice. Temeroso de que ocorresse o mesmo consigo, devora seus descendentes para manutenção do poderio.

O quão violento é um tempo que nos coage a nos violentar? Auguremos que a colonização/possessão tenha propriocepção (sapiência da espacialidade a que se insere), no tocante ao esqueleto temporal – fraturado/traumatizado – de forma a irromper operação sistemática na conservação deste apanágio, mediante os dispositivos:

Trauma: realojar da compulsão à repetição não pela memória, mas pelo esquecimento da mesma, lembrar-se de esquecer. O evento da violência colonial faz-se (re) experimentado/atualizado continuamente pela via do esquecimento, obliterando a violência por recurso violento articulada pelo instituir da historicidade brasileira, política do esquecimento. Esmerilar, como exemplo, os procedimentos que se sofisticam no sistemático etno genocídio das populações negras e indígenas do Brasil colonial ao contemporâneo. “*O Trauma é Brasileiro.*”²⁸

Fratura: acima da elocução do tempo fraturado como forma subsequente no redundar colonizador. Capturada é para se validar como procedimento conteudístico no fundir de ações políticas brasileiras, tornando a fratura outrossim irrupção de violência como a própria violência. Esgaravatem, a exemplo, os golpes (marcos disruptivos)²⁹ políticos/militares/civis de nossa história brasileira.

Átimo... Degustemos a paralisia do sono³⁰ embevecida dos subsídios acima boquejados, espessar por meio da redução – tal qual na culinária – os imagos ingredientes que expendemos, a fim de espargir os eflúvios do desassossego, apreciar de exequíveis sabores que nas papilas gustativas compreenderemos significâncias. Bases diversas sugestionadas pela mixagem afeiçoando teores.

²⁸BRASILEIRO. Castiel Vitorino. “O Trauma é Brasileiro”: Projeto Artístico da artista plástica, escritora e psicóloga clínica formada na Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em psicologia clínica pela PUC-SP Castiel Vitorino Brasileiro (1996), iniciado na cidade de Fonte Nova/ES no ano de 2018 desenvolvendo relações cartográficas dos corpos não brancos com sua ancestralidade e locais de vivência. Informações, disponíveis em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trauma>; Dissertação: Brasileiro, Castiel Vitorino. **Tornar-se imensurável: o mito negro brasileiro e as estéticas macumbeiras na clínica da efemeridade.** 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24708>. Acesso em: 02 nov. 2023.

²⁹Indicamos a leitura de PRESTES, Anita Leocadia. Três Regimes Autoritários na história do Brasil Republicano: O Estado Novo (1937-1945), a Ditadura Militar (1964-1985) e o Regime Atual (a partir do Golpe de 2016). **Revista de História Comparada.** Rio de Janeiro. Volume 13, número 1, julho 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/27537>. Acesso em: 02 nov. 2023.

³⁰A paralisia do sono consiste na ação de entrar no processo de vigília enquanto o indivíduo ainda se encontra na fase REM (rapid eye movement ou movimento rápido dos olhos) do sono. A fase REM é marcada pela atonia muscular, na qual há a presença de conteúdos oníricos para o sujeito. Durante a paralisia do sono o indivíduo pode vir a experienciar três tipos diferentes de alucinação: alucinação intrusa, sendo marcada pela sensação de uma presença maligna no ambiente. Alucinações multissensoriais, havendo sensações de pressão no peito e falsas impressões de engasgamento e sufocamento. E por fim, alucinação vestibulo-motora, caracterizada pela impressão de estar fora do corpo (Fernandes; de Carvalho Amaro, 2023, p. 200-201). In: FERNANDES, Lucas Bossert; DE CARVALHO AMARO, Terezinha Aparecida. Paralisia do sono: uma breve contribuição da psicanálise. **Atas de Ciências da Saúde** (ISSN 2448-3753), v. 11, n. 2, junho 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/ACIS/article/view/2847>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Nesta gastronomia molecular de apreciação pela imagem, nossa primeira unidade, Giorgio Agamben³¹ (2009) se incorpora a Óssip Mandelstam (1891-1938) poeta russo do século XX, para que o poema “O Século”, datado de 1923, seja a água fervente em redemoinho do ovo filosófico poché, introito que nasce do inquirir sobre “O que é contemporâneo?”. Agamben abre parágrafos acrescentando lipídeos, feitura de massa folhada, sova o poeta como contemporâneo consentâneo ao elo deslocado e anacrônico com o tempo, habitante do século (individualizante e histórico coletivo) como também o arrosta fazendo de seu sangue recurso suturar da fratura sarapatel comissura.

Meu século, minha fera, quem poderá
 olhar-te dentro dos olhos
 e soldar com o seu sangue
 as vértebras de dois séculos?
 [...]
 Mas está fraturado o teu dorso
 meu estupendo e pobre século.
 Com um sorriso insensato
 como uma fera um tempo graciosa
 tu te voltas para trás, fraca e cruel,
 para contemplar as tuas pegadas (Mandelstam, *apud* Agamben, 2009, p. 60 e 62).

Destronca-se galinha caipira para abatimento, a ave por vezes em espasmos com vértebras prepósteras cacareja o esvaír buscando sem eficácia o soverter do que lhe ocorrera, de força igual e permanente o século³² – tempo de vida – de quebradura vira-se para trás mirando seu rastro, persistência do ser contemporâneo no caucionar olhar inamovível ao seu tempo presente, pela escuridão resquicial das estrelas devido a expansão do universo com velocidade superior à da luz.

O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. [...] é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre tempos e as gerações (Agamben, 2009, p. 65 e 71).

Aditemos enzimas proteolíticas para quebra das ligações peptídicas entre os aminoácidos das proteínas, suco de abacaxi no marinar da carne, o dorso fraturado do século ao olhar detrás vislumbrar-se-á fractal contínuo como replicação do DNA, ratificar impeditivo de fruição, encastoamos de *o passado que não passa* – perspectiva a irresolução da histórica formação colonial do Brasil, em que as violências deste processo como estupro, etno genocídio e escravidão são subvertidas para reputar progresso no constituir da nação. A colonização manufaturaria o

³¹AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p. Título original: *Che cos'è il contemporaneo? Che cos'è un dispositivo? L'amico*.

³²Século em latim saeculum. Raça, origem, geração. Duração, tempo de uma vida, era, época. Modo de vida de uma geração. Período de cem anos, século. Longo período de tempo. *In*: DICIONÁRIO do latim essencial. 2 ed. rev. Ampl., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 368.

contemporâneo pela negação da natureza esquadrihadora do rastro para tão somente corroborar a congruente quebra.

No amanho deste quitute, crescemos especiarias de Walter Benjamin³³ [1986?], tornando saliente agre aroma ao minuciar *Angelus Novus* (1920) quadro de Paul Klee (1879-1940). Tracejamos equivalência entre o anjo da história e o século – ambos de faces voltadas a parte posterior – apeteçidos seremos pelo deglaçar do século/anjo da história a descortinar a fratura:

Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. [...] Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, **ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés**. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (Benjamin, [1986?], p. 226, grifo nosso).

Proximal flerte de compleição para o reposicionar da fratura temporal, gesto adunco volvido ao ulterior, crescemos ao refrear do gozo – século replicador de si – acúmulo de detritos decorridos, camadas históricas heterogêneas sob pressão aglutinadora da violência. A tempestade/progresso de força incoercível sopesaremos por colonização (imaginário renascentista codificado em expansão de civilidade/humanismo/mercantilismo) constringendo o anjo/século, retomando o descrito em nossa operação *Chronos coloniza Spiralís*, explicita nossa comunicação como produto e produtor do tempo o qual perscruta.

Como em um caderno de receitas geracional, os ingredientes e seus preparos manuscritos acumulam-se com recortes de embalagens e marcas de digitais lambuzadas, se incorpora flavorizantes para assemblage³⁴ conceitual, preparemos:

INDIVÍDUO VIOLENTADO HISTORICAMENTE

Ingredientes:

1 Indivíduo ou mais, a se historicizar arqueologicamente;

Modo de Preparo:

Imbricar percepção de um repetir temporal, que os fatos históricos confessam;

Elaborar proporção com números que carregam empatia de cientificidade, evocada pelas vozes congruentes que validam as conceituações filosóficas;

Navegar pelo mesmo mar que importara e exportara a violência física, travestida de modernidade;

³³BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 4.^a edição. v. 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. [1986?]. Título original: *Auswahl in Drei Baenden*.

³⁴Assemblage: composição artística realizada com retalhos de papel ou tecido, objetos descartados, pedaços de madeira, pedras etc. *In*: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 204.

Constituir modo próprio à temporalidade para manutenção do poder coercitivo.

Indivíduo Violentado Historicamente

Ingredientes:

1 Indivíduo ou mais, a se historicizar bibliograficamente;

Modo de Preparo:

Imbricar percepção de um repetir violento, que os fatos históricos confessam;

Elaborar metodização com documentos que carregam empatia de cientificidade, evocada pelos olhares congruentes que validam as conceituações filosóficas;

Navegar pela mesma terra efetuada e efetuada de violências de poder travestida de política;

Constituir modo próprio à temporalidade para manutenção do status coercitivo.

Indivíduo Violentado Historicamente

Ingredientes:

1 Indivíduo ou mais, a se historicizar ciclicamente;

Modo de Preparo:

Imbricar percepção de ser violência, que nas mídias sociais confessa;

Elaborar *clickbait* com *fakenews* que carregam empatia de cientificidade, evocada pelos compartilhamentos congruentes que validam a conceituação filosófica;

Navegar pela web emprenhada e prenhe de violência de ódio travestida de liberdade de expressão;

Constituir modo próprio à temporalidade para manutenção do viralizar coercitivo.

FIGURA 5 – Angelus Novus, Paul Klee.



Fonte: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Versão em português. (2001) - Enciclopédia geral. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus.

Querido destinatário, no céu a lua nova observada em sua presença/ausente, estancia entre a Terra e Sol, esta carta identicamente se imbui de fases, este narrador outrossim ocupa entres, espaço tautócrono do ser e não ser, syndica como estimativa.

ANEDOTA BRASILIS: BRODERAGEM CONUBIAL

Adão de costela esfacelada, após muxinga de Lilith, invejara seu primo Zeus “o pagão”, desprenhando pela ferida exposta o Brasil que pudibundo se enrolara em emplasto Brás Cubas, aguardando ser descoberto. Mas ao ser desnudado, revelara-se o inverso, estimava mostrar seu pau embrasado, perverso! E seria diferente? Com enormidade de lenho crucifixação as caravelas demandavam *flectamus genua, oratio fellatio*.

Ajoelhou, tem que rezar!

Amém.

Do período antelucano de dois mil e dezenove ao noturno de dois mil e vinte e três, a congregação de histórias contadas por minha matriarca entrelaçadas ao cabedal da historicidade brasileira que nos grafa, suscitou indagar de qual incógnita dardejante atravessaria a vivência da genetriz nascida em mil novecentos e cinquenta e dois e seu sóbole nascido em mil novecentos e oitenta e seis.

Desencadear prognose no excogitar de críveis retas concorrentes a fim de entrever seu encontro e/ou espiralares na concentração irradiadora (proporção matemática apresentada), discorremos no mensurar da violência colonial obrando no tempo, assim manaremos roçar o corpo (consustanciar do tempo) colonizado circunscrito em *ser brasileiro*. Proviria esta figuração concernente ao atavismo cromossômico, ortografado em mácula etimológica? Brasileiro: o sufixo *eiro*³⁵ aplicado no intitular de atividades e profissões/ caráter laboral (*carpinteiro*, *tintureiro*, *costureiro*, etc), integraria conquanto designação gentilícia (adjetivo pátrio) equitativamente ação ocupacional, tirador de pau-brasil (*caesalpinia echinata L.*) – comerciante/traficante – em uma conexão mutualística Éder Cabral e Ernani Mügge³⁶ desliza acepções para compleição,

A palavra “brasileiro”, portanto, pode ser concebida como um navio que viaja no tempo e é tripulado por diversas narrativas. É uma palavra habitada, invadida e, hoje, designa aqueles que são naturais de uma nação que, muitas vezes, recebe o estereótipo de ser o país dos cinco “S” (sun, sand, samba, soccer e sex).

A palavra “brasileiro”, portanto, que, nas primeiras décadas de colonização, fez referência a uma atividade industrial, ou a uma pessoa que faz uma espécie de jornada do herói em um contexto de colonização, ou que, no período da exploração da cana-de-açúcar, que, posteriormente retorna com uma riqueza, produzida pelo suor e dor de pessoas escravizadas, evidencia uma relação com a identidade e cultura do trabalho no Brasil (Cabral; Mügge, 2022, p. 223).

³⁵-eiro: forma adjetivos e ou substantivos com diversos matizes semânticos: 1. profissão, atividade; 2. caráter, temperamento; 3. gentílicos; 4. recipiente, receptáculo; 5. grande quantidade; 6. nome de planta ou árvore. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 725.

³⁶CABRAL, Éder; MÜGGE, Ernani. Brasil brasileiro: etimologia, identidade, cultura e trabalho. **Fragmentum**, [S. l.], n. 59, 2022. DOI: 10.5902/2179219469133. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/69133>. Acesso em: 15 out. 2023.

Este navio “made in Brazil” teria em seu casco pistas para arrazoarmos o *brasileiro* subjacente a aplicabilidade econômica (corpo produto para bem de consumo), vínculo determinístico (rodeado por limites) de *existir* pelo *produzir* (trabalhador). Remontemos a *fratura* do tempo e seu amiudar pela obstrução reiterada em que o *brasileiro* habitante desta sequela, conseqüência, tornar-se-á de modo a ser *produto/produtor de si* (o engendrado replica o que lhe engendra). A colonização produz o *brasileiro* como labor a ser ofertado no mercado síncrono ao entressachar do repetir-se pelo esquecimento, ou seja, o *brasileiro* se faz pelo *trauma* da colonização no deslembrar de ser colonizado. Se estriba colonizador harmônico ao causante. Portanto, este sistema atua na replicação sequente do resultante – autogerir – *brasileiro produto/produtor de si* = o colonizado colonizador.

Postular esta quimera como ondas marítimas a propagarem até encosta de um porto seguro, análogo ao da chegada de Pedro Álvares Cabral em vinte e quatro de abril de mil e quinhentos, (re) construir colóquio para descavar *brasileiro* pela narrativa de Pero Vaz de Caminha, na Carta de Achamento do Brasil³⁷, oriundo mirar em privemos documento, palrar com a Carta nesta carta, é estabelecermos metacomunicação por meio do coincidente. Loxodromia no histórico soçobrar em atlântico oceano, área de 106 500 000 km², volume correspondente a 310,4 milhões km³ e profundidade de 8 605 metros, insondabilidade de implosão titânica. Emprazo você, afetuoso interlocutor, a imaginarmos imergir em águas que desmoitaremos aspirando coser um sonho coletivo, conforme outros tempos. Por favor, atenção aos procedimentos para melhor deleite deste peregrinar.

Gentilmente nos posicionemos em decúbito dorsal, permitamos a coluna albergar suas curvaturas, inspiremos afáveis a expansão/dilatação que a caixa torácica patenteia, ao expirar derretamos confiantes à plataforma que nos apoia. Cadenciados pela respiração nosso corpo se propala a descomprimir/descingir órgãos, evidencia pulso sanguíneo cardíaco ritmado: arterial, venoso, tal qual as ondulações marítimas. Retorção espelhar na multiplicidade de sermos leitores, simultaneamente ouvintes e visualizamos nossos corpos jacentes sulcando no imaginário que perfará o instante do achamento do futuro Brasil, assentado no que foi devir de ser e é. Aventuremos na confluência das águas habitáveis e habitantes, sobrenadamos pela salinidade como ascendentes fetos no gestar, parturiremos espaço espécime brasílio.

Singremos no reagir a algo que fora imaginado e lobrigado em ambiente metamorfoseá, o descortinar de outras terras em mundos novos, lavrado pelo sonial na incontestabilidade do testemunho ocular. A força eólica no velame propulsiona treze embarcações, treze, como discípulos no ceiar junto àquele que sobre o mar caminhou.

³⁷ Arquivo Nacional Torre do Tombo: Carta de Pêro Vaz de Caminha. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Amabilíssimo leitor, sejamos verme “operário das ruínas/que o sangue podre das carnificinas/come”³⁸ as entranhas da histórica Carta escrita há 16 504 624 800 segundos, 275 077 080 minutos, 4 584 618 horas, 191 026 dias, 27 289 semanas, 6 276 meses, 523 anos; desaparecida durante 8 615 224 800 segundos, 143 587 080 minutos, 2 393 118 horas, 99 713 dias, 14 245 semanas, 3 276 meses, 273 anos; descoberta há 7 889 400 000 segundos, 131 490 000 minutos, 2 191 500 horas, 91 313 dias, 13 045 semanas, 3 000 meses, 250 anos; publicada no Brasil há 6 500 865 600 segundos, 108 347 760 minutos, 1 805 796 horas, 75 242 dias, 10 749 semanas, 2 472 meses, 206 anos. Nesta superabundância numérica para entorpecer vertiginoso como as labirínticas vísceras parasitadas, nós, esquistossomos nos vasos sanguíneos a antepor os nutrientes da Carta a serem sorvidos. Não comungaremos refestelar das características físicas do documento, informando sua composição de sete folhas, cada uma de quatro páginas, por um total de vinte e sete de texto e uma de endereço, com a medida de cerca 296 por 299 mm, abstrairemos alusão a sua forma de gênero epistolar e diário atípico, pertencente a Literatura de Informação agregadora das narrativas descritivas dos cronistas portugueses viajantes do século XVI, que a posteriori no Brasil cognominaria Quinhentismo avênço a Costa (2006, p. 256 a 258)³⁹.

Tangenciaremos afirmativas da Carta ser “o diploma natalício lavrado à beira do bêrço de uma nacionalidade futura” (Abreu, *apud* Souza, 1965, p. 177)⁴⁰, certidão de nascimento do feto secretamente gestado e paternalizado por acordos comerciais doravante Tratado de Tordesilhas⁴¹ assinado em 7 de junho de 1494 pela Coroa de Castela e seu signatário Fernando II com o Reino de Portugal pelo subscritor João II com pregressa intercessão do Papa Alexandre VI (formado em direito canônico pela Universidade de Bolonha) e a Bula Inter Cætera⁴² (3 de maio de 1493) que definira a “doação, concessão e dotação” do “novo mundo” e sua catequização entre Portugal e Espanha, fazendo uso de meridiano situado a 100 léguas (482,803 km) a oeste do arquipélago de Cabo Verde, o

³⁸Trecho poema: Psicologia de um Vencido. ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 12.

³⁹COSTA, Silvio Reinod. A carta de Pero Vaz de Caminha—aspectos informativos, formais e conteudísticos e análise de sua produtividade sufixal. **Linguagem—Estudos e Pesquisas**, v. 8, p. 9, 2006. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/llb6te4upfddl4p2j4cafncwm/access/wayback/https://revistas.ufg.br/lep/article/download/32553/17313>. Acesso em: 02 nov. 2023.

⁴⁰SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. A carta de Pero Vaz de Caminha e o descobrimento casual do Brasil. **Revista de História**, [S. l.], v. 30, n. 61, p. 177-180, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123309. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123309>. Acesso em: 27 out. 2023.

⁴¹Arquivo Nacional Torre do Tombo: Cópia do contrato de capitulação e concórdia entre d. Fernando de Castela e d. João II de Portugal acerca do que tocava a cada uma das coroas do que estava por descobrir no mar oceano e da provisão dos reis católicos para se fazer a demarcação. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7770486>. Acesso em: 01 nov. 2023.

⁴²Arquivo Nacional Torre do Tombo: Cópia do traslado autêntico da bula "inter caetera divinae majestati" do Papa Alexandre VI pela qual concedeu a d. Fernando de Castela, à rainha d. Isabel e a todos os seus sucessores, todas as ilhas e terra firme descobertas e por descobrir, desde o setentrão até ao meio dia, tirada por uma linha desde o polo norte ao polo sul, a cem léguas das ilhas dos açores e de cabo verde para ocidente. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185853>. Acesso em: 01 de nov. 2023.

encontrado posterior a este meridiano seriam de Castela e a leste seriam de Portugal, panorama que promovera desagrado a este último que mercadejaria o deliberado a sua esfera de influência: 370 léguas (1786,37 km) a oeste das ilhas de Cabo Verde, arrimaria risca meridional do Tratado.

Peço escusas pela naupatia que porventura lhe acarretara, o que penhorara não palestrar desempenhei, pois o diluir destas referências será nosso ácido ascórbico repelindo externar de escorbuto se porventura fluir ao perseverarmos neste quadro. Seguiremos pelo caminho, a verdade e a vida⁴³ de modo econômico, pormenorizar vestígios quanto ao cronista da Carta, aterrar marítimo para arquitetura vindoura, conjuremos Beatriz Weigert (2021)⁴⁴ no sintetizar biográfico de Pero Vaz de Caminha:

Cidadão português, da cidade do Porto, Pero Vaz de Caminha conserva o apelido indicativo da terra de origem do pai, Vasco Fernandes de Caminha. Pero Vaz é cavaleiro das casas de Afonso V, de Dom João II e de Dom Manuel I, sendo homem culto, respeitado e acatado pelos concidadãos. Seguindo os passos do pai, será Mestre da Balança da Moeda da cidade do Porto, modalidade de escrivão e tesoureiro, o que exige preparo da escrita. Em 1500 é nomeado como escrivão, para a feitoria a ser erguida em Calicute e, por esse motivo, integra a armada de Pedro Álvares Cabral que, indo para a Índia, naquele ano, chega ao Brasil. E é na Índia, que esse escrivão-escritor morre no dia 16 de dezembro de 1500, em assalto dos mouros àquela feitoria. Fica-lhe a fama de autor do registro de nascimento do Brasil. Observador atento e detalhista – para isso vinha de exercício anterior – não tendo sido o único a anotar os acontecimentos da viagem marítima, é a ele que cabe a glória de ser o primeiro historiador do Brasil (Weigert, 2021, p. 43).

Sendo vermes, que outrora fitados pelo microscópio, inverteremos nossa condição para manusear o instrumento e apor efeito de ampliação em duas incisões à diegese acima:

Primeiro talho, legado familiar, vinculações de nome/terra (local de procedência), que corporifica uma titulação de posse em razão de ato juridicamente admitido por coligação à nobreza, para um estipular hierárquico/hereditário, escafandrar adensado pelo cogitar de Andresa Cristina Corga Vieira(2013)⁴⁵:

Embora não se encontrem registos concretos sobre a naturalidade ou data de nascimento de Pêro Vaz de Caminha, os estudos efetuados até hoje parecem confirmar, através da conjugação de diversos documentos coetâneos, ser o Porto a sua cidade-berço. Outra das hipóteses seria a cidade de Caminha devido ao apelido que podia, como afirma Manuela Mendonça (1999:21) estar relacionado com o local de nascimento. Certo é que, pelo menos desde 1451, seu pai, Vasco Fernandes de Caminha, desempenhava funções de recebedor-mor dos dinheiros da cidade do Porto e, portanto, se esta não foi a cidade onde nasceu, foi sem dúvida onde cresceu e se tornou cidadão ilustre e reconhecido. [...] A família do escrivão pertencia à classe letrada da burguesia, com grande influência na cidade do Porto, sobretudo

⁴³A BÍBLIA. João 14:6. Português. A Bíblia Sagrada. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_14_6/. Acesso em: 02 nov. 2023.

⁴⁴WEIGERT, Beatriz. Pero Vaz de Caminha: A Carta e seus caminhos. **Letras na América Portuguesa: Autores–Textos–Leitores**, p. 43-54, 2021. Disponível em: <https://fis.uni-bamberg.de/entities/publication/3ff38eba-d80f-4327-8e44-d3e276b6b480/details>. Acesso em: 02 nov. 2023.

⁴⁵VIEIRA, Andresa Cristina Corga. **Por terra de Vera Cruz: os olhares do experienciado: Caminha, Mestre João e piloto anônimo**. 250 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares apresenta a Universidade Aberta. Lisboa, 2013.

na vida política e administrativa.[...] Aprendeu com o seu pai o ofício das letras, adquiriu a competência literária e tornou-se, como nos diz Jaime Cortesão (2000: 39) um excelente cidadão do Porto e de Portugal, como um político na elevada aceção da palavra (Vieira, 2013, p. 18, 20 e 21).

Deste modo, debuxamos a interação do corpo como significante (poder) ao dispor de cargo (atávico) por meio forense (legislação).

Segundo talho, o título nomeado como Mestre da Balança da Moeda de Lisboa, segundo Gambetta (1978)⁴⁶ ofício que entre encargos exerceria a alcunha de escrivão, devido à profusão de serviços que a função exigia, para tal era necessário que fosse fidalgo ou cavaleiro e ter atuado como escrivão anteriormente, guarnecido de aptidões nas alçadas da leitura, escrita, aritmética de ligas e câmbios. Como outrora, Vieira (2013) contextualiza-nos:

O documento mais antigo que se conhece relativo a Pêro Vaz de Caminha data de 8 de maio de 1476. Trata-se de uma carta régia em que D. Afonso V nomeia Pêro Vaz mestre da balança da moeda da cidade do Porto, por morte de seu pai ou quando este lhe quisesse entregar o cargo. Esse ofício foi-lhe confirmado por D. Manuel, vinte anos mais tarde. [...] Compreende-se, por isso, que Caminha tenha sido um dos eleitos para redigir, em 1497, os Capítulos que seriam submetidos às Cortes de Lisboa no ano seguinte e que, desde 1488, segundo Magalhães Bastos, fizesse parte dos ilustres habitantes do Porto, capazes de defender os interesses daquela cidade e dos seus habitantes. Já em 1476, na carta na qual D. Afonso V lhe faz mercê do cargo de mestre da balança da moeda daquela cidade, o monarca o apelida de «cavaleiro» o que indicia também a sua participação em batalhas, não só a de Toro, já citada anteriormente, como muito provavelmente em África, na companhia de seu pai. Embora saibamos que, à época, chegavam vindos de África habitantes em número considerável, não excluimos que a forma como Pêro Vaz de Caminha descreve fisicamente os índios, comparando-os aos negros da África Ocidental, possa indiciar, como defendem alguns autores, a realização de alguma viagem marítima anterior à de Pedro Álvares Cabral (Vieira, 2013, p. 19 e 21).

Dissecado posto de Caminha, encomiamos debulhar indiciador na concepção de sua escrevedura, intrínseca ao feitio de suas fainas exercidas no âmbito da administração política (escrivão) serão basilares no cerzir da Carta respaldando a conformação da maneira de se ver repercutida na estratégia de seu escrever. Dessarte a escrita da Carta de Pero Vaz de Caminha consideraria os elementos (natureza/corpos) deparados, como peças a serem administradas conforme a economia, enumerando e catalogando funcionalidades para maximização de desfruto ao mercantilismo português? Quais derivações do imaginar medieval são carcaças da Carta que pululam no incurso da colonização?

Ah benfazejo leitor, chafurdaremos neste pútrido campo em nossa próxima correspondência, aguarde-me desejanste assim como eu o desejo. Osculo-lhe a fronte, despeço-me, um até logo dada a proximidade da aurora, em breve a luz em refração será objeto a nos erudir, presentemente, imerso na cronografia. Esta afluência será fontículo de prazer a aquecer epiderme, pois o prazer e o não-prazer fora estaca que elegera como premissa a nossa frenética deambulação *ad aeternum*. Persuadido por

⁴⁶GAMBETTA, Agostinho Ferreira. **História da moeda**, v. 1. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1978.

esta alacridade, lhe confesso que anterior ao nosso conciliábulo, estava a ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*⁴⁷ paragonando o autor defunto com defunto autor que Pero Vaz de Caminha é. Cismeï por desenhar interconexões que prenunciasses vossas continuidades em eco. Dada esta carta digressão que rutilamos sobre o tempo efundido ao corpo, quando colonizado se repete em fratura e trauma, auspiciaremos os corpos como mortos-vivos pela possessão em comunicação vindoura, porém testificando aos deteriorados e deliberados pela historicidade (autores defuntos – defuntos autores), perpetrarem-se vistos pelos ouvidos nos órgãos oficializados, mesmo com letal bafejo. Inculcara nesta nossa mutualidade a lascívia de tencionar os cordéis da dançante marioneta. Para nosso encontro vicinal, acararemos demônios face a face, ensejo afoiteza.

⁴⁷ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 25. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

Grã
 Can
 Caã
 Claã
 Canaã
 Kali
 Caim
 Cammy
 Cani
 Caniba
 Cannabis
 Canibal
 Suck my ball
 Marimba
 Caribe
 Cariba
 Coimbra
 Câimbra
 Corypha
 Vrá! Califa
 Afegã

Talibã
 Ira
 Irã
 Pira! Quê?
 Iraque
 Cfudê
 Fraternite
 Afrique
 Egalité
 Igolide
 Émigré
 Liberté
 Pápápápápá
 Pá P-Q-P
 É pácabá
 Cabalá
 La nave va
 Arriba
 EUHÁ
 Suaschica



Colagem: Carlos Augusto de Andrade.

O triunfo do diabo cristão no imaginário das populações americanas autóctones acabou sendo, assim, um subproduto da ideia que os europeus e sua Igreja tinham da idolatria: fenômeno nitidamente demarcado por barreiras próprias a uma concepção binária do universo, o céu se opondo ao inferno, a natureza à cultura, o ser ao parecer, o espiritual ao temporal.

Laura de Mello e Souza (1993, p. 39).⁴⁸

Com o diabo europeu, os missionários transportaram para a América seu inferno de chamas onde colocaram sem hesitação todos os indígenas que tinham vivido antes da chegada do cristianismo.

Jean Delumeau (2009, p. 390).⁴⁹

Mas para que nesta parte magoemos ao Demônio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memória a Santa Cruz e desterrá-la dos corações dos homens, mediante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemos-lhe a restituir seu nome e chamemos-lhe Província de Santa Cruz, como em princípio [...] porque na verdade mais é destinar, e melhor é nos ouvidos da gente Cristã o nome de um pau em que se obrou o mistério de nossa redenção que outro que não serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes.

Pero de Magalhães Gândavo (1826, p. 93).⁵⁰

⁴⁸SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴⁹DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lucia Machado. Tradução de notas: Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Título original: *La peur em Occidente (XIV^e-XVIII^e siècles): Une cité assiégée*.

⁵⁰GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

Penápolis, 01 de janeiro de 2022.

Alocutivo que goza de estima, contumélias!

Desde nosso último encontro, aquele em que num décimo de segundo pela piscadela tornamos cúmplices, as águas se elevaram. O tornozelo deslindara os limites desta, areia imo permitindo prazenteiro permear (pododáctilos aleixam os grânulos de dióxido de silício, inspirando espaços dentre os entres) com o derretimento das geleiras o céu entroviscara e o índice pluviométrico assestara. Afogo-me, aguardando hipóxia.

Sonhara em relembrar o potencial da respiração intrauterina pelo líquido amniótico ou recobrar os arcos branquiais para guelras soverterem, primeiro “homem sábio sábio”⁵¹ a se reestabelecer e reentrar ao primitivo ambiente criado no planeta, indícios da hipoxemia. Com a pressão da profundidade agravando (a cada dez metros acresce uma atmosfera), meus orifícios são invadidos pela liquidez que devora de fora para dentro, colidindo aos sessenta e cinco por cento de dentro a fora. Seria uma autofagia ou antropofagia? Nomeio como tratamento de chorume.

Sintomaticamente acrescido de volume, demasioso edemaciado, corpo robusto, do latim robustus ‘de carvalho; duro, forte, sólido; vigoroso como uma ereção na qual o sangue arterial banha o corpo cavernoso e esponjoso, órgio.

Reiteremos proporcionalidades: carvalho está para carvalho assim como pau está para Brasil, aproximação fálica à figura flácida do colonizador, seu penetrar casto em virgens terras bafeja salvação, ejacula humanismo. Quimérica cristã concebe avatar⁵² por interação/intervenção miraculosa: imaculada concepção como Dánae e Zeus de epíteto “golden shower”⁵³, que ao transpormos inversamente à invenção da Ilha de Vera Cruz, um corpo território deflorado pela presença dos povos originários, solicita fé na ingerência mercantil do estupro administrativo, descoberta para ser abusada e exortada para ser expropriada. Gesta-se a Terra de Santa Cruz em gestão Edenizada a Demonizada, exportam o demônio no erigir da cruz fincada em primeiro de maio de mil e quinhentos e importam *Caesalpinia echinata*⁵⁴ para banhar rubro a monarquia. Assim em brasa a cruz torna-se Brasil, vermelho e quente como as chamas do inferno conforme Laura de Mello e Souza (1993),

⁵¹Tradução literal da subespécie humana do homem moderno *Homo sapiens sapiens*.

⁵²Avatar: na crença hinduísta, descida de um ser divino à terra, em forma materializada; processos metamórficos; transformação, mutação. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 354.

⁵³Mitologia grega: Dánae filha do rei de Argos, aprisionada numa torre é fecundada por chuva dourada que Zeus se transformara. Chuva dourada ou *golden shower* termo utilizado para o fetiche em que há prazer em urinar ou ser urinado pelo parceiro sexual.

⁵⁴Árvore Pau-Brasil.

Fato ímpar entre tantas terras coloniais, o Brasil seria a única a trazer tal tensão inscrita no próprio nome, que lembrava para sempre as chamas vermelhas do reino do inferno. Em períodos posteriores ao que aqui se estuda, a ideia do embate entre Bem e Mal como fundador da própria identidade “brasileira” continuou a ter força [...].

O enraizamento dessa tradição ajuda a compreender melhor a leitura que os jesuítas catequizadores fariam da natureza brasileira, assolada sem trégua pela presença demoníaca, ou endemoninhada ela mesma. Afinal, fora malfadada árvore de pau vermelho que roubara o nome santificado, atestando a insubordinação de um mundo natural muitas vezes caótico, desordenado e contraditório como o próprio demônio (Souza, 1993, p. 32).

Ah interlocutor! Peça-me calma, exija-me tempo (quais?)!

Um sopro, suspiro, oxigenação, aponte-me a deselegância de retirá-lo do fundo das águas embebedando-o na ardência das chamas, somente corpo vítreo se fascinaria pela arte, grulhaço!

Obrigado, recomponho-me!

Creio que as notícias televisionadas deambulam-me eferverscência, ardor incinerante, ouso infibulação. Antes Dante⁵⁵, facúndia anuncio que nossa démarche jornada em *dégradé* será. Para o reconhecer do demônio, diligência nos corpos que por Caminha são descritos entrançados aos corpos cristianizados, entreluzir céu e inferno como um corisco metodológico a inspecionar imaginário colonizador. Sigamos, entorpecidos pelo enxofre.

De frente ao espelho estamos no hedonismo da aspensão, ajustemos o fulcro para calcorrear detalhes, da conspicuidade ao sensível, dos comedões a homeostase. Ouça minha voz em uma proposição menos estética e mais dialética, dispersemos comparações ao rastrear descontentamentos. De certo, inculco por assim operar, não universalizo e sim, consortismo, pergunto lhe o que por proficuidade o espelho nos ingesta?

De volta ao corpo (quando ausentasses dele?), massa molecular visível a nós pelo reflexo das telas e pela película de vidro plano – transparente, incolor com espessura uniforme e massa homogênea com uma camada de prata, alumínio ou amálgama de estanho – há modos outros de ser corpo sem acarear? Há maneiras outras de se gozar corpo, que não pelas dores e ou enfermidades?

Quisera poder lhe abraçar cingindo-o em aconchego, para que nesta partilha de olhos cerrados redarguissemos fagulhas deste engenho, mas saiba que visualizo este enlace para nossa contiguidade, se a ti for viável, abraçe!

Nesta locução de ternura, conglobarei estilos de peregrinação corporal:

– dos léxicos (praxe vincular entre nós e Pero Vaz de Caminha)

– às imagens (pela fluidez de sua criatividade que por self enleio pronunciar-se-ão).

Recomenda-se a escolha de uma trilha sonora, vosso escrevedor ouviu Brian Eno – Ambient 1:

Music for Airports.⁵⁶

⁵⁵Dante Alighieri (1265-1321), escritor, poeta e político. Autor da Divina Comédia, descreve sua viagem ao Inferno, Purgatório e Paraíso.

⁵⁶Compartilhar da trilha sonora como modo proximal entre leitor/autor. Disponível em: <https://youtu.be/vNwYtilyt3Q?si=ID7nD5W78OrvJQNi>. Acesso em: 07. mai. 2024.

Denotemos mapa de entradas, inicialmente pelo significante verbete:

corpo⁵⁷ /ô/ *s.m.* **1.** ANAT a estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal) englobando suas funções fisiológicas; parte concreta, material dos seres **2.** ANT. HUM na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros **3.** p.ext. o tronco, a parte central da estrutura anatômica de um homem ou animal, excluindo os membros inferiores e superiores e a cabeça **4.** p.ext. compleição física de alguém; estatura, robustez **5.**p.ext. forma física perfeita, segundo padrões estabelecidos pela sociedade em determinada época **6.** p. met. a superfície do corpo; pele **7.** fig. a materialidade do ser; tudo o que se refere à satisfação das necessidades físicas de alguém **8.** euf. mesmo que CADÁVER **9.** p. ana. a substância, a matéria, tudo o que ocupa lugar; tudo o que tem existência física e extensão no espaço **10.** p. ana. parte essencial ou principal de uma estrutura material ou abstrata **11.** consistência, densidade, viscosidade de matéria fluída **12.** fig. o que possui carnalidade, concretude **13.** fig. algo que incorpora, abrange ou propicia concreção a certa coisa **32.** JUR o indivíduo física e juridicamente considerado, sem seus bens e haveres **39.** POL o Estado ('conjunto') em sentido amplo.

Sentiu seu corpo estampado pela pele vocábulo? Identificara nos sentidos o sentido por você, ou escolhera por afinidade – delineando seu corpo com significados outros – Frankenstein lexicográfico?

Prossigamos por esta manuseabilidade, como encaixes num quadro afixado por percevejos, liemos com pólvora negra (nitrato de potássio, enxofre e carvão) para que lantanídeos luminescentes sob luz ultravioleta seja relevo de congruências da mesma forma que as lesões sinuosas do nematódeo *Ancylostoma braziliensis*⁵⁸.

Epilodal arqué⁵⁹ em sentido etimológico, aquinhoo elaboração pela especular memória mimeógrafo, impresso neste estêncil meu corpo de faúlha histórica em 120 BPM compasso 4/4, cantarole-me nesta balata.

KALLIGRAFAR

Bulhas ressono esternutação

Aerofagia crepitação

Borborismo briquismo flatulência

Singultos hique

Radio Static Sound

⁵⁷In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 843.

⁵⁸Parasita conhecido popularmente como bicho-geográfico.

⁵⁹Arqué:ETIM gr.*arkhè, ês*'o que está na frente', donde 'começo, origem, princípio', In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa, 2001, p.292. *Ibid.*

Nunciação

Central Psíquica Call me to Kall

Cedida lassidão perante:

autoconfiança na autossabotagem,

autoctonismo à autoestima

autocromia autobiográfica,

autocentrado nas autopeças.

Alto lá!

Congregação defere solicitação: o corpo assume controle do corpo

Corpus Procedure: autodidaxia re possessoria

Gênesis 3:16 “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”⁶⁰

Coerente ao verbo de Deus, meu pai assim me fez, concebido pelo contraceptivo, não no pelo mas pelos buracos – da agulha e da vagina – Mateus 19:24 “[...] mais fácil passar um camelo pela agulha do que um rico no reino de Deus”⁶¹. Condenara-me a pobreza e a pederastia. Bicha pão com ovo!

Filho da faxineira, faxineiro será, ciência kardecista, doutrina de Hippolyte Rivail,

Oh! le français

“Je t'aime je t'aime/ Oh oui je t'aime”⁶², por isto fujo de Foucault, a não ser da cabeça despelada entre minhas coxas, sua morada “Tu vas, tu vas et tu viens”⁶³ num grand plié in second position, pas de deux de palavras na crueldade das coisas artaudianas, biopolítica sem órgãos, devorado pelo abutre que fudeu Prometeu.

Abutre abuso, bando abusivo, coletivo abusador;

Abutre abuso, bando abusivo, coletivo abusador, corpo descrito pelos arremetidos, sargaços familiares camarços aos professores de teatro e dança. Do sexo às moradias, submisso obsequente meu corpo instrumento do outro, Jesus em Mateus 26:26 “[...] Tomai, comei, isto é o meu corpo.”⁶⁴

Perfilado corpo na relação de potência exaurida, consciência de si ao expungir-se, dilaceraram-me demônios e aos pedaços falida, fecho os olhos e a mim digo:

Radio Static Sound

⁶⁰BÍBLIA SAGRADA. Gn 3, 16. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?], p. 5.

⁶¹BÍBLIA SAGRADA. Mt 19, 24. p. 25. *Ibid.*

⁶²Trecho da canção Je t'aime... moi non plus. GAINSBURG, Serge. Intérpretes: Serge Gainsbourg e Jane Birkin. In: **JANE Birkin e Serge Gainsbourg**. Produzida por: Jack Baverstock. [S.] Fontana Records, 1969. Single.

⁶³Trecho da canção Je t'aime... moi non plus. *Ibid.*

⁶⁴BÍBLIA SAGRADA. Mt 26, 26. p. 35. *Ibid.*

Autopsiemos o procedimento poético – tendo o *Programa Performativo* de Eleonora Fabião (2013)⁶⁵ como parodístico inspirar – compassado sequencialmente, num mote “faça você mesmo”.

PASSO 1: Listar os panlêxicos seriados:

BULHAS (cardíacas)⁶⁶ s.f. Med. o ruído normal do coração.

RESSONO⁶⁷ s.m. **1.** ato de ressonar; ronco, ressonadela.

ESTERNUTAÇÃO⁶⁸ s.f. mesmo que espirro.

AEROFAGIA⁶⁹ s.f. GAST deglutição excessiva de ar, decorrente da ingestão apressada de alimentos devido a certos estados ansiosos.

CREPITAÇÃO⁷⁰ s.f. **4.** ORT estalido que fazem as partes de um osso fraturado sob estímulo de certos movimentos.

BORBORIGMO⁷¹ s.m. MED ruído gorgolejante provocado pelo deslocamento de líquidos, ou de gases em meio líquido, contido nos intestinos.

BRIQUISMO⁷² s.m. PSICOP rilhar espasmódico ou rítmico dos dentes, não funcional, que ocorre mais frequentemente durante o sono, gerado devido a fatores psiconeuróticos ou à oclusão imperfeita da dentadura.

FLATULÊNCIA⁷³ s.f. **1.** FISL emissão de gás pelo ânus.

SINGULTO⁷⁴ s.m. frm. Solução, suspiro.

HIQUE onomatopeia para singulto.

AUTOCTONISMO⁷⁵ s.m. mesmo que AUTOCTONIA s.f. qualidade, condição ou caráter de autóctone.

AUTÓCTONE⁷⁶ adj. **1.** que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram.

⁶⁵Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. [...] É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. (Fabião, 2013, p. 4.)
In: FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. *Ilinx-Revista do LUME*. p. 1 a 11. n. 4, 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 12 mai. 2024.

⁶⁶In: NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1975. p. 233

⁶⁷In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.2441.

⁶⁸In: DICIONÁRIO, 2001, p. 1252. *Ibid.*

⁶⁹In: DICIONÁRIO, 2001, p. 96. *Ibid.*

⁷⁰In: DICIONÁRIO, 2001, p. 866. *Ibid.*

⁷¹In: DICIONÁRIO, 2001, p. 490. *Ibid.*

⁷²In: DICIONÁRIO, 2001, p. 515. *Ibid.*

⁷³In: DICIONÁRIO, 2001, p. 1355. *Ibid.*

⁷⁴In: DICIONÁRIO, 2001, p. 2580. *Ibid.*

⁷⁵In: DICIONÁRIO, 2001, p. 349. *Ibid.*

⁷⁶In: DICIONÁRIO, 2001. *Ibid. loc. cit.*

AUTOESTIMA⁷⁷ s.f. qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, conseqüentemente confiança em seus atos e julgamentos.

AUTOCROMIA⁷⁸ s.f. FOT processo fotográfico que reproduz exatamente um original colorido.

AUTOBIOGRÁFICA⁷⁹ adj. relativo a autobiografia.

AUTOBIOGRAFIA⁸⁰ s.f. narração sobre a vida de um indivíduo, escrita pelo próprio, sob forma documental ou ficcional.

AUTOCENTRADO⁸¹ adj. **1.** baseado em recursos próprios; independente de forças ou influências externas **2.** voltado exclusivamente para as próprias vontades ou carências; egoísta, ególatra.

AUTOPEÇAS⁸² s.f. **1.** qualquer peça ou acessório de veículo automóvel.

AUTODIDAXIA⁸³ s.f. mesmo que AUTODIDATISMO; s.m. **1.** ato de estudar e adquirir instrução por si mesmo, dispensando a orientação de professores **2.** qualidade de autodidata.

PASSO 2: Topicalizar o desenvolvimento, forma/conteúdo:

a) Articular aos moldes de um programa de rádio, encaixar a estação corpo a narrar sobre si, não pela prosopografia mas pela violência historicizante, ou seja, os impressos coloniais (possessão) são vergalhões estruturantes da comunicação.

b) Engenhar jingle, mensagem musical publicitária, com substantivos que nomeiam os ruídos corporais alocados para equilibrarem-se entre si, harmonia e ritmo coeso as 120 batidas por minuto no compasso 4 por 4, que se estendem ao poema todo.

c) Anunciar do corpo, ironizando a autocentralidade de limiar egoico, reiterando elemento de composição auto-, contrastar o sentido do vocábulo ao menoscabar de si.

d) Batizar e fundamentar atração radiotransmitida, no caso “Corpus Procedure: autodidaxia re possessora” que evidencia expectativa metodológica do corpo na assunção de si (autodidatismo), num descercar a experiência/ação cromatizadora de sua história – colonização (possessão) – conjunta ao debuxar de perspectivas que manobrem tais violências (re possessão). Re possuir é tomar posse do jogo colonizador, por ciência deste, expugnação do modus operandi ao conscientizar-se da fratura/trauma. Desintrinçar jeitos pelo *jeitinho brasileiro* como uma excitante brincadeira, escordando que ser brasileiro é sermos, ao mesmo tempo, colonizado e colonizador.

e) Cavaquear com o manto determinístico da religiosidade (cristã e kardecista), por meio de seus evangelhos, que lidam violências corporais e estratificações sociais, exemplificar com

⁷⁷In: DICIONÁRIO, Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 349.

⁷⁸In: DICIONÁRIO, 2001. *Ibid. loc. cit.*

⁷⁹In: DICIONÁRIO, 2001, p. 348. *Ibid.*

⁸⁰In: DICIONÁRIO, 2001. *Ibid. loc. cit.*

⁸¹In: DICIONÁRIO, 2001. *Ibid. loc. cit.*

⁸²In: DICIONÁRIO, 2001, p. 351. *Ibid.*

⁸³In: DICIONÁRIO, 2001, p. 349. *Ibid.*

pessoalidade experienciada (procriador fura com agulha o método contraceptivo de barreira, engravida cômputo sem o conhecimento/desejo da mesma). Novelar parodicamente história e religiosidade.

f) Deslizar jocosamente aos filósofos franceses como num ato sexual, de modo não compromissado (*fast foda*) à semelhança com seus conceitos. Manter caráter êmulo ao arrebatamento de adágios estratificados que se tornam dispositivos possessores, por asteísmo.

g) Localizar espaços/grupos de possessão.

h) Ascender comunhão de um trecho bíblico a profanar corpo sagrado pela intertextualidade.

i) Desprover culminância dado interveniente ritornelo, tornar o fiasco a variável de confiança.

j) Findar programa pela repetição do item a.

Amigo legente, vaticino que já nos acatemos de digna amizade pois testemunhara o desmanchar de minhas vestes e bramar da nudeza, penúria do encalstrar.

Nueza assemelhada a de nossos antepassados Adão e Eva no idílico paraíso? Sinto redarguir, companheiros.

Congraça aos povos originários patenteados na correspondência de Pero Vaz de Caminha? Tenho que denegar, correlegionários, enunciarei os ânimos.

No acúmulo do tempo, ensaboando e quarando roupas, lavando e polindo louças, limpando e lustrando móveis, angustiava-me cascavilhar cangostas enduredas de tenazes passagens – as ausências de vestimentas –, pela tesura termômetro atempei imaginar. Sonhara que segurava duas folhas de sulfite, constava um poema na esquerda e na direita, sua versão academicista, acordara desassossegado. Caminho da mão esquerda, *via sinistrae*, hiperfoco como páthos⁸⁴ do matutar.

Dimanara enquanto cozia jornadejar outra vereda que não a nudez. Apedeuto a sulcar terra, mas lúbrico em convidá-lo para flunar no que razoarei como cenário.

Por obséquio, acompanhe-me! Não serei cuntatório.

Nutrificaremos o anteposto, apreciar enfoque na Carta de Pero Vaz de Caminha e esquadrinhar suposições dirimíveis ao seu procedimento de escrita, de que guisa? Interroga-me. Propriamente por uma interrogação, redarguo.

Qual imagem/ação, descrita por Caminha, consideraríamos um interceder colonizador se, porventura, esta imagem/ação acravasse corporificar?

⁸⁴Etimologia gr. *páthos, eos* ou *ous* 'sofrimento, sensação etc'. In: DICIONÁRIO Houaiss de língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2149.

Interpelar imagem/ação deriva do conceito de Imagens como Acontecimentos de Adriana Bittencourt (2012)⁸⁵ parafraseado por gustação. Enuncia apreensão da imagem em sua limítrofe tipografia imobilizada, avolumando-a pela propriedade comunicante mecanicista à relação no corpo/com o corpo, constituindo-o mobilizado na presenteada presentificação do tempo no oscilante ambiente. Sacolejo que solicita à imagem jogo de cintura a bambolear padrões que se aconchegam quando do ambiente análogas as do corpo, sutra de acordos.

As imagens são ações corporais que propiciam a comunicação e materializam-se em forma de representações que descrevem as soluções necessárias nas relações com o ambiente. São acontecimentos, que se propõem continuamente e declaram que os estados do corpo são seus aspectos. Imagens são como um modo do corpo operar, são ações no corpo selecionadas como estratégia de sobrevivência, condicionadas aos mecanismos de evolução como qualquer existente.

[...]

As imagens do corpo surgem por auto-organização de reverberações de informações entre diferentes níveis de descrição do corpo. Decorrem de traduções entre sinais de vísceras, órgãos, terminações nervosas, das trocas permanentes entre cérebro e ambiente. Trata-se de um procedimento variável e dinâmico, já que cada imagem singulariza um tipo de conexão ocorrida em um determinado momento. Como se trata de um procedimento que se auto-organiza na ação da percepção, o que significa a ocorrência de movimento no corpo, as imagens se encontram implicadas em acordos constantes (Bittencourt, 2012, p. 21 e 22).

Guarnecidos de arado teórico, vascolejemos o evento a reputar contingente: O plantar da cruz na prima missa, circunstanciará pretextar de imagens a enlevar corpos? A arguição desinçará pudicícia endrômina da convicção irrefreável. Procederemos enumerando desladrilhar, incentivo audição do álbum de Susumu Yokota – Sound of Sky.⁸⁶

1. Empregar o comando Ctrl+C e Ctrl+V (a depender do seu software de edição de texto), para copiar da proveniência e colar neste espaço, o retratar que Pero Vaz de Caminha fizera em sua Carta de Achamento da missa que ocorrera em primeiro de maio de 1500. Por ser uma citação longa, com mais de três linhas, obedeceremos ao recuo de quatro centímetros da margem esquerda, tamanho da fonte 10 Times New Roman e espaçamento simples. Como o autor já fora referenciado, intitularemos CdA (Carta de Achamento), sua disponibilidade quando acessado de um computador em rede – online – promulgaremos como paginação, em acordo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 10 520);

2. Zanzar observações do que instigara, coletar augúrios. Coadunado a comendação de se comentar após uma citação.

3. Sendo a cruz objeto de estudo, levantar significâncias dicionarizadas;

⁸⁵MACHADO, Adriana Bittencourt. **Imagens como acontecimentos**: dispositivos do corpo, dispositivos da dança. Salvador: Edufba, 2012.

⁸⁶Novamente a música compartilhada como meio proximal, se antes “estávamos” no aeroporto, agora em pleno voo na outiva deste céu. Disponível em: <https://youtu.be/Gym0RBc6P80?si=DEhUTv8zp0LwPewA>. Acesso em: 7 mai. 2024.

4. Bordar, estilo ponto cruz, os indicativos históricos, denotativos e conceituais para síntese segmentar;
5. Prognosticar imagem (efluída da síntese) que estruturará perspectiva à pergunta que nos bulira;
6. Seccionar a imagem, arrazoando-a intermediada por autores (regrar citações conforme primeiro item) no propósito de entesourar escora argumentativa;
7. Justapor conjunção conclusiva (exemplos: logo, portanto, por isso, pois, por conseguinte, assim, então, de modo que, em vista disso) a delatar epílogo do itinerário alvidrado;
8. Bonsear contestação.

Efetuemos a fazedura do disposto, com a palavra, Pero Vaz de Caminha⁸⁷:

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa **bandeira**¹; e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o Capitão o sítio onde haviam de fazer a cova para a fincar. E enquanto a iam abrindo, ele com todos nós outros fomos pela cruz, rio abaixo onde ela estava. E com os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Eram já aí quantidade deles, uns setenta ou oitenta; e quando nos assim viram chegar, alguns se foram meter debaixo dela, ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia; e fomos colocá-la onde havia de ficar, que será obra de dois tiros de besta do rio. Andando-se ali nisto, viriam bem cento cinqüenta, ou mais. **Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza**², que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. **Ali estiveram conosco, a ela, perto de cinqüenta ou sessenta deles, assentados todos de joelho assim como nós. E quando se veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção**³.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão; e depois da comunhão, comungaram esses religiosos e sacerdotes; e o Capitão com alguns de nós outros. E alguns deles, por o Sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos, se conservou ali com aqueles que ficaram. Esse, enquanto assim estávamos, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. **E andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou com o dedo para o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos**⁴!

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou o Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia, tratando no fim da pregação desse vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção.

Esses que estiveram sempre à pregação estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que viessem ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda. E houveram por bem que lançassem a cada um sua ao pescoço. **Por essa causa se assentou o padre frei Henrique ao pé da cruz; e ali lançava a sua a todos -- um a um -- ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançavam-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinqüenta**

⁴. E isto acabado – era já bem uma hora depois do meio dia -- viemos às naus a comer, onde o

⁸⁷CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: <https://www.portalabel.org.br/images/pdfs/carta-pero-vaz.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2024.

Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu irmão com ele). A aquele fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca; e ao outro uma camisa destoutras⁵.

E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram.³

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior -- com respeito ao pudor.

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive se se convertera, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos perante eles beijar a cruz. E despedimo-nos e fomos comer (CdA, online, grifo nosso).

EISEGESE OU BOTANDO REPARO

• ¹A bandeira que levam é da Ordem da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo *Ordo Militiae Jesu Christo*, instituída em 1319 pelo Papa João XXII, ordem religiosa e militar. Milícia⁸⁸ *s.f.* **1.** arte prática da guerra **2.** a guerra propriamente dita **3.** conjunto de tropas de um país; exército **4.** qualquer organização de cidadãos armados que não integram o exército de um país **5.** grupo de militantes de entidade religiosa, política, etc. Resignados por Laura de Mello e Souza (2009)⁸⁹,

A expansão ocidental caracterizou-se pela bifrontalidade: por um lado, incorporavam-se novas terras, sujeitando-as ao poder temporal dos monarcas europeus; por outro, ganhavam-se novas ovelhas para a religião e para o papa. De todos os frutos que poderiam dar a terra recém-descoberta, pareceu a Caminha que o melhor seria salvar a gente indígena. “E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar”, permitia-se aconselhar, com grande naturalidade, o escrivão de Calicute. A propagação da fé católica aparece, no texto de Caminha, como forte desejo do monarca: “Fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber acrescentamento de nossa santa fé! [...] Tornou-se lugar-comum afirmar que a religião forneceu os mecanismos ideológicos justificatórios da conquista e colonização da América, encobrendo e escamoteando as atrocidades cometidas em nome da fé. É incontestável que assim foi. Mas, se tanto foi dito acerca das relações entre infraestrutura e superestrutura, quase não se procurou esmiuçar o mundo complexo da religiosidade. Nunca é demais lembrar que o fim da Idade Média e os inícios da Época Moderna caracterizaram-se por uma religiosidade funda, exacerbada, cheia de angústia. Portanto, sem que os propósitos materiais fossem acanhados, cristianizar era, de fato, parte integrante do programa colonizador dos portugueses diante do Novo Mundo. Mais do que isso: parte importante, dado o destaque que tinha religião na vida do homem quinhentista (Souza, 2009, p. 48 e 49).

• ²Os poderes (religioso, militar e político) representados pela tríplice: cruz, armas e brasão real (divisa de Vossa Alteza). Novamente Souza (2009),

⁸⁸In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, p. 1923.

⁸⁹SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Os portugueses se imbuíram sinceramente de seu papel missionário.

[...]

A fé não se apresentava isolada da empresa ultramarina: propagava-se a fé, mas colonizava-se também. As caravelas portuguesas eram de Deus, nelas navegavam juntos missionários e soldados, pois “não só são apóstolos os missionários senão também os soldados e capitães, porque todos vão buscar gentios e trazê-los ao lume da fé e ao grêmio da Igreja”. [...] Dilatação da fé, colonização e fortalecimento do poder monárquico sempre aparecem associados (Souza, 2009, p. 49 e 50).

- ³Os indígenas a simularem (reorganizarem) os gestos dos invasores, registrado como inclinação à catequização;
- ⁴No primeiro contato com os autóctones, a troca de objetos como gesto inaugural de conversação é pormenorizado por Caminha,

E Nicolau Coelho [...] Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza (CdA, online).

Inquiriremos esta aplicabilidade gestual em permanência e contemplar o aceno sacramentar pela viabilidade doutrinária?

- ⁵Recompensar ação do habitante primevo, presenteando-o quando coincidir com finalidades do conquistador (treinamento comportamental?);
- ⁶Para além da interpretação especulativa e tendenciosa de Caminha, o intrigante é imaginar e somente imaginar, liame que o indígena fizera ao apontar o dedo para aquelas direções, minuciadas como altar e céu.

Cruzes, *In Crux* Credo!

"Per signum crucis, de inimicis nostris libera nos Deus noster. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen"⁹⁰ Crux, Cruzeiro do Sul, Ilha de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz, te benzo, te rezo pelos verbetes da cruz!

Cruz⁹¹ s.f. **1.** HIST instrumento de tortura e execução, formado de dois toros transversais onde se pregavam as vítimas **1.1.** HIST. REL instrumento em que Jesus Cristo esteve crucificado e que se tornou símbolo da religião cristã **1.2.** p.met. qualquer representação da cruz onde Cristo foi morto ou da crucifixão, em forma de adereço, objeto de devoção, emblema que se traz ao pescoço, à lapela ou em outros pontos do vestuário, ou fixado à parede, a uma edificação, a uma sepultura etc. **2.** REL para o cristianismo, o mistério da expiação mediante a morte de Cristo no Calvário **3.** p.ext. REL o próprio cristianismo **4.** p.met. REL paixão e morte de Cristo **5.** p.metf. REL simbolicamente, redenção dos cristãos por meio de tal paixão **6.** p.metf. grande sacrifício, ocupação ou experiência penosa,

⁹⁰Pelo sinal da cruz, livra-nos dos nossos inimigos, nosso Deus. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

⁹¹In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 880.

mortificação, adversidade 7. LITUR gesticulado pelo qual alguém se persigna e se benze 8. p.met. REL o poder ou a autoridade eclesiástica 21. TEOL para diversos povos, antes do Cristianismo, símbolo místico e algumas vezes também ornamental [Para os egípcios, por exemplo, representava a vida divina; para os habitantes da América pré-colombiana, relacionava-se com a chuva.]

Cruzemos as pistas: antigo objeto de tortura é fixado em solo recém-invadido por ofício eucarístico, cuja imagem cunha redenção ao rememorar sofrimento acometido pela crucificação de Jesus Cristo, parâmetro tortura/redenção. Pressuporemos que este marco conquistador conferiria ao ambiente e aos corpos autóctones, potencial estado de cristianização ao instaurar processualidade do corpo com a imagem (cruz) pelo movimento que esta conjura (devoção à autoridade eclesiástica/cristianismo), presunção que intitularemos de imagem corpo † cruz consoante a Bittencourt (2012),

O corpo encontra-se conectado com/no tempo na produção de imagens que se apresentam em forma de aspectos do corpo, signos do corpo, ou seja, são arranjos provisórios entre inúmeras informações do corpo e do ambiente. Cada imagem, portanto, configura um tipo de acomodação em um determinado espaço-tempo, procedimento de auto-organização que gera formas de coerência, pois ocorre longe do equilíbrio, existindo exatamente ao acontecer. Negociações transitórias: tráfego de acordos em zonas de tensão entre diversas informações. Ação que se manifesta em transformação (Bittencourt, 2012, p. 45).

Suspensão! Soflagrante da oração interrogativa direta. Chegue cá – hamletianos tupiniquins – experienciemos, *fides, scientia et patria*⁹², cucar acomodação pelo viés da violência colonial. Seria a possessão estratégia correlacional para a acomodação? Levanto esta lebre a porfiar em breve pois o galgo à la larga a lebre mata.

Ouçó seu suspiro, percurso exasperador, outorgo, mas avigoro o carecimento de sua agremiação, somente contigo isto fará sentido.

Encarecidamente, progridamos. Entrecruzemos os vértices da imagem corpo † cruz.

CORPO

⁹²Fé, ciência e pátria.

O corpo, âmago na teologia cristã, pelo advento da encarnação⁹³ (manifestar materialidade) do Cristo filho de Deus e sua estância eucarística (o recebimento da hóstia sagrada)⁹⁴ rememoração do sacrifício à redenção dos pecados humanos no ato da crucificação, eufônico a Jacques Gélis (2012)⁹⁵

Por estar no centro do mistério cristão, o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos. Não foi enviado seu Filho à Terra, pela anunciação-encarnação, que Deus deu aos humanos uma chance de salvar-se, corpo e alma?

[...]

A fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito da História. “Corpo de Cristo que comemos que se revela a partir do real e da carne. Pão que converte e salva os corpos.” Corpo magnificado do Filho encarnado, do encontro do Verbo com a Carne. Corpo glorioso do Cristo da Ressurreição. Corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é em toda parte a cruz, lembra o sacrifício pela redenção da humanidade. Corpo em migalhas da grande legião dos santos. Corpo maravilhoso dos eleitos no Juízo Final. Presença obsedante do corpo, dos corpos (Gélis, 2012, p.19 e 20).

CRUZ

A cruz empra o corpo pela diferenciação, nos alveja os pecados incorporados, mesmo que a imagem e conforme a semelhança de Deus⁹⁶, nossos erros nos opõe ao Cristo, reputando a carne unicamente receptáculo da alma. Alcinha atalaia de moralidade imolar, para que na defunção e escatologia alcancemos o corpo glorificado de Cristo pela promessa paradisíaca⁹⁷,

⁹³E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. *In: BÍBLIA SAGRADA. Jo 1, 14. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?], p. 103.*

Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus.

Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;

E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. *In: BÍBLIA SAGRADA. Fp 2, 6-8. [2000?], p. 219. Ibid.*

⁹⁴E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei: isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. *In: BÍBLIA SAGRADA. 1Co 11, 24 e 26, [2000?], p. 192. Ibid.*

⁹⁵GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. *In: CORBIN, Alain et al. História do corpo: da renascença às luzes. Tradução de Lúcia M. E. Orth; revisão de tradução Ephraim Ferreira Alves. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.*

⁹⁶E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. *In: BÍBLIA SAGRADA. Gn 1, 26. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?], p. 3.*

⁹⁷E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.

Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?

Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

Mas graças a Deus que nos dá a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor. *In: BÍBLIA SAGRADA. 1Co 15, 50-58, [2000?], p. 197. Ibid.*

Mas existe uma outra imagem do corpo, igualmente cheia de sentido, que é a imagem do ser humano pecador. A Igreja da Contrarreforma reforçou a desconfiança que o magistério já havia manifestado nos séculos medievais a respeito do corpo, “esta abominável veste da alma”. Corpo depreciado do ser humano pecador, pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se. O pecado e o medo, o medo do corpo principalmente o medo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações. [...]

Uma ambiguidade atravessa pois o discurso cristão sobre o corpo e as imagens que ele suscita: um duplo movimento de enobrecimento e de menosprezo do corpo. O corpo, duplo e inconstante, como aquele que o habita. [...]

Ao corpo do pecador que é só desordem, aviltamento, pois se ele não consegue controlar suas paixões, opõe-se o corpo harmonioso de Adão e Eva antes da queda. O universo paradisíaco é o domínio por excelência do corpo sábio, isento de todo desejo sexual; em torno do primeiro homem e da primeira mulher, os casais de animais testemunham aliás uma análoga moderação. Corpo sem paixões nem pulsões. Justamente antes que o irreparável seja cometido...

[...] na cultura da Igreja, uma vez que esta, ao insistir principalmente nos fins últimos, concedia ao corpo do indivíduo apenas um valor irrisório e uma duração efêmera (Gélis, 2012, p. 20 e 21).

Estratigrafia da imagem corpo cruz, estratos de memória, mecanismo memorizador ao genuflectir, cravejá-la escarmentaria fissura na terra e no tempo – a.C./d.C. – fenda semear da fratura e trauma iconiza passado que não passa. Sobrepor de imagens a arquitetar imagem, nos depravemos vestígios do que acima fora desenrascado, retramar frontal espelho. O minudenciado é vapor baço, turvo revérbero da conjecturada alojação nos corpos indígenas para corresponderem à ambiência Ilha de Vera Cruz – Terra de Santa Cruz – Brasil.

Abranger a cristianização como dispositivo para albergar a invenção do invasor manu scriptus, corrobora Roberto Gambini (2000)⁹⁸,

O primeiro ato indicativo da conquista foi a implantação de um marco de pedra em Porto Seguro, com a cruz de Cristo de um lado e, de outro, as armas de Portugal. Psicologicamente, a cruz já estava presente no nome dado à ilha e na atitude constelada no inconsciente coletivo. A cruz, ou seja, o cristianismo, seria a perspectiva pela qual o contato com o desconhecido poderia ser compreensível para uma consciência europeia, da mesma forma como o padrão escolhido para moldar a nova realidade. Isso quer dizer que os seres humano, a priori conquistados, que porventura habitassem o território teriam de ajustar-se à cruz e viver por ela. Não se trata de retórica: esse fato ocorreu e causou a extinção quase total da população nativa. Os descobridores transportaram a cruz através do oceano e a fincaram em terra fresca, mas nunca foram capazes de carregá-la sobre os próprios ombros – nem mesmo os jesuítas o fizeram. Os europeus deixaram que os índios carregassem a cruz, enquanto se entregam à plenitude de sua ganância na zona franca ao sul do Equador (Gambini, 2000, p. 42).

Se o entranhar da cruz promovera cristianização nos corpos (alojar da violência colonizadora na imprescindibilidade da redenção pela paisagem edênica pecaminosa) leviandade asseverar (a não ser por jogos oraculares se creditados cientificamente fossem). Associaremos – como hipótese – alojação, como violência, simultânea a matar dois leporídeos com uma cajadada só. A lebre antes

⁹⁸GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

levantada, agora sacrificada a hepatoscopia⁹⁹ de hodiernos¹⁰⁰ esboços. Sobrepujante a manifestação característica do belo, ostentada ao investigarmos, taganteados pela viração infernal tal qual Perséfone a lambiscar romã¹⁰¹, lhe agradeço por esta sazão.

Amabilíssimo legente, circunflexo na almucábala¹⁰² de cômposito¹⁰³ me abalroo¹⁰⁴, quimera circuncisfláutico sinto-me, tu bradas este barroquismo hermético requestando viabilidade. Sugiro afastador autoestático de Finochietto¹⁰⁵ para a toracotomia de incisão esternotomia mediana e pondere meu coração, sinuoso entre a luz e a sombra da religiosidade na opulência dramática para efeito exagerado ininteligível pela lógica. Pudera o acolher na sua extremidade do membro superior, articulada com antebraço pelo punho e terminada pelos dedos, sorveria pela somatestesia¹⁰⁶ solvatar¹⁰⁷ dos anseios transidos meus. Antegozo o futuro, porque nele o que faço será antegenesia¹⁰⁸ e você será o iminente insopitável.

Transijamos no transfretano a abordar pelo bisar possessão sinônimo para colonização em que nesta epístola a imagem corpo † cruz indigita práxis, não obstante, façamos o pulo do gato, ao miudear eventual fracasso deste assentar perfazer, ou seja, malograda entabulação pela possessão da imagem corpo † cruz, o cristianismo perpetraria a inversão desta imagem (a antagônica cruz invertida), em outros termos, ministraria a possessão dos corpos pela sua demonização (inversão demonizante), conforme Souza (1993),

O recurso à *inversão* permitia dar conta de múltiplos fatos culturais concretos análogos às realidades européias mas opostas a elas devido à ação do Diabo no sentido de parodiar as honras prestadas a Deus. No México, por exemplo, os missionários recorreram com frequência à inversão, as práticas religiosas dos autóctones sendo caracterizadas por oposição às católicas, numa perspectiva deliberadamente maniqueísta. O princípio da *desordem* mostrou-se particularmente fecundo para o etnodemonólogo do século XVI, possibilitando inventários exaustivos de hábitos e costumes dos quais não era necessário compreender os significados nem fornecer explicações, havendo, assim, maior liberdade para as descrições. No limite, tal atitude resultou num total desencorajamento ante o incompreensível, e na inutilidade da compreensão. [...]

Como o povo do inferno, os índios viviam junto ao fogo de dia e de noite. [...]

⁹⁹Método adivinhatório que consiste na leitura do fígado de animais mortos.

¹⁰⁰Hodierno *adj.* que existe ou ocorre atualmente; atual, moderno, dos dias de hoje. *In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva. 2001. p. 1544.*

¹⁰¹Mitologia grega: Perséfone, filha de Deméter (deusa da agricultura) é raptada por Hades (deus do submundo) e ao se alimentar com seis grãos de romã, torna-se prisioneira no reino de seu raptor. Referenciado mito metaforizando nosso adentrar as camadas subterrâneas pesquisadas.

¹⁰²Almucábala *s.f.* 2. procura da pedra filosofal; alquimia. *In: DICIONÁRIO, 2001, p.163. Ibid.*

¹⁰³Cômposito *s.m.* 1. local em que desembocam vários caminhos 2. lugar em que caminhos se cruzam, encruzilhada. *In: DICIONÁRIO, 2001, p.775. Ibid.*

¹⁰⁴Abalroar *v.* ir na direção de algo com ímpeto. *In: DICIONÁRIO, 2001, p. 7. Ibid.*

¹⁰⁵Instrumento cirúrgico utilizado para afastar tecidos durante procedimento operatório.

¹⁰⁶Somatestesia *s.f.* sensação corporal; consciência da existência do próprio corpo *In: DICIONÁRIO, 2001, p. 2605. Ibid.*

¹⁰⁷Solvatar *v.* combinar-se (molécula ou íon de uma substância dissolvida) com molécula do solvente. *In: DICIONÁRIO, 2001, p. 2605. Ibid.*

¹⁰⁸Antegenesia *s.f.* 1. época que precedeu a história da criação 2. estudo ou tratado sobre esta época. *In: DICIONÁRIO, 2001, p. 229. Ibid.*

A linguagem dos contrários, por fim, seria possivelmente o elemento mais importante da demonologia, elo de ligação entre ela e todo um universo mental característico do mundo moderno, presente tanto no teatro elisabetano de Shakespeare e Ben Johnson quando nas concepções revolucionárias de um mundo às avessas, de um País de Cocanha, na prática debochada do charivari, na carnavalização própria à cultura popular; quanto nos sermões e pregações ameaçadoras de católicos e protestantes; quanto, ainda, nas copiosas descrições dos missionários-etnógrafos e dos demais cronistas das Américas que trataram das práticas religiosas ameríndias – conhecidas, no mundo hispano-americano, por *idolatrias* (Souza, 1993, p. 33 e 34).

Seja bem-vindo ao rotear final desta missiva. Demoveremos o apoio do corpo de um pé a outro na epifania encadeante do tema: a possessão pela inversão demonizante. Aduziremos evocando Pero Vaz de Caminha em uma Carta Aberta, na qual teremos por antecedentes:

1) A linguagem coloquial como recurso de proximidade com o leitor, estranhamento friccional e inversão dos recursos linguísticos entre cartas;

2) Carnavalização: utilizar este aspecto compositor da inversão demonizante, como estrutura textual, ou seja, *a mistura de elementos diversos em que as regras ou padrões (sociais, morais, ideológicos) comumente seguidos são subvertidos ou postos de lado, em favor de estímulos, formas e conteúdos ligados aos instintos e aos sentidos, à expansão do riso e da sensualidade*¹⁰⁹;

3) A fabulação como método para aproximação de ideias, imagens e conceitos, como suposição compositiva a carta de Pero Vaz de Caminha, sendo o significado de **aproximação**¹¹⁰ s.f ato ou efeito de aproximar(-se) **1.** proximidade (no espaço ou no tempo); avizinamento **2.** fig. comparação entre coisas, fatos ou ideias, resultantes da análise das mesmas; confronto **4.** estimativa, avaliação próxima a determinado resultado; exatidão relativa e fabulação. **Fabulação**¹¹¹ s.f. **1.** versão romaneada de uma série de fatos **2.** LIT lição moral que encerra uma fábula; afabulação **3.** LIT disposição linear e lógica dos episódios de uma narrativa **4.** PSICOP ato ou efeito de contar histórias fantasiosas como verdade; falsificação assistemática da memória;

4) Brincar.

¹⁰⁹In: DICIONÁRIO Houaiss de língua portuguesa: Rio de Janeiro, Objetiva. 2001, p. 629.

¹¹⁰In: DICIONÁRIO, 2001, p. 264. *Ibid.*

¹¹¹In: DICIONÁRIO, 2001, p. 1297. *Ibid.*

CARTA ABERTA A PERO VAZ DE CAMINHA

Pero babadeiro! Ba-ba-dei-ro Pero!!! Amado, difícilimo começar esta carta, a maneira sabe? Seria perguntando como você está? Como tem passado a eternidade? Se está cantando entre querubins ou espetado por tridentes ao lado de Olavo de Carvalho¹¹²? Vai que de repente, desiludido do catolicismo aceitou os deuses hindus e acabou reencarnando, ou até mesmo, se tornou entidade na umbanda? Aliás, num elucubrar com amigüe, fiquei imaginando qual seria sua falange... dada as circunstâncias, considere a de marinheiro. Mas olha! Pensa! Um terreiro no sul da Bahia e vosmecê sendo evocado numa *vibe white ancestry* no eterno retorno da gira pela cantiga “quem te ensinou a nadar/quem te ensinou/foi/foi/ seu Pero/foram os peixinhos do mar”.

Convenhamos né amado, você escreve sua *Opus Magnum* e sete meses depois morre! Como assim? É pra ficar bolado! “Chateadérrimo”! Imagino que no mínimo, frustrado pela missão incompleta.

Se livrara da pasmaceira na Casa da Moeda e, se vivo, voltaria para Portugal laureado pelo achamento, teria angariado fiéis a cristandade (não que eles quisessem né?), montado em Pau-brasil e cheirando a canela oriental, quiçá o favorzinho solicitado pro Rei em libertar seu genro, atendido, bem, isto realmente aconteceu! Mas a vida, ou melhor, a morte lhe reservava a surpresa de ser arrebatado em Calicute. Cali-cute, menino, Cali não é *cute*¹¹³, é a deusa da morte, este seria um sinal, não? Mas vocês conquistadores pesquisam a cultura alheia? Por acaso, acreditariam que o alheio tem cultura? Tá vendo no que dá?!

Ok, sem broncas, não sou sua mãe!

Falemos de nós! Eu e você, você e eu, quando será nosso *date*? Para que com seus pútridos lábios cale este monólogo com um beijo. Não sabia deste affaire? Agora está sabendo! To falando o tempo todo de vossa senhoria, uma obsessão! Seria culpa da minha Vênus em escorpião? E não me venha dizer que astrologia é *terrapijanismo*... até porque Copérnico “heliocentrizou” depois de você. Se for pra fazer pseudociência, você tá em primeiro né?! Achastes que contar moedas era igual medir léguas, seu pastiche de antropólogo! Todo inverídico nas localizações geográficas, interpretações da gestualidade e comunicação indígena, narrando os corpos como descrição de produto no Mercado Livre¹¹⁴. Todo equivocado e ainda culpou o barulho do mar por não entender o que os indígenas diziam! O auge foi a água podre do navio que vocês ofereceram! A-U-G-E! Controlador sem noção, aposto que deve ser de leão!

¹¹²Guru da extrema-direita.

¹¹³Cute em inglês: bonitinho

¹¹⁴Plataforma de comércio eletrônico.

[...]

Hunf!

[...]

Me exaltei.

[...]

Você não vai dizer nada?

[...]

Seu silêncio é ensurdecedor!

Risos!

Mas voltando pro nosso date interdimensional, pensei como tática a brincadeira da régua e do compasso. Eu toda maçom grau 33, praticante de magia Enochiana¹¹⁵, mas fico aparvalhado pelo folclore escolar. Até prevejo... a gente discute, você fica nervoso, faz o compasso voar e fura meus olhos! Sobrando somente o soneto do olho do cu¹¹⁶. Lacrimejo, pois o deus simétrico é muito irônico, vingativo e eu to com as mensalidades atrasadas da loja, deus me leve! Já me vislumbrei Édipo em Colono¹¹⁷, de chemisier¹¹⁸ e cajado, com uma felina chamada Antígona.

Tragédia!

Outro jeito, seriam as mesas girantes kardecistas! Você poderia se manifestar chacoalhando o mogno e psicografaria a versão 2.0 de sua carta, mea-culpa a reconhecer seus privilégios de branco, hétero, cis, bípede, aristocrata, nepo baby, europeu. Mas achei perigoso, pois o som deste tabu quebrado seria poltergeist. Ou então faria *branquitudes* e diria que é injustiçado, perseguido, que só queria fazer o bem, que tentou até ajudar “aqueles selvagens”...

HOR-ROR!

Já apelo pra banimento, enxofre e pólvora e me banho com três limões, cebola e uma cabeça de alho. Pulverizado Pero.

Tragédia 2.0!

Pero amore, hai mai fatto niente solo per amore¹¹⁹? Perão, vou te chamar de Perão, que c acha? Tão importante para história do Brasil, sua carta é considera a certidão de nascimento de um bebê natimorto... Urge um superlativo aumentativo absoluto sintético, *rebranding*. Que você acha? Saca

¹¹⁵Sistema de magia.

¹¹⁶Poema escrito em 1872 por Paul Verlaine e Arthur Rimbaud.

¹¹⁷Peça de Sófocles, pertencente a trilogia tebana. Tragédia grega.

¹¹⁸Chemisier: que tem a forma e o modo de confecção semelhantes aos da camisa social masculina. In: DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, p. 698.

¹¹⁹Trecho da canção Per Amore. NAVA, Maria Giuliana. Per Amore. Intérprete: Zizi Possi. In: **PER Amore**. Produzido por: Guto Graça Mello. [S./]. Universal Music, 1997. 1 CD. Faixa 11.

essa ideia: Nos 600 anos da invasão, contrataremos a *Africa Creative*¹²⁰, espalharemos outdoors com a seguinte frase:

“Perão de Caminha

Λ

Pena Matadora”

Um QR Code pro seu perfil +18, no qual sua piroca verde e amarela coberta por penas de araras entumecidas ao som de Aquarela do Brasil versão Banda Eva Milico Miliciania, pintada pelo artista plástico brasileiro que mora em Miami que adora homenagear celebridades neoliberais fascistas. São os que pagam em dólar, meu querido. Outra opção é gerarmos imagens com Inteligência Artificial canoro aos desumanizados que oprimiste e oprimes. Imprimiremos folhetins e os distribuiremos ao raiar do sol, residencialmente aos domingos, eficiente abordagem.

Figura 6 – Tríptico: Perão 600 anos de Invasão.



Designer: Diego Gonçalves, imagens geradas por Microsoft Copilot|Designer (2024).
Designer tríptico: Tiê Francisco Maria (2024).

Eu acho que *super dialoga* com a juventude atual nazifascista que daqui a 78 anos continuarão o legado da golpista elite brasileira! Chorarão litros de leite pelos orifícios! Prevejo Grand Prix¹²¹ em Cannes 2100.

Mas, se considerar a ideia acima muito conservadora, agendemos uma *call* onírica para *brainstorm* do *briefing* certo. Por exemplo, com o Diabo, deu certíssimo! Tava levantando uma pesquisa biográfica e imaginei se ele não desejaria falar de si, pessoalmente... e pá, na mesma noite

¹²⁰Agência de publicidade e propaganda sediada em São Paulo, fundada em 2002, por Nizan Guanaes, Márcio Santoro e Sergio Gordilho.

¹²¹Prêmio atribuído pelo Festival Internacional de Criatividade em Cannes, na França.

sonhei! Sem mando de *incubus* ou *sucubus*¹²², um lorde gentilíssimo de eficácia que somente seus anos de experiência garantem!

O *PowerPoint*¹²³ do devaneio foi o seguinte: um motorista de ônibus me oferece carona para uma cidade do interior paulista, ele me avisa que em seu percurso não entrará na rodoviária, mas parará no McDonald's, agradeço e peço, por favor, que me avise ao chegar. Ônibus com adolescentes, assentos de três lugares, logo estaciona em um posto para que um menino e uma menina comprem carne para prepararem a ração de seu pet numa pia dentro do transporte. Quando retornam, os observo a cortarem tiras do corpo de uma tartaruga bidimensional. Momento seguinte, ainda no ônibus, eu lavava roupas numa máquina e cantava um louvor sobre lavar roupas, quando no último verso num high note profiro "papai do céu" o motorista responde "e eu, sou o papai de baixo", instantaneamente uma garota com uma máscara geométrica sai em flamas de dentro do banheiro que estava a minha frente, disparo água nela com a mangueira da máquina, mas...

BOOM! Todo o ônibus em chamas! Highway to Hell!

Acordo, atônita e transuda! Que profissionalismo o Dele!

Mas e aí Perão, simbora?

Ei, psiu... vem cá... *sex dreams*, acho que c consegue sentir o calor da minha aura, se alimentar do meu ectoplasma, deixo você me chamar de Maria a Madalena e tirar os sete demônios de mim ou posso invocá-lo escrevendo seu nome sete vezes com o meu por cima e colocar no travesseiro, quero vê se num aparece, fica me dando ghosting! Seu fantasma! Decerto tá cabreiro comigo, nem me conhece né, essa maricona de sobrenome tão comum, ousada em lhe dirigir palavras de escrita vulgar e espontânea, mas preciso do seu voto de confiança pra gente criar intimidade.

To loca pra contar os desdobramentos que articulei da sua carta, desnudei imaginários pra desenhar as estradas esburacadas ou privatizadas metaforizando-as a população brasileira que tu submetera após penetração, com os dois pés e mãos no *ass* deste continente. Estrada é metáfora pra desgraça, né amado? De qualquer modo estar fudido é a condição. Claro, menos pra alguns... Abapha!

É necessário ter consciência do local de fala Perão, por exemplo, eu sei que sou flopada na Billboard Hot 100¹²⁴ College, o verme da merda do cavalo do bandido na academia que rima com monarquia. Sinto-me como os degredados e grumetes, esquecíveis. Tantos outros assuntos de relevância para consolidar a dança como área de conhecimento, ficar somente na discussão de tempos e corpos, não é suficiente. Relevância e dança, olha a rima! Compreendo a necessidade da talha, banalidade, corveia, e digo: as normas e regras dos mecenas contemporâneos ou melhor, os órgãos de

¹²²Demônios sexuais do sonho.

¹²³Programa da Microsoft para criar e editar apresentações gráficas.

¹²⁴Tabela musical semanal da revista Billboard que classifica as canções mais populares nos Estados Unidos.

fomento... mesmo assim, realizar com criatividade, esta subversora histórica, necessário florir no asfalto, que você acha Perão? Não falo de mim, pois sou umilde, tanto que até o h se curva em condolências.

Parei Pero de fazer a white people problems. Simbora, vou aqui fabular para me aproximar contextualmente de você, tá?! Como não consigo te entrevistar trabalharei pelo escrutínio, portanto um solilóquio remissivo expondo imagens de um delírio com muito sangue nos zoio! Olho por olho...

É pelo olho Perão, que imaginei a nossa jornada, a jornada das imagens que você testemunhou. Você passada, com toda aquela paisagem, natureza, textura, corpos, cores, sabores, cheiros, uma loucura! Sua pupila dilatada deixando mais e mais a luz de algo, antes desconhecido, atravessar a córnea, ser ajustada no cristalino para inverter-se na retina pelos fenômenos da propagação retilínea e independência dos raios de luz. A magia da biofísica na geometria ocular para alquimia cerebral na reconstrução da imagem, e sobre esta reformulação interpretativa vou chamar uma *voz em off* pra engrossar o caldo, tipo quando a gente coloca amido de milho na água, chega mais Philippe Meyer (2002)¹²⁵

Como pode um cérebro construir uma imagem, a imagem daquilo que acredita estar ali, mas não está realmente lá? Dois processos parecem estar envolvidos. Por um lado, uma interpretação simbólica, que se efetua em níveis cada vez mais complexos e cada vez mais elevados: todo objeto possui um poder de evocação, e a imagem evocada é comparada à realidade para saber se ela pode ajustar-se aos outros elementos dessa realidade. [...] A imagem global constrói-se por etapas sucessivas, até o nível mais alto de integração, que proporciona uma imagem visual completa. As principais etapas da atividade cerebral compreendem, portanto, uma sensação, uma simbolização, uma comparação, uma percepção e novas simbolizações em escalas cada vez mais completas.

[...]

As possibilidades de ilusões e de determinismos perceptuais indicam bem que os dados principais da percepção visual não são estímulos isolados, que flutuam no vazio. Eles se deslocam, evoluem e interagem de uma maneira que pode impor uma intencionalidade. A visão implica funções de análise, de reconhecimento e de reintegração num quadro familiar (Meyer, 2002, p. 79 e 80).

Esta galera escreve muito chique, né amado? Escolhi um homem branco, francês, farmacólogo, professor universitário para que você não se sinta aviltado em sua “masculinidade”, e esta correspondência masculinista incite meios para analisar seu olhar registrado na carta! É um respaldo que me ajuda a ficar tão chique quanto os que se consideram e/ou são chiques, a fim de, caridosamente, me aceitarem como parte da chiqueza, um coral uníssono que poderia ser politonal, vai entender?!

O lance é costurar retalhos, a inversão da imagem na retina com as etapas cerebrais (sensação, simbolização, comparação e percepção), cingido pelo determinismo, congruente a você, colonizador

¹²⁵MEYER, Philippe. **O Olho e o cérebro**: biofilosofia da percepção visual. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Farmacologista, professor de Filosofia e História das Ciências na Faculdade Necker, em Paris.

Perão, que buscava comparações do que presenciara aos elementos de sua realidade, o que por sua vez tinham uma certa intencionalidade, né?... ainda mais para o destinatário da carta...

Assim sendo, intentei a inversão biofísica da luz/imagem com a inversão demonizante, pelo mesmo princípio de aproximação imaginativa aos olhares colonizadores, por meio da imagem da cruz, que invertida evoca o personagem antagônico do cristianismo: o diabo/demônio/satã, um bode expiatório tão sacrificial quanto o próprio Cristo. Tá vendo por que eu pesquisava a biografia dele... A demonização dos indígenas não fora algo que preconizaste em sua narrativa, mas ao solicitar a catequização, tensiono como proto demonização. Ave-Maria!, em Pero, seus compadres catequizadores não pouparam determinismos (destaque para o virado no satanás, Padre Manuel de Nóbrega). Quando não conseguiam cristianizar, demonizavam... eficazes tanto quanto o próprio diabo, risos. Por isto afirmo que, esta ação de demonizar é um desdobramento da sua escrita, o senhor fez o plantio de uma erva bem danosa, seu danado. Aliás plantar é tão inerente ao homem ejaculador, sêmen a seguridade da espécie.

Trarei outro homem branco, agora inglês, historiador, para conceituar a inversão. Seu nome é Stuart Clark (2006)¹²⁶, e seu conceito de inversão para estudo da bruxaria na Idade Moderna e que importado fora para a América, a fim de analisar os desempenhos catequizadores que associaram os indígenas e suas ontologias às práticas da bruxaria medieval e sua conexão ao demônio. Um translado navegante, assim como você fez Perão.

O desregramento, o padrão saturnino (carnavalesco), o mascaramento (disfarce) como lógica de travestimento (troca de “papéis sexuais”), são característica de *inversão*, que a demonologia escolástica¹²⁷ apregoa as bruxas, pois elas “moldam seu comportamento em nosso mundo, como nós o fazemos. Mas como sua inspiração é demoníaca, sua percepção é invertida; elas veem e fazem tudo da maneira errada” (Clark, 2006, p.40). A inversão também transbordava pelos festejos, dos quais o Carnaval ainda nos move, considerado “uma reunião de rituais invertidos realizados em grande escala e de maneira explosiva. [...] E seus ingredientes individuais – licença, esbanjamento, fantasia e brincadeira [...]” (Clark, 2006, p.44). Podemos cunhar, que estas características eram alocadas aos corpos/culturas dos que irrompiam a cristianização, antes possuídos pela colonização e seu processo de conversão e depois pelo demônio que a mesma implantara.

¹²⁶CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios: A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Título original: *Thinking with Demons: The Idea of Witchcraft in Early Modern Europe*.

¹²⁷Escolástica *s.f.* **1.** FIL TEOL pensamento cristão da Idade Média, baseado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade, corporificado esp. na tradição grega do *platonismo* e *aristotelismo*, e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como concebe a fé cristã; escolasticismo. **3.** *p. ext. pej.* qualquer doutrina cujos seguidores permanecem em pensamento acrítico, ortodoxo e tradicionalista. *In:* DICIONÁRIOS Houaiss de língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, p. 1206.

E o diabo, menino? Na dele, nas “europa” e só levando no rabo? Falemos desta figura tão emblemática, o delineando por enquadramento profissional, curriculum vitae sintético perfilado a plataforma de mídia social focada em negócios e empregos, vulgo LinkedIn®:

“Tenho vários nomes e posso ser várias coisas, conforme o tempo histórico e os interesses políticos. Criatura criada inversa a imagem de Deus, que me empoderara com legiões de anjos e mulheres, disseminando (quando autorizado) desgraças, iniquidades, malignidades e pecados originais, aos Homens.

Os cataclismos climáticos são responsabilidades vossas.

Qualitativamente um ser multifacetado, multiforme e multimídia.

Quando não estou estrelando filmes, meu hobby é possuir humanos, se Deus assim permitir. Apesar de me causarem efeitos colaterais, aprecio suas cabeças girando em 360°, vomitarem sopas de ervilha (sou vegano), vozes cavernosa e postagens no X¹²⁸ (ex-Twitter). Obedeço aos clichês, pois como me reconheceriam? Sou Pai da mentira e Mãe do engano, selando pactos de prosperidade.

Caso tenha interesse, entre em contato conosco pelos:

Rituais de Goécia

Igrejas

Telefone (66)6 666 666”.

Lembrem-se de Jeremias 29:13 “E buscar-me-ei, e me achareis quando buscardes de todo o vosso coração”.

Amém, ou melhor Méma.

‡

Babado esse Diabo! Tão profissional, auxiliou-os tanto né? Assim, poderiam vincular pajelança/sabá, idolatria e canibalismo no campo das desordens, amalgamando imagens que invertidas em vossas retinas os permitia violentar pela retórica demonizante. Mecanismo de crueldade inescapável, sofisticadíssimos vocês né amado? Não a toa berços da extrema direita, coesos. Novamente Clark (2006), o lacrador,

A inversão, em qualquer contexto, era, pois, necessariamente, um ato político. No entanto, na vida de sociedades e Estados reais, ela fazia eco com um significado especial. Estes eram instituições moldadas de conformidade com o paradigma divino, harmonizando contradições de status, interesse e fortuna por poderes patriarcais e soberanos que eram, ou derivações históricas de, ou estreitamente análogos ao próprio preceito de Deus. Aqui, a

¹²⁸Rede social.

imagem do mundo de cabeça para baixo era particularmente persuasiva. Por analogia, ela inculcia nos atos de desordem social um significado muito além de seu caráter imediato, atribuindo-lhes repercussões em todos os outros planos de governo. E, por antítese, oferecia a oportunidade de defender a ordem a contrários em relação a uma situação em que todos os padrões normais de autoridade eram simplesmente invertidos. No caso de ordem/desordem com que, de uma maneira ou de outra, os escritores do século XVI e início do XVII frequentemente se preocupavam, estamos tratando, então, não de uma polaridade como outra qualquer, mas da polaridade principal do pensamento cristão. A caracterização de desordem por inversão, mesmo em textos relativamente menores ou em ocasiões efêmeras, pode ser tomada, portanto, para exemplificar toda uma metafísica (Clark, 2006, p. 112).

Amado! A retumbância desta citação! É como o céu se abrindo e Deus entregando os mandamentos a Moisés! A inversão como um ato político! Apliquemos a terra que invadira:

– A descrevera como natureza edênica, que representava ordem divina, contudo, esta imagem colapsaria no decorrer da efetivação colonial dado enfrentamento dos autóctones, fazendo-se necessário implementar ordem contrária restabelecedora (demonização) a desordem dos costumes indígenas. Muito sangue, muita dor e muito flagelo aos corpos colonizados, tipo fabricação em massa de Cristos, né? Será que é por isto que a “Paixão de Cristo” é reencenada em tantas cidades brasileiras?

Sadismo nosso né amado!

Tipo assim: “você vai me obedecer em nome de Jesus, senão eu te possuirei em nome do diabo e poderei te escravizar, torturar e até matar em nome de Deus”, a demonização como gestão dos corpos! Didáticos vocês né Pero amore, e novamente, Clark (2006) dando o ar da graça e dos contextos,

Quando os europeus se defrontaram com as culturas de outras regiões, suas reações foram igualmente filtradas pelas mesmas práticas representacionais. O “canibal” foi um resultado disto, o “antípoda” outro. Mas a “bruxa” do Novo Mundo foi um terceiro. Em 1585, o pastor huguenote Jean de Léry acrescentou a uma edição de sua *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* a descrição do sabá de Bodin, concluindo que as mulheres brasileiras, em seus ritos religiosos, e as bruxas europeus no seus, “eram guiadas pelo mesmo espírito de Satã” [...] Chegamos ao ponto em que o mundo demoníaco de cabeça pra baixo se torna inteligível como transformação tanto real como simbólica (Clark, 2006, p. 119 e 120).

Terrível né Perão, a visão de Meyer (2002) desembocando em Clark (2006) convergindo para o propósito que lhe fiz, de imaginar críticas/apreciações/visões a sua carta. Mas entendo que desabafar contigo é inócua, melhor seria uma máquina do tempo pra botar o dedo na sua cara! Sabe o que me dá comichão? É pensar na permanência destes concatenares até hoje, ou seja, não preciso retroagir ao passado, por que ele ainda está aqui? Tipo ex-namorado tóxico? Imortal que não morre no final? Será que os corpos brasileiros vistos como desordeiros são politicamente correlacionados a imagem da cruz invertida e assim possuídos pelo demônio, ainda? Não escapável também aos corpos que dançam, que demonizados seriam ao desordenarem colonizadoras instituições?

O clima pesou né amado, são 524 megatons de história, uma torta na cara recheada de brasa cheirando a enxofre e “gostin” de inferno, acho melhor nos despedirmos. São dezoito horas, hora da Ave-Maria, rezarei o terço dos mistérios gozosos pensando em você, em suas palavras impregnadas igual gala seca na camiseta, gordura no pano de prato, freada na cueca. Quem sabe o Deus de piedade inverta-se na liberdade que o Diabo preconiza?

Beijos, deste desconhecido. E quem sabe um dia, na espiral do tempo, nos reencontremos, criador e criatura para uma sex tape “despossessora”.

Colonizadamente,
Kall Andrade.

p.s.: Tem mais uma pessoa que manda a real pra você, viu? Segura o tranco *mon amour!*

Pero, tuas ideias transportam ações replicadas encharcadas de desmazelos e de violências. Hoje você é um morto-vivo. Morto, de fato, todavia implantou uma cultura social, econômica e política de exclusão que permanece há séculos, paradoxalmente, vivo. Escrevo-lhe e sinto a morte pela sua aparição presente até hoje, um espectro.

Destarte, sinto a vida ao nomeá-lo como demônio da colonização, subsidiado na ignorância dogmática cristã: do expurgo de corpos e seus modos de amar, de trepar e de viver. Seria o incômodo em teu corpo diante de tantas vestes, gestuais normativos e rituais “civilizatórios”? Devo dizer que, nossa comunicação só poderia ocorrer entremeada entre o português arcaico, para que me compreendesse, e o português de tópico, o Brasileiro. De certo, não imaginas que temos muitas variações linguísticas, muitas línguas e até lingues. Você nem sabe o que é isso... iria morrer de novo... E, já vos digo, depressa, que não me torço se me entenderás, ou não. Sr. dos “juízos” malditos, maUdito, infeliz! Escrevo com meu português lavado pelos sons e sentidos das línguas indígenas dos povos originários. Lembra deles? E, ainda, africanas escravizadas durante 350 anos! Eu digo AHOW e como uma CAIENA, misturadas com a bagunça do dengo na gangorra da vida. Que tal, Pero, desadormecer, pirar e sangrar no teu próprio assédio?

Oxente! Não quero lhe ver nem nas encruzilhadas e nem nas quebradas de São Paulo. La ele! Se chegar perto... arroteie, se pique, seu perreco.

Adriana, a Orientadora.

Retomo afazer doméstico, acondicionar de anélito, friccionar a esponja no objeto com auxílio do ingrediente saponificado resultante da gordura interagida com elemento alcalino, mundificação. A água que antes nos afogara, agora descanjica ao manar das espumas. Lava, limpa e hidrata. Ombreado ao arrojo roteado nesta carta, erodir corpos cruces e inversão que subsistem a possuir pela colonização/demonização. Perambulamos por tempos outros, no sondar corpos outros, confluindo na ambiência que nos especula. Esta epístola ambicionara ser tensoativo aniônico no abrolhar da pena de Caminha, depositária gravidade de uma tonelada para cada metro cúbico, tal qual o pau-brasil, mas meramente ferimos a flor. Entre a cruz e a espada nos demovemos perante a cruz e inversão, no intuito de discernindo o demônio projetado, anástrofe colonizador colonizado, ao assumi-lo, neste caso, nos fantasiemos dialogistas com o mesmo, assim como eu o fizera contigo. Imaginando seu despossuir ou, ao menos, que não mais nos dizime, e sirva-se conosco deste prazeroso corpo. Imaginar é ato político, é metodologia não ensinada, é ciência que se faz de conta, imaginar para nós, corpos dançantes é...

(complete conforme imaginar).



Colagem: Carlos Augusto de Andrade

CARTA 3: DANÇANDO COM DEMÔNIOS.

Campinas, 09 de outubro de 1986

Oi amiguinho!

Quinze horas, acabo de me tornar rebento encarnado, e lhe agradeço pela amorosidade partilhada. Não troarei retidão neste gestar que secundara, somente lhe agradecer e ensejar prazeres múltiplos. Neste último tráfego, paragrafadas circunstâncias em que a possessão me historicizara e nos historiciza, entremearmos a suscitar flâmulas fatíveis a processos e configurações artísticas em dança e/ou aos artistas corporificados nos tempos, embrenhar. Reiteradamente o recorte e colagem como operação à forma desta carta, concordante ao raciocínio imagético deste autor. Impelimos o corpo, dançante, para articular as segmentações orientados por Bittencourt (2012),

A dança propicia o esclarecimento dos argumentos na sua própria feitura; o movimento de dança esclarece a relação indissociável entre estrutura e função, pois permite o entendimento entre o projeto de construção de um design e o seu resultado – seu produto – o que implica em observar que algumas danças também se submetem a resultados prováveis e outras a previsíveis. Previsibilidade e probabilidade ocorrem como resultados dos ajustes efetuados. Traz reflexões que esclarecem que o corpo não pode refazer uma ação, mas reorganizá-la (Bittencourt, 2012, p. 41).

Recompor pelo folgazar, sugere-se, perfazer a leitura movidos pelo acaso, sorteando as numerações ou, cronologicamente, consentâneo ao progresso de inacabamento. Almejo diversão, tais quais crianças ante o desconhecido.

1.

Entre os anos de 2015 a 2022, educo acuidade às violências. Parametrização espectral, tornando-se basal à gênese poética. Havia ingressado na Escola de Arte Dramática EAD/ECA/USP, o sonho tornara-se realidade e a impossibilidade de acordar se fez pesadelo. Quatro anos de convivência com docentes e discentes bordeados pelo estremar emocional, físico, em cada processo artístico de montagem. Foram cinco espetáculos em meu percurso formativo de presciência confiante na poética do docente/diretor que escrupulosamente poderia ser abusiva, coercitiva ou não, regido pelas relações que se estabelecem, o que ressalto minúcia do privilégio em ser um homem branco. Nesta trajetória alimentara fartamente meus demônios.

2.

Diferentes formas de violência estão no fundamento das dores. Repressões, por exemplo, representam uma *violência da negatividade*. Elas são praticadas por outros. A violência, porém, não parte apenas do outro. A violência também é excesso de positividade que se manifesta como hiperdesenho, hipercomunicação e hiperestimulação. A *violência da positividade* leva a dores de sobrecarga. Algógenas são, hoje, sobretudo aquelas tensões físicas que são características para a sociedade do desempenho neoliberal. Elas indicam traços autoagressivos. O sujeito de desempenho comete violência consigo próprio. Ele explora a si mesmo voluntariamente, até que ele desmorone.

Byung-Chul Han (2021, p. 57 e 58).¹²⁹

Ao visitar minha mãe, em cada período de recesso, as camadas acrescidas em compreender-me nos campos de classe, raça e gênero impulsionavam embates, funcionalizavam tais quais ganchos de violentas memórias da infância/adolescência (as possessões). O que aviava em promoção fortalecedora do ciclo de violência: expunha a memória violentamente, era repelida por força concentrada, ação e reação. Demônios profusos que iniciariam restrição calórica, quando aprendera sobre a natureza da diferenciação pela infinitude particularizadora do outro, em ser o ser não uma extensão/projeção de desejos/expectativas. O que abrangera ao sentido de mãe, não simulava o que ela compreenderia e agiria de si maternamente. Lição a ser apregoada em todo e qualquer humano e não-humano deste planeta.

3.

Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto [...]. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão.

Eric Hobsbawm (1995, p. 562).¹³⁰

Para espetáculo de formatura em 2018 (Bugre Diphusa - EAD/ECA/USP), escavo fina camada do ano de 1986 em seus aspectos históricos, políticos e culturais, por ser o ano que nasci. Re-organizei e re-instalei memórias numa atualização de mim, ao mesmo tempo que atritava com a historicidade vivenciada no presente, gerando cognição conectiva de temporalidades. Neste esmerilar distingue-se que os anos de 1950 ambientavam inspirações as músicas e filmes à década de 1980, e inquiri quais as incitações que fomentavam esta inter-relação de circunstâncias. E então, se revelara uma pista da

¹²⁹HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Tradução: Lucas Machado, 1 ed. Petrópoles, RJ: Editora Vozes, 2021.

¹³⁰HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

cíclica violência que nos contorna, a produção pop reboava ambiência ao meu núcleo familiar. Minha mãe tendo nascido em 1952 era matiz das inquietações reverberantes da segunda metade dos anos de 1980, que resultara em adensamentos e rupturas no final da segunda década dos anos 2000. Plantado estava o anseio de aspirar linhagem à temporalidade ratificadora das violências no Brasil, os demônios me olharam curiosos.

4.

Uma coisa que poderia nascer dessa experiência de uma luta coletiva contra a pandemia é um afeto político fundamental, de solidariedade genérica: ‘minha vida depende de pessoas que eu nem sei quem são’. Elas não parecem comigo, não fazem parte do meu grupo, e essas pessoas são fundamentais; o que demonstra que nós temos um destino coletivo.

Vladimir Safatle (2020).¹³¹

Segundo semestre de 2019, pelo vestibular de vagas residuais inicio a graduação em dança pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, o material que estudara para concorrer a oportunidade era um estímulo pois, desdobrava as percepções somáticas do corpo que vislumbrei na EAD/ECA/USP. Continuar em São Paulo era condição desertada, fracassara ao não cultivar redes/contatos para trabalho, prosseguir estudando compunha quadro de significância, talvez ínfima, dada a posse do presidente agora inelegível. Almejava granjear, pela temática corpo e violências (hipótese de genealogia corpórea brasileira pela violência colonial: estupro, etno genocídio e escravidão), possível orientador para galgar esperança na pós-graduação, mas com o empossar em Brasília do trigésimo oitavo demônio¹³², as pragas se instalaram mundialmente, éramos apresentados a pandemia da COVID-19.

5.

As atividades domésticas são essenciais para a reprodução da vida social e, na sociedade brasileira, assumem configurações próprias dos processos de colonização e escravização. Nesse sentido, considerando a sua base histórica, podemos considerar o trabalho doméstico uma das espécies mais remotas de trabalho assalariado. Apesar disso, o reconhecimento legal e a aquisição de direitos da categoria no país são bastante recentes e vem provocando mudanças nas relações de trabalho entre contratantes e contratadas/os, gerando debates e reflexões na sociedade civil e espaços de pesquisa científica.

(COUTINHO; MADERS; TRINDADE & SAVANHAGO, 2019, p. 2).¹³³

¹³¹AMARAL, Marina. Safatle: “Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos”. **aPublica**, São Paulo, 6 de abr. de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/safatle-bolsonaro-se-acha-capaz-de-esconder-os-corpos/>. Acesso em: 15 mai. 2024.

¹³²Eleição do Presidente J. M. B.

¹³³COUTINHO, Maria Chalfin; MADERS, Tielly Rosado; TRINDADE, Camila; SAVANHAGO, Liandra “Acho que homem... não é para ele essa profissão”: contrapontos de gênero no trabalho doméstico. **Psicologia Argumento**, [S.

Faço freelancer como faxineiro no cinema da cidade interiorana que estou habitando. Este trabalho possuiu uma sazonalidade intermitente, uma correspondência matriarcal a significar valoração econômica e por conseguinte, afetividade familiar, ou seja, agrego montante se laborar harmonioso a profissão que minha mãe exercera durante sessenta anos. Atinei esta perspectiva ao raciocinar cenograficamente supostas correspondências entre os itens acima (corpo/trabalho/valor), com revelações que minha mãe dispersava de sua historicidade oralizada (o trabalho extenuante e exploratório desde tenra idade, sinônimo de brio), interpostos a nossa convivência, concebendo conexões a se reconhecer corpo valedouro quando intrínseco ao esforço físico, no caso, faxineiro. Sendo justamente o inverso a ocorrer, a desvinculação da faxina para uma formação de pesquisador/artista (demandante de outros tipos de esforços físicos), ela procedia desqualificando-me pela condição de hipossuficiente, subordinado ao outro para sobreviver.

Desenvolvi o demônio de nome Janice, uma subjetivação das exigências maternas elevada a um grau violento de preciosismo, capricho e virtuose no trabalho. Janice manifesta-se no instante que começo uma tarefa de limpeza, organizando a sequência de afazeres, indigitando os detalhes e posturando-me serviçal aos contratantes.

Trabalho braçal é diferido hierarquicamente de outras categorias, desvalorado mesmo que imprescindível, acarretando certa “desatenção” destas outras categorias em respeitar/observar o labor, a não ser em caso de ineficiência. Por exemplo, a casa limpa torna-se a corporalidade do sujeito/faxineiro, anulado – separado de si – pelo resultado, dessubjetivando-o, segundo André Guimarães Augusto (2009, p. 326) “trata-se de um neologismo. O prefixo *des* indica a ideia de separação e negação; o termo dessubjetivação significa o processo de negação do elemento subjetivo no processo de trabalho [...]”¹³⁴, porém quando ocorrem falhas do *des*-sujeito/faxineiro no cumprir da tarefa, sua identidade é demarcada, o sujeito é identificado, “*fulana* manchou meu piso, *sicrano* não limpou o fogão, *beltrano* mexeu nas minhas coisas”, etc. Cruzemos por analogia ao que Angela Davis (2016)¹³⁵ descreve do trabalho doméstico realizado pelas mulheres:

As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis: “Ninguém as percebe, exceto quando não são feitas – notamos a cama desfeita, não o chão esfregado e lustrado”. Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas – esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas. (Davis, 2016, online).

l.], v. 36, n. 91, p. 1–15, 2019. DOI: 10.7213/psicolargum.36.91.AO01. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25846>. Acesso em: 16 mai. 2024.

¹³⁴AUGUSTO, André Guimarães. A dessubjetivação do trabalho: o homem como objeto da tecnologia. **Revista de economia contemporânea**, v. 13, n.2. p. 309-328, mai./ago. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rec/article/view/30325>. Acesso em: 15 mai. 2024.

¹³⁵DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [Recurso eletrônico]. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/07/Angela-Davis-Mulheres-ra%C3%A7a-e-classe-Boitempo.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.

Este campo favoreceu o desmembrar do demônio submissão, comportamento que opera pela subtração de si para adição do outro, subordinar-se em transferência ao olhar que intermeia sentido, consequentemente secundarizado por violências.

Fui diarista em casas de mulheres, a escolha do gênero era por uma subintenção de entendimento da função e acolhimento anti-homofobia exigiu-se um refletir crítico dos dizeres acima, pois “evidencia-se a reverberação de discursos naturalizantes e essencialistas das atribuições cristalizadas de gênero no contexto desta ocupação” (Coutinho, Maders, Trindade & Savanhado, 2019, p. 11 e 12), ou seja, protegia-me da homofobia ratificando um pensamento machista?

Também obtive a experiência de ser terceirizado como agente de asseio e conservação num supermercado atacadista no auge da pandemia, pós-reforma trabalhista de 2017,¹³⁶ em sua inauguração, tracei plano de ação que posteriormente o reputei como um ato performático. Encarregado pela limpeza do refeitório durante o almoço, propus-me a não *invisibilização* do corpo trabalhador da limpeza. Munido com um rolo de pano multiúso, borrifador de álcool líquido 70% e embalagens de guardanapos para reposição, durante sessenta minutos percorria o espaço ininterruptamente, mirando o soalho e as mesas, atento a qualquer resíduo que deixavam cair dos pratos. Posicionava-me nos quatro apoios para limpeza e assepsia, assim como, repor os guardanapos ao menor sinal de seu findar.

Das considerações:

Desconforto dos que se alimentavam e que porventura sujassem o chão, leve suspensão e logo retomavam seu afazer;

Colega trabalhador denotar que eu havia utilizado um alcaloide estimulante (cocaína) devido à mobilidade imorredoura;

Atenção da chefe do setor de Recursos Humanos pela competência repositora.

Portanto, o objetivo fora atingido, o corpo esteve e se fez presente.

6.

Nós precisamos encontrar outro relacionamento com a natureza, para além da reiteração e da possessão.

Donna Haraway (2020, 460).¹³⁷

¹³⁶BRASIL. LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, edição extra 133-A, p.1. 14 de jul. de 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 15 mai. 2024.

¹³⁷HARAWAY, Donna. **Promessas de Monstro**: uma política regenerativa para outros inapropriados/áveis. In: WEINTOCK, Jeffrey Andrew (org.). *The Monster Theory Reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020, p.459-521. Tradução independente feita por Carolina Nóbrega, no contexto do grupo de estudos Dramaturgias

Na leitura da História em Quadrinho, “Promethea”¹³⁸ de Alan Moore e J. H. Williams III, composta por 32 revistas, publicadas de 1999 a 2005, no volume 18, “Vermelho Intenso”, temos o diálogo transcrito de Promethea com os Demônios da Goécia:

Promethea: Sabe, querido, você está absolutamente correto. Que tolice a minha pensar que precisaria de uma espada contra você...

... Quando tudo o que eu preciso é a inteligência que ela simboliza. Vamos começar pelos demônios. É só o que você é, malvado psicótico? [...]

Demônio: Somos o Inferno. Somos aqueles que se deleitam das ruínas da humanidade.

Promethea: Tenho certeza que são, boneco. E são o mal eterno entre a humanidade, não foi o que disse? É a parte do “entre” que me interessa. Você é parte de nós, de alguma forma, não é?

Demônio: Huh, mesmo assumindo que isso seja verdade, somos uma parte que obviamente vocês não conseguem controlar.

Promethea: Não. Não podemos, não até pararmos de fingir que vocês são uma força vinda de fora de nós, causando todo o mal no mundo. Não até estarmos preparados para nos tornarmos donos de vocês.

[Segura daemon Vepar nas mãos].

Tomamos conta de vocês, querida. É o oposto de não tomar conta de vocês, fingindo que não são parte de nós. Você, por exemplo, Vepar. Você causa turbulência. Você mata o homem, cruelmente. Eu fiz isso. Eu a aceito, Vepar. Eu te possuo.

[Devora daemon Vepar].

Não é muito apetitoso ou fácil de engolir, mas nossas partes ruins nunca são, não é mesmo, queridos? [...] (Moore, Williams III, 2002, p. 10 e 11).

Panorama inverso, o demônio a nos devorar, Adriano Camargo Monteiro (2007)¹³⁹ descreve amostra ritualística,

O ritual do chöd, por exemplo, é uma verdadeira iniciação qliphótica¹⁴⁰ tibetana. O adepto, sozinho em um cemitério ou qualquer lugar ermo e macabro, por meio de certos procedimentos ritualísticos e ocultos, utilizando-se de sino, punhal, tambor, trombeta de osso humano e textos sinistros de desintegração do ego, convoca os demônios. É uma experiência infernal, extrema, na qual o adepto se vê em um banquete ou eucaristia qliphótica sendo degolado, esquartejado e devorado por uma horda de demônios vampirescos esfomeados e sedentos de sangue, urrando, gemendo, gritando e dando gargalhadas infernais. Se ainda não bastasse, o adepto obriga e incita os demônios a se alimentarem de seu corpo rápida e vorazmente (Monteiro, 2007, p. 22 e 23).

A lembrança e citação destes textos, proveem de nexos conglomerados para esquadrihar dissertação durante as faxinas, costume que apelidei de “passar o passado a limpo”, pormenorizado a seguir:

- Descortino a desbaratada situação-problema com o mover do corpo para execução das diligências, amalgamo fluxos de memórias, intuições, congregações de ideias por arranjos e desequilíbrios simultâneas a égide coordenadora da função laboral, que suplementa os sistemas operacionais. Como se um papel vegetal colorizado pelo matiz do intuir de ideias e memórias, sobreposto fosse a uma folha sulfite datilografada pelas ordenações de asseio, intrincando combinações.

Digitais e Infernos Online (2023).

¹³⁸MOORE, Alan. WILLIAMS III, James H. **Promethea**. l. 1. n. 18. DC Comics, fev, 2002.

¹³⁹MONTEIRO, Adriano Camargo. **A Cabala Draconiana**. São Paulo: Editora Madras, 2007.

¹⁴⁰Kelipot, da Cabala. Conchas ou cascas que simbolizam as forças do mal ou o desperdício espiritual. *In*: PFEFFER, Renato Somberg. Da percepção do mal como privação do bem à percepção do mal como oportunidade de redenção. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 14, n. 27, p. 113-127, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/26477>. Acesso em: 16 mai. 2024.

Regressemos as citações, pois serão parâmetros que interpolados desenham convergências a metodização relacional, devorar (despossuir) ou ser devorado (pactuar). Em uma reengenharia que entorne dialógica as nossas ânuas, ajuizaremos:

- Pactuar: Quando não há o reconhecimento e/ou aceitação do estado de possessão, ou seja, da colonização que nos faz brasileiros colonizados e colonizadores de violências ou, em seu agravante, compreender-se na possessão, indeferindo-a de si, para manuseio desta como agente replicador. Cida Bento (2022, p. 23)¹⁴¹ nos preenche ao destrinchar que “O pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha [...]” Pactuar pela pertinácia é refastelar-se na voluptuosidade demoníaca, o sujeito do pacto entende-se devorador, porém é tão somente objeto devorado.

- Despossuir: esta cláusula solicita averiguação prefacial:

a. Esta dissertação é escrita por uma pessoa branca, recorte racial autocrítica em concórdia a Jota Mombaça (2021)¹⁴²:

Essa é a contradição fundamental que acompanha as alianças brancas: a continuidade entre suas posições e o sistema simbólico contra o qual supostamente se articulam. Embora não impossibilite o necessário trabalho de colaboração das pessoas brancas e historicamente privilegiadas pela colonialidade com as lutas que apontam para o desmonte desses sistemas de reprodução social, tal contradição preenche o espaço intersubjetivo entre alianças brancas e as lutas antirracistas e anticolonial com armadilhas cujos efeitos são sempre mais destrutivos para aquelas pessoas não amparadas pela infraestrutura da branquitude¹⁴³. Isso evidencia não só a tenacidade do capitalismo racial como regime de distribuição desigual da violência, mas também o caráter imprescindível de uma autocrítica radical da branquitude que tenha como finalidade o desmonte do racismo e da colonialidade não apenas como índice estruturante do mundo, mas como espinha dorsal do projeto global de subjetividade branca e europeia que lhe é condicionante (Mombaça, 2021, p. 37 e 38)

Portanto opta-se por não apontar epistemologias negras e indígenas assinalando-as como exemplos de *despossessão* ou o termo que nos agracia Leda Maria Martins (2021b) *repossessão* em sua escrita sobre Os Reinados¹⁴⁴, exprimido a seguir:

¹⁴¹BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

¹⁴²MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada)

¹⁴³Indica-se a leitura SILVA, Hernani Francisco da. Definições sobre a Branquitude. **Portal Geledés**. São Paulo, 10 de set. de 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

¹⁴⁴Os reinados são um sistema religioso e uma forma de organização negra alternos que se instituem no âmbito mesmo das encruzilhadas entre os sistemas religiosos cristão e africanos, de ascendência Banto, através do qual a devoção a certos santos católicos, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês, entre outros, processa-se por meio de performances rituais de estilo africano, em sua simbologia metafísica, convenções, coreografias, estruturas, valores, concepções estéticas e na própria cosmopercepção que os instauram. Performando por meio de uma estrutura simbólica e litúrgica complexa, os ritos incluem a participação de grupos distintos, denominados “guardas”, e a instalação de um Império negro, no contexto do qual autos e danças dramáticas, coroação de reis e rainhas, embaixadas, atos litúrgicos, cerimoniais e cênicos, criam uma performance mitopoética que reinterpreta as travesseiras dos negros da África às Américas. Relatos de viajantes e outros registros orais e escritos mapeiam sua existência desde o século XVII em Recife e sua disseminação por outras regiões do território brasileiro,

Numa perspectiva que transcende o contexto simbólico-religioso, esse ato de deslocamento e reposição induz à possibilidade de reversibilidade e transformação das relações de poder no contexto histórico-social adverso. Cresce, portanto, em significância o fato de as narrativas e as performances realçarem o agrupamento de diferentes nações e etnias africanas, sobrepondo-se às históricas divergências e rivalidades étnicas e linguísticas. O coletivo superpõe-se, pois, ao particular, como operador de formas de resistências social e cultural que reativam, restauram e reterritorializam, por metamorfoses emblemáticas, um saber alterno, encarnado na memória do corpo e da voz. Tanto no enunciado da narração mítica quanto na performance que cinematicamente o reapresentam, a superação parcial das diversidades étnicas recria o *éthos* comum e o ato coletivo negro como estratégias de substituição e reorganização das fraturas do conhecimento. Torna-se possível, assim, ler nas entrelinhas da enunciação fabular o gesto pendular: canta-se a favor da divindade e celebram-se as majestades negras e, simultaneamente, canta-se e dança-se contra o arresto da liberdade e contra a opressão, seja a escravidão, no passado, sejam as demandas do presente (Martins, 2021b, p. 123 e 124)

Aquiesço que tal atitude seria *pactuar*, não obstante devemos conhecer/pesquisar.

b. Esquivaremos de imbricar o *despossuir* aos solos da decolonização e descolonização, não perfaremos a parábola do semeador¹⁴⁵.

c. Discerne-se o despossuir pela inviabilidade, pois como devorar o que é parte de nós? Como remover o que nos compõe? Autodesmembramento? Caso possível fosse, este gesto não se aproximaria do sacrifício crístico, ou seja, uma recolocação cíclica à colonização? Dúvidas a empear o corpo, sinonímia a paixão que se arrefece ao saborear a saliva enamorada, reiteremos atuação que diagramara, cucar durante a faxina para concebermos hipóteses de trânsito à despossessão.

c.a. Invertermos o prolegômeno do *pactuar* pela ciência de nos apreender possuídos pela colonização e portanto, nos re-conhecer colonizados e colonizadores¹⁴⁶ de

em mutis casos vinculada às Irmandades dos Pretos (Martins, 2021b, p. 117).

¹⁴⁵ Evitaremos associar *despossessão* com conceitos decolonização ou descolonização, como se fosse semente a ser jogada nestes terrenos conceituais, metaforizamos a parábola do semeador:

Escutai vós, pois, a parábola do semeador.

Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho;

Porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria;

Mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende;

E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra, e fica infrutífera;

Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta. *In: BÍBLIA SAGRADA. Mt 13, 18-23. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?], p. 17.*

¹⁴⁶ Reconhecimento da Colonização/Possessão. Há sincronicidades que nos presenteiam catedraticamente como cerejas no bolo, porventura a cereja possa ser mamão verde tingido por anilina comestível e o bolo uma escultura de isopor, mas não deixará de aturdir. Enquanto escrevia sobre manejos a possessão, reconhecer-se possessor e possuído, o tempo nos mimoseia com a declaração do presidente de Portugal Marcelo Rebelo de Sousa, admitindo culpabilidade as violências coloniais utilizadas. *In: RAMOS, Matheus. “Temos que pagar os custos”, diz presidente de Portugal que pela 1ª vez admite culpa por escravidão e genocídio no Brasil. **Notícia Preta.** 24 de abril de 2024. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/primeira-vez-portugal-admite-culpa-por-escravidao-e-genocidio-no-brasil/>. Acesso em: 03 mai. 2024.*

violências. Este trabalho se desdobra especular neste cruzamento de ser escrito na processualidade esquadrihadora da historicidade brasileira pelo fenômeno possessor. Compartilhadas estas sensibilidades, vestindo-nos de manejo a metodizar imaginário diálogo com a possessão. Destarte, dialogar pela escrita é dar forma ao conteúdo, escrever brincando com a linguagem colonizadora seletando léxicos excêntricos ao manusear intuitivamente e sistematicamente o dicionário, escrever pela prosificação (tornar a poesia em prosa) para espiralar o tempo da flecha de progressividade acadêmica, pois segundo, reiteradamente, Martins (2021b),

Poesia é tempo. Tempo como ritornelo, disperso em uma espacialidade rítmica. Como melhor nos ensina Bosi, o discurso poético pressupõe recorrências, ressonâncias, voltas, regimes de ciclos, procedimentos de retornos, simultaneidade de vários tempos e sua reversibilidade. O discurso poético, dirá Bosi, “enquanto tecido de sons, vive um regime de ciclos”, um ir e vir que se processa como ritmo, subsistema fonético, entonação, timbre, duração, andamentos. Com esses modos de ritornelos, o tempo poético interrompe e quebra a linha sequencial absoluta, enovelando curvas e espirais e assim, pelo “ciclo que se fecha e pelas ondas que vão e vêm, o poema abrevia e arredonda a linha temporal, sucessiva do discurso”. E acrescenta: “Rima e ritmo são procedimentos de retorno, de encurvamento, de reversibilidade interna, estrutura (Martins, 2021b, p. 30 e 31).

Escrever cartas entregue à devassidão, aos prazeres carnavais, ao vício, invertendo a feição da Carta de Achamento e seu destinatário real, escrever dialogando com os demônios, escrever academicamente subvertendo o acadêmico (que colonizadora também é colonizada);

c.b. Lembra-se de Janice? “The monia” que se manifesta quando trabalho na limpeza? Vozeando por imitação quesitos patronais, quando na verdade são decomposições prismáticas de uma imagem fantasmagórica do materno inflexível. Demônio safada que não se envergonha de seus atos descarados, repreende-me explicitando condição subalternizada/pobreza citando Roberto Schwarz (2012)¹⁴⁷ em seu estudo da personagem Dona Plácida, escrita por Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas,

Em suma, a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste, uma fórmula, aliás, do abjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis. [...] a pobreza está descrita em seu ciclo regular, por assim dizer funcional, e não falta método a seu absurdo. Neste sentido ela tem sim uma finalidade, embora humanamente insustentável, qual seja a de reproduzir a ordem social que é sua desgraça (Schwarz, 2012, p. 107 e 109).

Janice, antes de morder humilha sofisticadamente, uma parisiense espremendo gotas de limão na ostra, pois não somente solidifica o decremento do esforço físico, mas também a pobreza que deste resulta à benesse do gerenciamento social. É de lamber os beiços, sussurra. Atordoa-me em rememorar – aquilo que nunca existiu – um possível contribuir a grupos

¹⁴⁷SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. (Coleção Espírito Crítico).

capitalizados de faxineiros, emancipando mulheres do trabalho doméstico por torná-los obsoletos, prospectado por Angela Davis (2016),

Equipes treinadas e bem pagas de trabalhadoras e trabalhadores, indo de casa em casa, operando máquinas de limpeza de alta tecnologia, poderiam realizar de forma rápida e eficiente o que a dona de casa atual faz de modo tão árduo e primitivo. Por que um manto de silêncio cobre essa possibilidade de redefinir radicalmente a natureza do trabalho doméstico? Porque a economia capitalista é estruturalmente hostil à industrialização das tarefas domésticas. A socialização das tarefas domésticas implica amplos subsídios governamentais, a fim de garantir que se torne acessível às famílias da classe trabalhadora, para as quais a necessidade desse serviço é mais evidente. Uma vez que, em termos de lucro, o resultado seria pequeno, a industrialização das tarefas domésticas – como todas as iniciativas que não geram lucro – é um anátema para a economia capitalista (Davis, 2016, online).

Já me imaginara um “Cleaner Popstar” cantando “Tudo o que um dia você sonhou/ Num flash (flash, flash) pode acontecer/ A vida de repente pode até mudar/ Pra quem não tem medo de acreditar”¹⁴⁸. Do treinamento árduo ao debutar nos charts, premiações, entrevistas e residência em Las Vegas, finalizando a carreira como coach da limpeza, produtor de conteúdo, webcelebridade, palestrando minha tão nobre vida como referência a ser seguida e exemplo de sucesso! Demônio arдилosa, rainha da mentira! Quando a desmascaro do ilusionismo planejado, vinga-se direcionando meus pensamentos para a não colaboração e cingir do olhar vexatório advindo de outrem. “Bicha faxineira de insustentável dignidade à sobrevivência, mestranda fracassada!”, cospe acidamente a frase, tal qual o xenomorfo em Alien, o Oitavo Passageiro¹⁴⁹. Aprisiono-me mentalmente em contra argumentações aos vilipêndios, respondendo-os com matidez. Cativo na fratura abarrotado Janice de suculências.

O que destino com este raconto?

Preâmbulo a glosa do oportuno desabrochar de habilidosidade a transmutar suquir de Janice, um demonífugo expansível no tempo e espaço das possessões/colonizações? Estaria cometendo o pecado capital da soberba ao remoer decifração, excomungada não sendo batizada? “Papa don't preach/ I'm in trouble deep / Papa don't preach, /I've been losing sleep”¹⁵⁰

A ideia ocorrera no último eclipse solar, Janice tagarelava sobre a marca de digitais nos vidros da porta no dia subsequente em que foram lavados. Questionava-me se os processos cognitivos perceptíveis a diferenciar limpo e sujo eram ausentes nos colegas de trabalho, devido a uma educação machista que anulava os seres do sexo masculino das tarefas domésticas, e qual seria o impedimento de utilizarem as

¹⁴⁸BONADIO, Rick. VARGAS, Jaqueline. Popstar. Intérprete: Rouge. In: **ROUGE**. Produzido por: Rick Bonadio. [S.I.]. Columbia. Sony, 2002. 1 CD. Faixa 1.

¹⁴⁹Personagem do filme ALIEN. Direção: Ridley Scott. Produção: Gordon Carrol, David Geler, Walter Hill. Roteirista: Dan O'Bannon. Intérpretes: Ton Skerritt, Sigourney Weaver, Verônica Cartwright, Harry Dean Stanton, John Hurt, Ian Holm, Yaphet Kotto. Reino Unido, Estados Unidos. 20th Century-Fox, Brandywine Productions, 1979. 117 minutos, son., color., 35mm.

¹⁵⁰Trecho da canção Papa Don't Preach. ELLIOT, Brian. Madonna. Papa Don't Preach. Intérprete: Madonna. In: **TRUE Blue**. Produzido por: Madonna. Stephen Bray. [S.I.]. Sire. Warner Bros. 1986. 1 CD. Faixa 1.

maçanetas. Articulava lembrança de ex-patrão que albergava limpeza, efetivando-a por meio de exigir da esposa os cuidados, um administrador doméstico. Vertigem “hitchcockiana”¹⁵¹ dentro do labirinto de Minos, então num recurso derradeiro, átimo intuitivo, iniciei *diálogo* com Janice, sim, *diálogo*. Dialogar é engendrar rearranjos à possessão. Justamente por esta dinâmica ser uma interação entre dois indivíduos, naquele momento eu a expandi como um “outro-eu”, divisão personificadora, formulação didática para contrapor apregoar de suas falas, incidindo num delicioso gargalhar. Segundo Minois¹⁵² (2003, p.272) “O riso tem um poder revolucionário. Melhor: é um verdadeiro demiurgo, uma potência criativa capaz de ressuscitar os mortos”, o riso fomentava leveza em obliterar paranoias *Janicianas*, pois cunhadas de imutabilidades são aspectualidades inalcançáveis em erigir do “outro-próximo”, mas não de mim.

Dialogar com Janice é exercício de identificação do colonizador que sou, que se inicia no distinguir de aspectos simples, no exemplo de não exigir do “outro-próximo” o entendimento político, cultural, social da limpeza e sua feição relacional no ambiente privado.

Dessarte, em retrospectiva, assumirmos a possessão, entendendo-a como parte de nós mas não dominados por ela, estabelece-se, assim, exequível *diálogo* como artifício processual. Configura ingenuidade? Que seja, ainda não fora vetado imaginar... e não seríamos nós, resultantes de imaginários, ou melhor fantasiadores profissionais?

Por meio do *diálogo*, o convívio entre mim e Janice se convertera? Bem, é um estratagema relacional gradativo, mas requeri a ela testemunhar, que de sorriso oblíquo nos acautela:

Eu sou o que sou, um todo fracionado, imagem comunicacional que encontrara ambiência e assim me fiz vívida, insaciável como a própria violência a repercutir medo, cumpro meu funcionalismo, compleição. Sou consanguínea a Esfinge de Tebas: “Decifra-me ou te devoro”. Se elegeres dilucidar, o interrogarei, interpelarei, arguirei, perscrutarei para que se mova a rastrear conhecimento, suplantando não a mim, mas a si mesmo. Farei autodigestão conservando as indagações, aguardando ávida solecismo para gozar de sua pútrida carne. Eu sou o que sou, eu sou você.

7.

Dedicado a Sete Encruzilhadas e Sete Saias.

Assunção das responsabilidades aos equívocos.

¹⁵¹Adjetivação derivada do diretor e produtor de cinema britânico Alfred Hitchcock (1899-1980).

¹⁵²MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução: Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Problematizar o emprego do termo “outro”, diferenciação do “eu” que em si é germe da mácula colonizadora, mecânica que instaura um ponto referencial ao próximo que distingue e dissente, por conseguinte violenta-se a individualidade em prol do universalismo, congruente a Donna Haraway (2020)

Estamos excruciantemente conscientes da constituição discursiva da natureza como um “outro” nas histórias do colonialismo, racismo, sexismo e diferentes tipos de dominação de classe. Não obstante, encontramos nesse conceito (problemático, étnico específico, duradouro e móvel) algo de que não podemos prescindir, mas que nunca poderemos “ter” (Haraway, 2020, p. 460).

Confessar para corroborar a inescapabilidade em sermos colonizados e colonizadores, possuídos e possesores, falibilidade eclodida discursivamente, exposta para demonstrar diálogo exercido com a mesma.

Confidenciar para entender-se *parte de* e não *abastado por* uma mudança na posição do olhar, de observador alheio para observador de si, com células fotorreceptoras sensíveis a alteridade/diversidade tirando “dos tecnopornógrafos o domínio sobre o sentido da visão. Esses teóricos de mentes, corpos e planetas insistem efetivamente – ou seja, na prática – que a visão é um sentido feito para concretizar fantasias de falocratas” (Haraway, 2020, p. 460).

Não escapo à falocracia quando batizo de Janice o demônio possessor, o feminizo. Sinto-me equivalente a um inquisidor medieval escritor do *Malleus Maleficarum*¹⁵³. Exteriorizar este machismo diminuiria a gravidade do constructo? Não. Cancelar-me-ei? Desintrincado demais. Mas transparecida problemática, reivindicará contemplanções processuais coesivas, um “*machistinha*” a ser suplantado.

8.

Difratar a possessão?

Donna Haraway em seu ensaio “Promessas de monstros: uma política regenerativa para outros inapropriados/áveis” de 2020, traduzido de forma independente por Carolina Nóbrega, para o grupo de estudos “Dramaturgias Digitais e Infernos Online” realizado em 2023, convida-nos a viandar difração, intercorrência a refração do colonizador. A carta sendo testemunho observacional de Pero Vaz de Caminha que corporifica, a difração seria incitação exequível, aquiescendo visão de alternativas poéticas à possessão? Murmuremos, despertando por sua significação:

¹⁵³Conhecido como “O martelo das feiticeiras”, manual inquisitorial (contendo instruções à tortura) escrito em 1487 por Heinrich Kraemer e James Sprenger.

Difração¹⁵⁴ *s.f.* FÍS passagem de uma onda pela borda de uma barreira ou através de uma abertura provocando, em geral, um alargamento do comprimento de onda e interferência das frentes de onda que criam regiões de maior ou menor intensidade. [As ondas podem ser eletromagnéticas, de som ou aquelas associadas a partículas atômicas e subatômicas e a barreira pode ser formada por fendas ópticas ou mesmo átomos numa rede cristalina.]

As ondas transpõe obstáculos ou fendas, contornando e gerando distorções, em concordância a Haraway (2020),

Esses raios difratários compõem padrões de *interferência*, não produzem imagens refletidas. O “resultado” dessa tecnologia generativa, fruto de uma gravidez monstruosa, pode criar um elo com os “outros inapropriados/áveis”, conceito criado pela diretora de cinema e teórica feminista vietnamita Trinh Minh-há. A partir do reconhecimento das redes étnicas, raciais, nacionais e sexuais de atores multiculturais que estão emergindo desde a Segunda Guerra Mundial, o termo de Trinh se refere ao posicionamento histórico daqueles que não podem adotar a máscara do “eu” ou do “outro” oferecidas pelas narrativas ocidentais modernas dominantes sobre identidade e política. Ser “inapropriado/ável” não significa “não estar em relação com” – ou seja, estar em uma reserva especial, com o *status* de autêntico, intocado, na condição alocrônica e alotópica de inocência. **Ao invés disso, ser um “outro inapropriado/ável” significa estar em uma relacionalidade crítica e desconstrutiva, em uma racio(nalidade) difratária mais do que reflexiva – como o meio de fazer conexões potentes que excedem a dominação.** Ser inapropriado/ável é não se encaixar em rótulos, ser deslocado dos mapas disponíveis que especificam tipos de atores e tipos de narrativas, não ser originalmente fixado pela diferença. Ser inapropriado/ável é não ser nem moderno nem pós-moderno, mas insistir no *amoderno*. Trinh buscava abordar a “diferença” como uma “diferença crítica entre” e não como a produção de marcas taxonômicas especiais que fixam a diferença como *apartheid*. Ela escrevia sobre pessoas: eu me pergunto se essas mesmas ideias se aplicam não só a seres humanos, mas também aos seres não-humanos orgânicos e tecnológicos (Haraway, 2020, p. 465, grifo nosso).

Intencionamos germinar, a partir de Haraway (2020), fundações indagativas como modos assertóricos as práticas artísticas dos corpos dançantes, almejando encorpar prognóstica episteme dialogal a possessão.

Arriscaríamos agregar neste discernimento de Haraway (2020) o diálogo com a possessão, apetrecho de relacionalidade crítica e desconstrutora, para com o agente possessor, ou seja, dialogar com o demônio – colonização – pela difração, inventando contornos para interferir nestas relações violentas, perturbando-as pelos reconhecimentos de suas operacionalidades em nossos corpos, que são inapropriados/áveis por desordenaram?

Desordem ao refutar refração entendendo-se difratários?

As frestas que provocam a difração das ondas, lograríamos aproximação as fissuras compositivas do tempo fraturado, e residentes nele, difratar consistiria em lógica processual, pois reverberaria esta ambiência?

¹⁵⁴In: DICIONÁRIO Houaiss de língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva. 2001, p. 1039.

Habitar o não-lugar (fratura temporal) em que os corpos inapropriados/áveis (desordeiros) possam ficcionalizar diálogo à possessão. Seria demanda gestacional a processos e configurações artísticas em dança?

Rascunhando procedimento refratário.

Dividirei espécime hipotética de difração que Janice, dominatrix da matesiologia (ciência do ensino em geral) superintendera-me. Realocando a função óptica, destituindo-a de refletir possessão, para difratar contorno de obstáculos/fendas causando interferências. Como trabalhador da faxina conjecturei a execução laborativa, tal qual preparação corpórea objetivando processos artísticos em dança, a seguir:

a. Olhar atento: caçar os piruás (milho de pipoca que não estoura) camuflados no chão de madeira (tonalidades proximais), embaixo das poltronas (local de perpétua sombra), exigindo que o corpo se dobre ao chão para serem observados e destreza ao serem varridos, evitando seu deslocamento irrefreável. As pipocas, coloração contrastante, facilitam recolhimento mesmo quando desmembradas em miudezas. A atenção se retém quando acumulada no flanco dos assentos;

b. Uso da lateralidade: devido a estreiteza, mover-se entre as fileiras de poltronas com rapidez exige que nos desloquemos entre elas lateralmente. Instiga-se como parte do jogo, que a cada fileira alterne-se a lateralidade, estimulando-as unanimemente;

c. Repetição/Equilíbrio: Tanto varrer como passar pano requerem apuro motor para que não nos choquemos com as poltronas, zigue-zagando afunilado espaço. Encerar necessita superpor nos assentos distribuindo o peso entre duas poltronas para estabilidade, assim se aplica a cera não somente no corredor como também embaixo das poltronas;

d. Dinâmica dos apoios: marcas de óleo da pipoca, refrigerantes derramados, doces conglutinados solicitam limpeza individualizada das poltronas. Esta praxe em conjunto as supracitadas, subjagam nosso corpo a constante curvamento de força centrípeta, agravando a região lombar da coluna vertebral, culminando em dores. Demanda que pode ser minimizada se ativarmos os apoios que equilibram o contrapeso como exemplo: a musculatura core, o empurrar do chão para descompressão das vértebras, a miudamente se sentar de cócoras, etc.;

e. Planejar/Organizar: Setorizamos o local (escadarias, hall de entrada, bomboniere, sala de projeção e banheiros) para que os instrumentos, materiais de limpeza e de reposição, sejam selecionados e transportador dinamizando o tempo e medrar extensivo das faculdades corpóreas;

f. Reimaginar: Os itens amostrados caracterizam-se expansivamente em sua relação funcional/local. Podemos seccionarmos o trabalho em campos domésticos/privados em diversidades

de abrangeres técnicos imagináveis: da preparação corporal para processos artísticos, requintar de poéticas compositivas/coreográficas. A inspiração amotinadora de interceder por uma ideação metodológica nos corpos operariados da limpeza/asseio, expandindo a essência da ginástica laboral. Reimaginar o labor que permanece como histórica herança escravocrata *invertendo-o* num sistema que auxilie tecnicamente o funcionário a acautelar-se de si, condicionando-o a manutenção de sua saúde durante a execução das tarefas de limpeza, como também estimular potencialidades artísticas, uma leitura dançante do Teatro do Oprimido¹⁵⁵. Dilatar o dispositivo, *inversão da possessão*, construindo a partir de violências perpetuadas a brasileiros, um modelo estrutural de poética artística brasileira, abarcando politicamente e interferindo socialmente. Anseio a oportunidade para desenvolvê-lo academicamente.

9.

Dançando com Demônios

E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço.

[...]

E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo os seguiu e afagou muito, tomavam logo uma esquivada como de animais monteses, e foram-se para cima.

[...]

Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus.

A Carta, de Pero Vaz de Caminha

Os italianos Paolo Grillando, Giovanni Lorenzo D’Anania e Francesco Maria Guazzo concordaram que tudo no sabá era absurdamente realizado. Grillando escreveu que o diabo era venerado de um modo “diretamente oposto àquela reverência que nos é usual mostrar” e ele e D’Anania falaram de bruxas “não virando seu rosto, mas suas costas para ele, e curvando sua cabeça não sobre o peito, mas para trás, sobre os ombros”. Suas danças, também, eram “inteiramente” diferentes das nossas, pois, com as mulheres se agarrando às costas dos homens (*faeminae namque post*

¹⁵⁵Método teatral desenvolvido pelo teatrólogo Augusto Boal. Indicamos a leitura de BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. Sociedade e Estado. **Revista Sociedade e Estado**. v. 32, n. 2, p. 439-463, 2017. DOI: 10.1590/s0102-69922017.3202008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/v5HLr7jzGrjkMQZVbgPgjiH/?lang=pt#> Acesso em: 19 mai. 2024.

dorsum masculis inhaerentes), elas dançam para trás, curvando seus corpos para a frente, e suas cabeças não para frente, mas para trás”. [...]

Especialmente ressonantes eram as referências à dança, pois dançar não tinha seus próprios poderes terapêuticos para conferir ordem e virtude, mas figurava as relações harmônicas que sujeitavam cada fenômeno. As bruxas tornavam-se frenéticas e homicidas com as suas e abortavam se estivessem grávidas; elas se especializavam, dizia-se, em gestos de violência e lascívia. Um único ato ritual como o beijo anal pervertia a adoração religiosa e a devoção secular, destronava a razão de uma posição soberana de que eram considerados dependentes o bem estar individual e as relações sociais (inclusive as obrigações políticas), e simbolizava, da maneira mais óbvia possível, o caráter contestador da política demoníaca, bem como sua preposteridade.

Stuart Clark (2006, p. 40,41 e 135).

As palavras coreografam pensamentos.

Neste nosso navegar por correntes marítimas e grillhões históricos, esquadrinhando colonização brasileira angulada a Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha, pelas vertentes *tempo* e *corpo* de imprescindibilidade elemental à dança. Fluxo persecutório a gestacional premissa que traceja arqueologicamente a historicidade colonial e colonizadora brasileira que deriva por imanência aos corpos dançantes colonizados e colonizadores brasileiros. Arquitetura de epíteto robusto se aplicada fosse a análise de coreografias de artistas e/ou companhias nacionais, porém na gradualidade desta viagem exploratória, a escuta se refinara obliterando alguns gestos colonizadores – “meu” olhar debruçado no “outro” – dimanando para *modos perceptivos* dos tempos/corpos colonizados, em outros termos analisando o olhar que debruçam e debruçamos sobre nós, leitores destas linhas, precipuamente pessoas brancas, concernentes a *dialogar* com a possessão.

Porém ao evitar entrelaçamentos analíticos/críticos dos *modos de percepção* para com espetáculos/grupos de dança, fracassarei? Se assim for, fracasso, um fracassar em concordância ao Padre Júlio Lancellotti “Sempre perderei, minha perspectiva é o fracasso. Se tiver sucesso, significa que me tornei parte desse sistema preconceituoso, discriminatório e meritocrático que descarta as pessoas”¹⁵⁶. Fracassar é verbo e, portanto, contém noções de ação, processo ou estado, mobilizador em si.

Dancemos conforme a melodia ortografada.

A dança relatada na Carta de Caminha, compõem-se de *interferência* relacional, Diogo Dias dando as mãos quando na roda adentra, intervém invasivamente, assim como a imagem *corpo † cruz* ocasionando padrões aos corpos dançantes, que se mantêm em nossa contemporaneidade? Bittencourt harmoniza este indagar,

¹⁵⁶Revista TRIP. Homenageados. Padre Júlio Lancellotti: pelos direitos humanos e pelas minorias. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2018/padre-julio-lancellotti#:~:text=%22N%C3%A3o%20vou%20ver%20a%20mudan%C3%A7a,meritocr%C3%A1tico%20que%20descarta%20as%20pessoas.%22>. Acesso em: 02 mai. 2024.

A percepção de padrões no corpo permite investigar a continuidade de alguns acordos, bem como algumas estruturas organizacionais que surgem de suas negociações com o ambiente e que exercem o mesmo mecanismo de produzir padrões como forma de ganhar estabilidade ao longo do tempo. É a partir da comunicação dessa rede informacional de um alfabeto que ajusta natureza e cultura, onde ocorre em primeira instância no corpo, que se formam sistemas de linguagens, visuais, sonoras, verbais, cada vez mais complexos e que também se encontram implicados nos procedimentos co-evolutivos, a exemplo do mecanismo de providenciar outros padrões.

[...]

Assim, padrões propiciam probabilidades de designs, uma vez que a relevância de suas replicações se encontra como projeto, na ideia de, e não em um tipo de formatação, já que as informações não se encontram encapsuladas. São acordos constantes que expõem suas formas de organização; são estados provisórios de disposição e aparelhamento da informação que podem se acomodar em maior ou menor grau. Reconhecer um padrão é noticiar que de algum modo essa informação está no corpo: e sempre submetidos à evolução (Bittencourt, 2012, p. 64, 65 e 69).

Desejamos contemplar, proposição questionadora à imagem *corpo † cruz* fincada em 1500.

A responsabilizaríamos criadora de um designer, que por sua inversão permanece nos corpos dançantes? Os corpos dançantes, de historicidade desordenadora, até então são demonizados e por conseguinte violentados? Corpos dançantes reverberam ambiência que se relaciona comunicacionalmente com estas violências?

Se partirmos da colocação em sermos colonizados e colonizadores, torna-se factível que estes padrões permaneçam, adaptando-se pela instabilidade para estabilizarem-se, mas ao reconhecê-los, como proceder? Qual diálogo os corpos dançantes demandariam a si mesmos e às instituições engendrantes de padrões?

Imaginemos que os padrões e seus designers, sejam uma consequência do trauma temporal, o *passado que não passa*, os corpos dançantes repetem-se pelo esquecimento, ou se repetem pois esquecer é uma manutenção do pactuar, arguir o tempo em que o corpo se inscreve, articula um diálogo com este possessor, dançar **como** tempo em vez de dançar **no** tempo, nos aponta Thereza Rocha (2013)¹⁵⁷,

A dança é a condição (paradoxal) do corpo acontecendo **como** tempo, não **no** tempo, mas **como** tempo, presente no par de frases que diz: *A dança só acontece naquilo que ainda não é e naquilo que acabou de deixar de ser*. A dança só ocorre como algo que ao mesmo tempo ainda não é e ainda não deixou de ser. E isso é o mesmo que dizer que o tempo pensa na dança. Importante precisar, neste modo de pensamento, de qual noção de tempo se trata, pois, diferente do que gostaria o senso comum, há outras possibilidades de pensá-lo para longe da aparentemente insuperável noção cronológica [...] segundo a qual ele é tomado como uma seta linear designando um fluxo sucessivo e intermitente, de pulsação regular, que liga passado-presente-futuro. Trata-se aí da pregnante noção homogênea de um tempo que, movendo-se para frente, rouba a vida à medida que passa, pois à mesma medida que se presentifica, mata o presente atrás de si (Rocha, 2013, p. 16 e 17).

¹⁵⁷CARDOSO, Tereza Cristina Rocha. Dança e Liquidade: um estudo sobre tempo e imanência na dança contemporânea. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2013. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v2i1.8297. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/8297>. Acesso em: 17 maio. 2024.

A colocação de Rocha (2013) imprime potência aos corpos dançantes de uma pronúncia temporal que subverteria a cronologia colonizadora, pois ao dançar cômico da possessão, objetivar-se-á criar tempos de concomitâncias, dançar espelhados entre as curvaturas do espiralar, por criações imagéticas que suturem relacionalmente as hélices corrompidas. O corpo dança no instante preme do porvir encharcado de historicidade, que desordenaria a flecha progressista por suas imagens dialogais a possessão, ao *fazer-dizer* de si consentâneo a Jussara Setenta (2008)¹⁵⁸

A percepção e a produção de ações-movimentos do corpo que dança não prescindem das informações que estão no mundo e, num compromisso crítico-reflexivo, aproximam a dança daquilo que ela enuncia. Pensar a dança como um fazer que é dizer e, onde, dança e política co-existam aciona outros modos de agir artisticamente, capaz de discutir, com o seu fazer, qual o “lugar” da dança na sociedade atual. [...] Corpos implicados e comprometidos com as relações que estabelecem com o ambiente. Além disso, constroem condições de contaminação do pensamento para a produção de danças que organizam e enunciam suas idéias de diferentes modos. Em alguns desses modos, os processos tendem a abordagens interrogativas e investigativas pertinentes ao fazer dança (Setenta, 2008, p. 12).

Falar de si é contar uma história, um narrador que perspectivará a si por linguagens literárias que dançam na frente e no anteverso dos olhares refletidos ou difratários. Histórias que formalizadas nos corpos dançantes, consono a Adriana Bittencourt Machado (2018)¹⁵⁹

A dança é um modo de formalização do corpo, o que propicia pensar em como as imagens realizam combinações que se expõem em movimento de dança. As imagens internas, e o seu entorno, constroem nexos por correlações esboçando níveis de coerência para gerar lógicas organizacionais próprias. As imagens do corpo são selecionadas e contam suas histórias através de agenciamentos que se enunciam como acontecimentos. A dança, portanto, tem muitas histórias (Bittencourt, 2018, p. 114 e 115).

Assim sendo, a formalização dos corpos dançantes **como** tempo ao *fazer-dizer* pela sua historicidade, perfaria dançar com os demônios?

Dançando com demônios é concinidade metafórica, que sintetiza intento de nosso percurso, dançar outros tempos com outros corpos. Nossa concupiscência é anélito distributivo, corpúsculo de maresia que ao acaso inalarás. Imagens ortografadas a dançarem narrativas corporificadas de nossa historicidade em sermos corpos dançantes brasileiros, sugestivos *modos perceptivos* num richelieu¹⁶⁰ vulnerável, mas debruado na delicadeza antagônica a violência possessoria. Nesta saga que nos fizemos companhia, já é possível ver ervas compridas que atestam terra em brevidade, por conseguinte luziremos progressos distintos, bifurcações venturas, mas certamente leitor estarás em mim assim como estou em ti.

¹⁵⁸SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: Edufba, 2008.

¹⁵⁹BITTENCOURT, Adriana. Imagem, Corpo e Dança: Imprecisões Quanto a Representação. **O Mosaico**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2018. DOI: 10.33871/21750769.2018.10.1.2372. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2372>. Acesso em: 2 mai. 2024.

¹⁶⁰Técnica de bordado recortado.

10.

Homenagem paródica ao capítulo “LV O VELHO DIÁLOGO DE ADÃO E EVA” em Memórias Póstumas de Bras Cubas, Machado de Assis (1998): O VELHO DIÁLOGO COM O DEMÔNIO.

KALL

... ?

DEMÔNIO

....

KALL

.....

.....

DEMÔNIO

.....!

KALL

.....

DEMÔNIO

.....
.....?
.....

KALL

.....

DEMÔNIO

....

KALL

.....
.....
.....!
.....!

DEMÔNIO

.....?

KALL

.....!

DEMÔNIO

.....!

UM INSTANTE

Meu Deus, um instante
um instante a mais
um instante

Um instante apenas
só mais um
instante

Mais um instante
somente

Um instante a mais
para eu – enfim –
perder

Eder Parladore (2024).

EM PROCESSO DE

A obra que “sugere” realiza-se de cada vez carregando-se das contribuições emotivas e imaginativas do intérprete. Se em cada leitura poética temos um mundo pessoal que tenta adaptar-se fielmente ao mundo do texto, nas obras poéticas deliberadamente baseadas na sugestão, o texto se propõe estimular justamente o mundo pessoal do intérprete, para que este extraia de sua interioridade uma resposta profunda, elaborada por misteriosas consonâncias. Além das intenções metafísicas ou da preciosa e decadente disposição de espírito que move tais poéticas, o mecanismo frutivo revela esse gênero de “abertura”.

Umberto Eco (1991, p. 46).¹⁶¹

¹⁶¹ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991. (Coleção Debates). Título original: Opereta Aperta.

AO VERME
QUE
PRIMEIRO ROEU AS FRIAS CARNES
DO MEU CADÁVER
DEDICO
COMO SAUDOSA LEMBRANÇA
ESTAS
MEMÓRIAS PÓSTUMAS.

Machado de Assis (1998, p. 15).

Já o verme – este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra

Augusto dos Anjos (1998, p.12).

Mas eu *sou* verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado
do povo.

Salmos 22:6¹⁶²

Eu sou um verme que ocupa infinitesimal espaço no intestino do imenso, histórico e sistemático corpo acadêmico, orientado a viver pelo mutualismo e não parasitismo.

Experenciamos fraturas temporais, golpeados por transformações que se espelharam adaptativamente, do pré-projeto “Por uma historiografia dos CorpusBrasileirus: Afetações na produção coreográfica contemporânea” para “Dançando com Demônios: Cartas aos colonizados e colonizadores corpos dançantes brasileiros”. Jornada que se comungara de modo vivaz possuindo me para observação das possessões. São aproximadamente 913 dias de incessante mutabilidade descerrada arditosamente em cada partícula desta dissertação, vertendo e absorvendo liquidez, pelo privilégio oportuno em realizá-la.

Alcance de sonhar balbuciante, que o tempo esta grandeza física conectada aos arranjos das circunstâncias naturais, lograra-me quando assim o permitisse. Tão egrégio que com ele nos entrelaçamos em sua violenta face colonizadora, que nos sucumbe por exigência infinda. Tempo ímpio, desmemoria pelo eterno retorno a ficção que caligrafara e caligrafa por epístolas ou leis. Cartas que mesmo desaparecidas em garrafas navegantes, nos obsedia vampirescamente, tornando-nos vivos mortos alimento de mortos-vivos.

A Carta de Achamento de Pero Vaz de Caminha em sua sofisticada particularidade de documento histórico a registrar “descoberta”, testemunho de um maravilhamento, diríamos, torna-se ainda mais intrigante quando sabemos de sua tradução brasileira, meramente quatrocentos anos após escrita. Fulcro a esta pesquisa, como protótipo ao passado que não passa, e mesmo que esquecido se atualiza permanentemente¹⁶³. Endereçada ao rei e solicitando um particular favor, a carta teria valor

¹⁶² *In*: BÍBLIA SAGRADA. Sl 22, 6. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?], p. 540.

¹⁶³ Indicamos assistir do programa Globo Repórter, exibido no dia 19 de abril de 2024 “Aventura Histórica no Sul da Bahia” que sobrepõe trechos da Carta de Caminha com imagens da geografia e população indígena atual. Disponível em: <https://youtu.be/HNSTw1uHO3s?si=ze4uakMwva7-Ds50> Acesso em: 11 mai. 2024.

proximal publicitário as conquistas encontradas, a natureza descrita para conhecimento de seus melhores aspectos, sopesado encontro com os autóctones, garantindo salvabilidade as suas almas pela expansão do cristianismo, asseverando que dispendiosa viagem não fora em vão.

Cristianização operada militarmente, realizando missas, cravando a cruz, solicitando catequização dos indígenas, implante de dispositivos que incorrerão as violências coloniais possessoras, que invertidas politicamente demonizam os corpos desordeiros. Desordeiros por refutarem ambiência a correlação que a imagem da cruz comunica: condenação pecaminosa dos corpos encarnados à redenção sacrificial do Cristo crucificado.

Conduzimos esta imagem (Bittencourt, 2012) por sua permanência, consequente as fraturas e traumas que assola o tempo espiralar quando colonizado pelo tempo cronológico. Violento colonizar dimanando estiramento ao ritornelo, provoca uma repetição ininterrupta de si, ou seja, o passado que não passa, atualiza-se por transformação ratificadora das imagens. Causal também aos brasileiros de etimologia a atribuir função laboral, comerciante/traficante, que alojados na temporalidade fraturada reitera papel de comerciante/traficante, espelhada ao colonizador, olvidando preservação de colonizados. Imaginamos a coexistências destas duas instâncias, colonizado e colonizador como circunstância do *ser* brasileiro.

Brasileiro colonizado e colonizador, portanto, possuído e possessor, retrato que nos instiga a interferir criticamente, despertados pelos modos de percepção dos tempos e dos corpos, sugerimos possibilidades à demonização operacionalizada pela colonização possessoras. Primeiramente, pela permanência do caráter possessor e obliterante da possessão, o pactuar, que tem sido instrumento político/ideológico, principalmente da branquitude (Bento, 2022). Seguido pelo dialogar, reconhecendo em si as instâncias de colonizador e colonizado debatendo com o demônio as artimanhas que nos faz propagador das violências coloniais.

O demônio, metaforizar da possessão, síntese do implantar colonial, que capturamos em ciência para utilizá-lo inverso ao que lhe fora atribuído pelos catequizadores, tornando-o figura para autoconhecimento.

Nesta postura dialógica a dança, em seus processos e configurações artísticas, incitaria inquirir aos corpos dançantes, matéria propositiva a criações poéticas, ao *fazer-dizer* (Setenta, 2008) de si **como** tempo (Rocha, 2013), contextualizados pela historicidade que singrada fora nesta dissertação. Escrevera dançando, espiralando palavras na feitura do tempo, experiência sondada pelo discretear, compartilhada e empreendida em sua companhia. Muito obrigado.

A você academia, que talhara arcabouço para estas elucubrações, a emprazo a réliquo antelação: conspeto esta arguição caligrafada, pactuará a possessão ou dialogará com os demônios? A este verme, concederia consentâneo?

*Um grito de estrelas vem do infinito
E um bando de luz repete o grito
Todas as cores e outras mais
Procriam flores astrais
O verme passeia na lua cheia.¹⁶⁴*

¹⁶⁴RICARDO, João. CORTÁZAR, Júlio. Flores Astrais. Intérprete: Secos & Molhados. *In: SECOS & Molhados.* Produzido por: João Ricardo. [S.]. Warner Music Brasil, 1974. 1 CD. Faixa 2.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. João 14:6. Português. **A Bíblia Sagrada**. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_14_6/. Acesso em: 02 nov. 2023.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92 p. Título original: Che cos'è il contemporaneo? Che cos'è un dispositivo? L'amico.
- AMARAL, Marina. Safatle: “Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos”. **aPublica**, São Paulo, 6 de abr. de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/safatle-bolsonaro-se-acha-capaz-de-esconder-os-corpos/>. Acesso em: 15 mai. 2024.
- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 25. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- AUGUSTO, André Guimarães. A dessubjetivação do trabalho: o homem como objeto da tecnologia. **Revista de economia contemporânea**, v. 13, n.2. p. 309-328, mai./ago. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rec/article/view/30325>. Acesso em: 15 mai. 2024.
- BARBOSA, Inês; FERREIRA, Fernando Ilídio. Teatro do Oprimido e projeto emancipatório: mutações, fragilidades e combates. Sociedade e Estado. **Revista Sociedade e Estado**. v. 32, n. 2, p. 439-463, 2017. DOI: 10.1590/s0102-69922017.3202008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/v5HLr7jzGrjkMQZVbgPgjH/?lang=pt#> Acesso em: 19 mai. 2024.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 4.^a edição. v. 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. [1986?]. Título original: Auswahl in Drei Baenden.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, SP: Geográfica editora, [2000?].
- BITTENCOURT, Adriana. Imagem, Corpo e Dança: Imprecisões Quanto a Representação. **O Mosaico**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2018. DOI: 10.33871/21750769.2018.10.1.2372. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2372>. Acesso em: 2 mai. 2024.
- CABRAL, Éder; MÜGGE, Ernani. Brasil brasileiro: etimologia, identidade, cultura e trabalho. **Fragmentum**, [S. l.], n. 59, 2022. DOI: 10.5902/2179219469133. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/69133>. Acesso em: 15 out. 2023.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: <https://www.portalabel.org.br/images/pdfs/carta-pero-vaz.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2024.
- CAMINHA, Pêro Vaz de. Carta de. Arquivo Nacional Torre do Tombo: Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836>. Acesso em: 02 nov. 2023.

CARDOSO, Tereza Cristina Rocha. Dança e Liquidade: um estudo sobre tempo e imanência na dança contemporânea. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2013. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v2i1.8297. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/8297>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios: A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Título original: *Thinking with Demons: The Idea of Witchcraft in Early Modern Europe*.

COSTA, Silvio Reinod. A carta de Pero Vaz de Caminha—aspectos informativos, formais e contedúísticos e análise de sua produtividade sufixal. **Linguagem—Estudos e Pesquisas**, v. 8, p. 9, 2006. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/1lb6te4upfddlh4p2j4cafncwm/access/wayback/https://revistas.ufg.br/lep/article/download/32553/17313>. Acesso em: 02 nov. 2023.

COUTINHO, Maria Chalfin; MADERS, Tielly Rosado; TRINDADE, Camila; SAVANHAGO, Liandra “Acho que homem... não é para ele essa profissão”: contrapontos de gênero no trabalho doméstico. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 36, n. 91, p. 1–15, 2019. DOI: 10.7213/psicologum.36.91.AO01. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25846>. Acesso em: 16 mai. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [Recurso eletrônico]. Tradução: Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/07/Angela-Davis-Mulheres-ra%C3%A7a-e-classe-Boitempo.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lucia Machado. Tradução de notas: Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Título original: *La peur em Occidente (XIV^o-XVIII^o siècles): Une cité assiégée*.

DICIONÁRIO Barsa da língua portuguesa. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

DICIONÁRIO do latim essencial. 2 ed. rev. Ampl., 1. reimp. Belo Horizonte: Autência Editora, 2016.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa: Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991. (Coleção Debates). Título original: *Opereta Aperta*.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **Ilinx-Revista do LUME**. p. 1 a 11. n. 4, 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 12 mai. 2024.

FERNANDES, Ciane. Em Busca Da Escrita Com Dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 18–36, 2014. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v2i2.9752. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/9752>. Acesso em: 9 mai. 2024.

FERNANDES, Lucas Bossert; DE CARVALHO AMARO, Terezinha Aparecida. Paralisia do sono: uma breve contribuição da psicanálise. **Atas de Ciências da Saúde** (ISSN 2448-3753), v. 11, n. 2, junho 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/ACIS/article/view/2847>
Acesso em: 02 nov. 2023.

GAMBETTA, Agostinho Ferreira. **História da moeda**, v. 1. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1978.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain *et al.* **História do corpo**: da renascença às luzes. Tradução de Lúcia M. E. Orth; revisão de tradução Ephraim Ferreira Alves. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Tradução: Lucas Machado, 1 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

HARAWAY, Donna. **Promessas de Monstro**: uma política regenerativa para outros inapropriados/áveis. In: WEINTOCK, Jeffrey Andrew (org.). *The Monster Theory Reader*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020, p.459-521.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução: Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, Adriana Bittencourt. **Imagens como acontecimentos**: dispositivos do corpo, dispositivos da dança. Salvador: Edufba, 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2.ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**, poéticas do corpo-tela. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021b. (Encruzilhada).

MEYER, Philippe. **O Olho e o cérebro**: biofilosofia da percepção visual. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução: Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Encruzilhada).

MONTEIRO, Adriano Camargo. **A Cabala Draconiana**. São Paulo: Editora Madras, 2007.

MOORE, Alan. WILLIAMS III, James H. **Promethea**. l. 1. n. 18. DC Comics, fev, 2002.

NOVO DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1975.

PFEFFER, Renato Somberg. Da percepção do mal como privação do bem à percepção do mal como oportunidade de redenção. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, v. 14, n. 27, p. 113-127, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/26477>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PRESTES, Anita Leocadia. Três Regimes Autoritários na história do Brasil Republicano: O Estado Novo (1937-1945), a Ditadura Militar (1964-1985) e o Regime Atual (a partir do Golpe de 2016). **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro. Volume 13, número 1, julho 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/27537> Acesso em: 02 nov. 2023.

RAMOS, Matheus. “Temos que pagar os custos”, diz presidente de Portugal que pela 1ª vez admite culpa por escravidão e genocídio no Brasil. *Notícia Preta*. 24 de abril de 2024. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/primeira-vez-portugal-admite-culpa-por-escravidao-e-genocidio-no-brasil/> Acesso em: 03 mai. 2024.

Revista TRIP. Homenageados. Padre Júlio Lancellotti: pelos direitos humanos e pelas minorias. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2018/padre-julio-lancellotti#:~:text=%22N%C3%A3o%20vou%20ver%20a%20mudan%C3%A7a,meritocr%C3%A1tico%20que%20descarta%20as%20pessoas.%22>. Acesso em: 02 mai. 2024.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. (Coleção Espírito Crítico).

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: Edufba, 2008.

SILVA, Alexandre Rubenich. Mnemosyne e Lethe: a interpretação heideggeriana da verdade. **Revista Archai**, [S. eu.], n. 13, pág. 71 a 84, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8485>. Acesso em: 31 out. 2023.

SILVA, Hernani Francisco da. Definições sobre a Branquitude. **Portal Geledés**. São Paulo, 10 de set. de 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>. Acesso em 27 abr. 2024.

SILVA, Ilse Gomes. Brasil pós-eleições 2018: o neofascismo entra em cena. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 25, n. 47, p. 171–185, 2023. DOI: 10.23925/ls.v25i47.61454. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/61454>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico**: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. A carta de Pero Vaz de Caminha e o descobrimento casual do Brasil. **Revista de História**, [S. l.], v. 30, n. 61, p. 177-180, 1965. DOI: 10.11606/issn.2316-

9141.rh.1965.123309. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123309>
Acesso em: 27 out. 2023.

VIEIRA, Andresa Cristina Corga. **Por terra de Vera Cruz: os olhares do experienciado: Caminha, Mestre João e piloto anônimo.** 250 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares apresenta a Universidade Aberta. Lisboa, 2013.

WEIGERT, Beatriz. Pero Vaz de Caminha: A Carta e seus caminhos. **Letras na América Portuguesa: Autores–Textos–Leitores**, p. 43-54, 2021. Disponível em:
<https://fis.uni-bamberg.de/entities/publication/3ff38eba-d80f-4327-8e44-d3e276b6b480/details>.
Acesso em: 02 nov. 2023.

